MOUNI SADHU

DIAS DE GRANDE PAZ

VIVÊNCIA DA MAIS ALTA YOGA

EDITORA PENSAMENTO

Dias de Grande Paz

Vivência da mais Alta Ioga

MOUNI SADHU

(1897–1972)

Tradução de Leonides Doblins

Edição revista e anotada por Huberto Rohden

EDITORA PENSAMENTO
São Paulo
1970

Créditos

Obra física: Direitos reservados à **Editora Pensamento Ltda**.
Rua Conselheiro Furtado 646 São Paulo SP Brasil
Tradução de Leonides Doblins
Edição, revista e anotada por **Huberto Rohden**
Impresso no Brasil (Printed in Brazil) – 1970 – 229 páginas
(Ausentes no Original: ISBN, CIP e catalografia)

Título do original*: In Days of Great Peace. The Highest Yoga as Lived*
© Autor: **Mouni Sadhu** (1897–1972)
Título: **Dias de Grande Paz**
Subtítulo: **Vivência da Mais Alta Ioga**
ISBN-10: 8531501725 ISBN-13: 978-8531501722
Assunto: Vivência espiritual. Vida Espiritual. Cura do Espírito.

Conversão Digital 2019
Arquivo base: Web (pdf na docgo.net/). Atendido o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na revisão, cujas eventuais observações estão em Notas (**N.R.**); **fotos se acresceram ao original** e um **glossário** em Notas de Rodapé. E-book produzido sem fins lucrativos visando deficientes visuais; se não o for, considere comprar um original e doá-lo a uma biblioteca.



Sumário

DIAS DE GRANDE PAZ
Créditos
Sumário
Prefácio
Introdução à 1ª Edição
Do Prefacio da 2ª Edição
Aos leitores brasileiros
I. Convivência com os Sábios
II. O Primeiro Encontro
III. A Vida no *Ashram* de Maharshi
IV. Lágrimas
V. A Glória do Senhor
VI. A Personalidade de *Sri* Maharshi
VII. Um Desejo Satisfeito
VIII. O Amor
IX. Meus Passos até Maharshi
X. Como o Sândalo
XI. No *Ashram*
XII. Os Ensinamentos de Maharshi
XIII. O Caminho Direto
XIV. A Técnica da *Vichara*
XV. “Ó MARTA! …”
XVI. Os Últimos Retratos do Mestre
XVII. Nova Intervenção Cirúrgica
XVIII. A Visita às Cavernas
XIX. Arunáchala Vista de Dia
XX. O Poder em Nós
XXI. No *Ashram* de *Sri* Aurobindo
XXII. A “Corrente-EU”
XXIII. O Túmulo do Santo Muçulmano
XXIV. Na Ausência do Mestre
XXV. O *Darshan* Restabelecido
XXVI. Iniciações
XXVII. Um Concerto
XXVIII. Folhas Esparsas
XXIX. Os Olhos de Maharshi
XXX. “Asperges-me com Hissope”
XXXI. Arunáchala à Noite
XXXII. Separado da Mente
XXXIII. Deus
XXXIV. Recordações
XXXV. Correspondência
Qual deve ser a atitude na presença do Mestre?
O Eu e o Mundo Visível
Sociedades Iniciáticas
Obstáculos à realização do Eu

Orações
A Graça do Mestre
Submissão
Amor
O Mestre
Controle da Mente
Samadhi
XXXVI. Eu e Vós
XXXVII. Réquiem
XXXVIII. Que é Meditação
XXXIX. Técnicas de Meditação
XL. Os Últimos Dias
XLI. Minha nova Concepção da Vida
XLII. “Buscai primeiro o Reino de Deus…”
XLIII. A Partida
XLIV. Adeus
XLV. Samadhi
XLVI. Temas para Meditação
XLVII. Colombo
XLVIII. Em Alto Mar
XLIX. A Luz está brilhando
L. A Última Mensagem
EPÍLOGO
Sobre o Autor

Prefácio

Por **M. Hafiz Syed**. M. A.
Dr. em Filosofia e Literatura

Prossegue na investigação “ *Quem sou eu?* “ Perseverantemente analisa toda a tua personalidade. Procura descobrir onde começa o pensamento eu. Continua as meditações. Fixa tua atenção no eu íntimo. Um dia a roda do pensamento vai parar e a intuição surgirá misteriosamente. Obedece a essa intuição e deixa o pensamento parar, e a intuição te guiará para a meta”. *Dos ensinamentos de Maharshi*. “Se a Suprema Verdade não é conhecida, o estudo das Escrituras é estéril, e, quando a Suprema Verdade é compreendida, o estudo das Escrituras se torna inútil”.

De Shri[{1}] *Shankaracharya*

A maior parte das pessoas neste mundo não tem fé nos valores espirituais. Para elas, a mente é tudo, e esta as leva a inúmeras reflexões e especulações. Alguns se dizem céticos e ainda outros orgulham-se de serem puros materialistas. A Verdade é velada pela nossa própria ignorância e nós não a buscamos com suficiente insistência.

Tendo exercitado nosso intelecto até certo limite, pensamos não haver esperança para investigações e descobertas mais amplas. Essa atitude da mente é o resultado do estudo dos sistemas de filósofos ocidentais, que, do ponto de vista oriental, é estéril, e não nos conduz a nada, além de especulações e simples conjeturas sobre a Verdade. Mas a filosofia oriental, especialmente o modo de pensar indiano, dá alguma esperança real, ao aspirante sério, na vereda da busca da Verdade. Quase todos os pensadores antigos, santos e sábios, indicaram o caminho prático e seguro, e, ao segui-

lo, podemos estar livres de toda a dúvida e incerteza e compreender o sentido e a razão de ser da vida. Seu método de busca da Verdade é deveras científico. Eles não dogmatizam nem exigem credulidade em vez de fé. Apontam, simplesmente, o caminho e estabelecem certas condições definidas para alcançá-lo.

O sucesso final nesse caminho depende unicamente do próprio esforço do aspirante e da autoinvestigação. A primeira condição é o desejo sério, a sede insaciável de beber a água da vida. Em resposta a uma pergunta sobre os requisitos para a qualificação de um discípulo, declarou *Sri*[{2}] Ramana Maharshi, certa vez: "*Ele deve ter o intenso e incessante anseio de libertar-se das misérias da vida e de obter suprema beatitude espiritual: não deve ter o menor desejo por outra coisa*".

O segundo requisito é o esforço incessante acompanhado da cuidadosa observância das regras de conduta e o cultivo das virtudes do desprendimento e do discernimento.

O terceiro é a busca de um ***Sad Guru***, um mestre verdadeiro que o possa guiar com sucesso real à meta que lhe está destinada.

Podemos acrescentar que as antigas escrituras hindus e os *Upanishades* já nos deram as diretrizes necessárias sobre o caminho e seus alcances. Mas a verdade a ser achada por esse método científico e definido é eterna, conhecida pelos antigos sábios, e necessita de ser testificada por testemunhas vivas, de tempos a tempos. E esses sábios nos tem ensinado a chegar à conclusão lógica de que somente um mestre vivo pode ensinar-nos a verdade dos *Upanishades*, e não os próprios *Upanishades*, que são apenas palavras e pouco mais, enquanto o mestre é a encarnação da Verdade que buscamos.

Mouni Sadhu, o autor do livro *In Days of Great Peace* (**Dias de Grande Paz**), parece ter preenchido todas as condições humanamente possíveis. Como aspirante sério, seguiu diversos métodos sobre a realização de Deus, de diversas escolas de Ioga, ocultismo e misticismo, e finalmente encontrou seu Mestre e Guru real, *Bhagavan*[{3}] *Sri* Ramana Maharshi, o qual, achando-o preparado e com as condições acima mencionadas, lhe concedeu sua graça, erradicou a egoidade[{4}] dele (conforme afirma o próprio

autor). Eu eterno e permanente.

A meu modo de ver. há duas espécies de fé racional na realidade da vida espiritual:

1) A *fé indireta*, da qual temos notícias pelas experiências e vereditos de destemidos aspirantes à Verdade que tiveram a coragem, persistência e vontade férrea de lutar através do espinhoso caminho da autorrealização e em cujas palavras, de acordo com seus antecedentes e integridade pessoal, temos de confiar.

2) A *fé nascida da experiência direta* — algo que não permite possibilidade de dúvida nem negação.

O livro de Mouni Sadhu é uma preciosa evidência da fé indireta, a qual temos de investigar atenta e corretamente e verificar por nós mesmos.

O autor redigiu com meticuloso cuidado as suas experiências íntimas e inexprimíveis, tão fiel, primorosa e humanamente quanto é possível. Compete a nós agora aproveitá-las de acordo com a nossa capacidade.

Movido pelo sentimento de servir com desprendimento e pelo desejo de repartir com outros, experiências e convicções resultantes de seu conhecimento direto ele concretizou pensamentos e sentimentos na forma deste livro fascinante inspirador e altamente instrutivo. Os leitores sérios, ao lê-lo, encontrarão nele não somente a evidência de alguém que já ultrapassou as praias do *samsara*[5] ilusório, como também motivos para pensamentos e inspirações.

Dr. M. Haftz Syed
Junho de 1953.

Introdução à 1ª Edição

Minha visita ao último grande *Ríshi* (sábio) da Índia — conhecido há quarenta anos como *Sri*{6} *Ramana Maharshi* —, foi planejada há quatro anos, mas as condições de após-guerra não eram favoráveis às viagens de continente para continente, principalmente se essa viagem fosse por mar e não via aérea.

Ainda assim cheguei a tempo no *ashram*{7}. Apesar de ser grave o estado de saúde do sábio — pois todos compreendiam que em breve deixaria esse mundo, no qual viveu mais de setenta anos — era permitido aproximar-se dele e fazer-lhe perguntas como antes.

Mas, em geral, os visitantes não sentiam desejo de fazer-lhe perguntas, e sim de estar unicamente em sua presença.

Os ensinamentos de Maharshi foram expostos por ele mesmo em várias obras pequenas. Além disso, muitas obras foram publicadas, provenientes de anotações cuidadosas feitas por seus discípulos. Daí o fato de seus ensinamentos geralmente já terem sido lidos pelas pessoas que visitavam o *ashram*. Escutar, porquanto, o que eles já sabiam não era o principal desejo daqueles que chegavam, vindos de diferentes pontos da Terra. Era a presença do Santo que atraía, qual ímã invisível e poderoso, os afortunados a quem os decretos da Providência indicavam o caminho para ele.



Este diário foi escrito esporadicamente. Simplesmente algumas notas apressadas, em frases breves, em fragmentos de papel, sem títulos e até mesmo sem data; pois o tempo parece, de certo modo, ter cessado nesse estranho recanto da Terra. Transferi simplesmente para o papel, sem plano

algum, minhas experiências espirituais, disposição e estado mental, conforme se apresentavam dia após dia, quando me sentava aos pés do Maharshi.

Das minhas peregrinações “em busca da Verdade”, havia eu trazido enorme lastro mental em forma de várias teorias de ocultismo e fragmentos de ensinamentos de outros mestres. Eis porque, quando experimentei expressar em palavras as experiências íntimas e transcendentais que havia tido na presença de Maharshi, tomavam, contra a minha vontade, certas formas mentais já preparadas, de ideias e mesmo, de frases.

Jamais a palavra humana poderá expressar aquilo que chamamos Verdade, Espírito ou Deus.

Todavia, aqueles que trilharam o caminho da busca, antes de nós, deixaram alguns traços de suas experiências nas escrituras sagradas de todas as religiões. Nelas, encontramos palavras de tal poder e beleza que qualquer tentativa para procurar melhores formas para Aquilo que não tem forma, é vã e fútil. As palavras dos grandes mestres e guias da Humanidade são correntes de poder e luz. Não é para admirar que todo aquele que se acha em presença de um deles entre, por assim dizer, inconscientemente, nessa corrente.

Muitas vezes, depois da meditação ou contemplação, na presença de Maharshi, uma ou mais de tais frases, clássicas e breves, espécie de axiomas espirituais, vinham espontaneamente à minha memória, e eu as tomei como “*divisa*” das anotações diárias e preferi usá-las aqui como subtítulos de capítulos por serem mais significativas do que datas.



Não tentei registrar nenhum dos ensinamentos de Maharshi, como já mencionei, porque esses podem ser encontrados em muitas obras. Meu propósito foi o de anotar o que essas obras não contêm, isto é a experiência real de um homem desejoso de conhecer o significado e as influências da presença de um grande sábio e santo. Li muitas descrições de discípulos hábeis em classificar as qualidades e os ensinamentos de seus mestres que

eu conhecia, teoricamente, e o que se podia esperar na presença de um deles. Mas toda teoria, todo o conhecimento adquirido se reduz a poeira, quando estamos face a face com um homem perfeito. Tornam-se supérfluas, como as complicadas roupas ocidentais, com seus colarinhos e gravatas o são, no calor impiedoso desta parte da Índia.

Entre os numerosos discípulos de Maharshi, espalhados por todo o mundo, os indianos são, sem dúvida, em maior número. E não é de estranhar. Eles estiveram durante muito tempo mais perto da luz. Tiveram mais oportunidade de estar em contato com o Sábio e de compreender seus ensinamentos. Muitos dentre eles são realmente adiantados e tiveram experiências espirituais importantes e elevadas. Mas esses nossos irmãos — iogues{8} indianos —, não gostam de falar e muito menos de escrever sobre seus voos mais elevados. Preferem falar sobre os caminhos que guiam o homem a essas experiências místicas.

Há muitas obras nesse sentido, tanto na Índia como em outras partes do mundo. Eles devem ter, sem dúvida, razões para tal atitude. Antes de tudo, creem que o que poderiam ter a possibilidade de dizer já foi dito pelos mestres — e que ninguém o poderia fazer melhor do que os próprios mestres.

Além disso, os indianos têm ilimitada confiança nos decretos do Altíssimo. Creem firmemente que sobre o Altíssimo recai inteira responsabilidade pela sua criação. Daí não se sentirem os indianos induzidos a trabalhar para a elevação ou melhoramento deste mundo. O ocidental, ao contrário, possui a tendência inata de repartir com os outros suas descobertas e experiências, quando sente que isto pode ser de alguma utilidade. E é por isso que o ocidental escreve.

Penso que ambos, indianos e ocidentais, estão certos em seus respectivos pontos de vista; o que difere são somente as tarefas e missões desses e daqueles.

Mouni Sadhu

Do Prefacio da 2ª Edição

A primeira edição deste livro foi publicada em outubro de 1952 sob o título *In Days of Great Peace*. Seguindo o conselho de numerosas opiniões favoráveis e sugestões de pessoas autorizadas, tanto da Índia como do Ocidente, decidiu-se fazer uma revisão da obra, adicionando-lhe alguns capítulos baseados em meu diário do *ashram*.

Ao expressar minhas próprias experiências, pareceu-me melhor usar a forma mais simples possível, evitando termos técnicos da Ioga{9} clássica, que poderiam confundir o estudante não familiarizado com eles.

Para transmitir assuntos espirituais é necessário evitar sobrecarregar a mente, pois isso desviaria a atenção e a mensagem principal não seria absorvida. Empreguei, pois, as palavras ditas por *Sri*{10} Maharshi em minha presença e nas suas interpretações, bem como outras sobre os ensinamentos do Sábio publicadas anteriormente, cujas obras foram revisadas por ele, tais como: *Life and Teachings of Sri Ramana Maharshi* por Narasimha *Swami*. 3ª edição, 1936; *Maha Yoga* por Who. 3ª edição, 1947; *Maharshi's Gospel*, 4ª edição, 1946. *Spiritual Instruction* e *Who am I* — dois livrinhos compilados de ensinamentos do Sábio, dados por escrito a seus primeiros discípulos entre 1900 e 1902.

Após o passamento de *Sri* Maharshi, em 14 de abril de 1950, foram publicados alguns livros contendo "novas" interpretações de suas palavras, por discípulos antigos do *ashram*.

É possível que essas obras estejam corretas, mas preferi limitar-me à descrição dos nomes das obras acima, aprovadas pelo próprio Mestre. Relatei ao leitor o que experimentei e responsabilizo-me pela exatidão do que escrevi.

Os ensinamentos do Sábio variam de acordo com o desenvolvimento, afeição e prática de cada estudante. O ensinamento em si é tão simples que

não pode haver grande diferença em seu tema principal, mas as interpretações individuais podem divergir em seus detalhes. A interpretação mais verdadeira é a que surge no coração do discípulo pela Graça do Mestre.

A verdadeira realização não é o resultado das palavras do ensinamento o a pessoa não é atraída para o caminho direto pela exatidão da biografia do *Ríshi*{11}.

Um Mestre ocidental disse no começo deste século: "Aquele que deixa esse mundo, cego espiritualmente, permanecerá cego após a morte". Isto é, o fato de deixar o corpo não traz, em si mesmo, a iluminação.

Sri Maharshi acentuou, muitas vezes, a necessidade de tentarmos experimentar a realização AQUI e AGORA, e nenhum mestre espiritual jamais contradisse a isto.

Os Santos e os Iogues compreenderam a necessidade disso e não o deixaram para mais tarde.

Já que a realização nada mais é do que a elevação de nossa consciência ao nível do Ser-Espírito-Realidade, o que significa transcender a chamada consciência "*normal*" da mente-cérebro — ou ego — deve, inevitavelmente, ser sucedida por algumas formas de superconsciência ou *samadhi*{12}. Essas experiências extáticas são necessárias antes de obter-se o *samadhi* permanente e final ou *Sahaja Samadhi*. No Ocidente, algumas pessoas chamam "Iniciações" ao *samadhi*.

Quando perguntavam a *Sri* Maharshi por que é que ele não passara por essas "Iniciações" nesta vida e alcançou, quase imediatamente, o *samadhi* final, respondeu que aquele que alcançou o ponto mais alto, deve ter passado por todas as outras iniciações em existência anterior.

Assim, devemos aceitar o fato de que essas experiências espirituais são necessárias para que possamos alcançar o estado de "liberto", *Ríshi*, *Jivan-Mukti* ou simplesmente *Mestre*. Os termos são sinônimos.

Assim, cada um de nós deve experimentar isso, eventualmente, mas os seus detalhes diferem de acordo com as divergências de indivíduos. Mas

saber que outros conheceram essas experiências é encorajador às perspectivas do estudante da verdade do Ser.

É esta a razão do aparecimento deste livro. Quando surge a pergunta: “Quem lhe deu essas experiências?”, a única resposta possível de ser expressa em palavras é: “*A certeza absoluta de que o caminho existe, que Deus pode ser alcançado e que somente o Mestre pode conduzir-nos a Ele*”.

Também surgiu a pergunta: “*O que acontece a um discípulo quando ele se separa do Mestre em seu corpo físico?* “ Tudo o que posso dizer é que a ligação com o Mestre nunca sofre alteração ou prejuízo. De modo misterioso o Mestre conduz seus seguidores para sempre. Há quem ache que seu progresso se acelerou mais depois que o Mestre deixou o corpo, do que quando estava ao lado dele em sua presença física.

O Mestre abençoa a semente que semeia em nós e o tempo faz o resto, de acordo com o merecimento dos discípulos. E então encontramos a razão do fato aparentemente estranho de o Mestre mandar seus discípulos sair do *ashram* para o mundo. É que o seu progresso pode ser completado fora do *ashram*.

Após ter sido cultivada na estufa, a planta deve crescer ao ar livre. Mas o sol que brilha sobre ela é o mesmo.

Mouni Sadhu
Junho, 1953.

Aos leitores brasileiros

Este é, sem dúvida, um dos mais preciosos livros escritos por um homem que teve experiências profundas da realidade espiritual aos pés de um grande Iniciado dos nossos dias. O valor único deste livro está em seu cunho de vivência genuína e imediata; o autor não tenta servir aos leitores algo que tenha pensado sobre Ramana Maharshi: não tenta sequer interpretar, a seu modo, a doutrina do Mestre — não, ele simplesmente reflete, como um espelho fiel, o que sentiu, viveu, sofreu e saboreou, naqueles momentos de inefável e anônima felicidade, em profundo silêncio e total ego-vacuidade, quando se achava sentado na penumbra do *ashram* de Arunáchala, sem nada pensar nem querer, mas permitindo simplesmente que a invisível plenitude espiritual do mestre fluísse da sua fonte cósmica e se derramasse espontaneamente nos canais do discípulo receptivo.

Mouni Sadhu, nesses momentos eternos, deixava de ser ego-pensante, ego-vivente, ego-agente — e tornava-se cosmo-pensado, cosmo-vivido, cosmo-agido, como diríamos na linguagem da nossa Filosofia Cósmica, embora o autor não se sirva destas palavras, familiares aos leitores dos meus livros.

Sendo o autor ainda vivo, acrescentou a última edição do original inglês um capítulo novo intitulado “O Caminho Direto”, e cancelou o capítulo “Adyar”, que figurava em edições anteriores. Também a sequência de outros capítulos difere da ordem que os leitores brasileiros talvez conheçam. Mas o conteúdo do livro é sempre o mesmo, de fascinante autenticidade e vivência imediata da realidade.

A presente edição portuguesa é calcada sobre a mais recente edição inglesa.

Quanto à forma literária, fui convidado pelo atual editor a submeter o texto antigo a uma criteriosa revisão. Foi o que fiz, trabalho esse que me obrigou a uma tradução quase inteiramente nova, de acordo com a última

edição do original, feita sob os auspícios do autor.

Dias de Grande Paz pode ser o início de uma grande paz, de uma "paz que o mundo não pode dar", para todo leitor que viva e assimile o seu conteúdo, em dias de profunda interiorização. O foco central do livro é o autoconhecimento, manifestado em autorrealização; é o antiquíssimo e novíssimo "homem, conhece-te a ti mesmo", quintessência da filosofia da Grécia; é o eterno "homem, torna-te atualmente o que és potencialmente", imperativo categórico da mística oriental e da psicologia ocidental.

O alfa e ômega deste livro coincidem com a própria alma do Evangelho do Cristo, consubstanciado nos "dois mandamentos em que consistem toda a lei e os profetas": na sublime vertical do "primeiro e maior de todos os mandamentos" (autoconhecimento), e na vasta horizontal do "segundo mandamento'' (autorrealização) — *mística revelada em ética*.

A Humanidade, neste ocaso do segundo milênio da era cristã, debate-se num caos sem precedentes, procurando uma saída do labirinto dos seus problemas. Mas a única saída real, a única solução dos dolorosos problemas em que o homem se debate, é a que vem frisada em todas as páginas deste livro: não é. em primeiro lugar, a reforma religiosa e social da Humanidade, mas sim, a conversão individual do homem.

Enquanto o homem não fizer dentro de si mesmo o grande tratado de paz, não poderá haver paz fora dele, paz doméstica, paz social, paz nacional, paz internacional. A história multimilenar da Humanidade resume-se em guerras e armistícios — mas nem estes, nem aquelas são verdadeira paz. Armistícios que culminam em guerra, guerra que termina em armistício — é este o eterno círculo vicioso da Humanidade-ego, porque o homem-Eu não estabeleceu a verdadeira paz dentro de si mesmo, o definitivo tratado de paz entre o seu ego humano e o seu Eu divino; o homem não proclamou ainda a soberania da sua substância divina sobre as tiranias das circunstâncias humanas, e por isto a Humanidade só conhece a "guerra fria ' dos armistícios ou a "guerra quente" nos campos de batalha.

É necessário que o homem, finalmente, tenha a sinceridade de rezar o humilde *confiteor*{13} da própria culpa, desperte em si o "príncipe da paz", o seu Cristo interno, o Pai nele, a luz do mundo, o reino de Deus, que sempre

esteve nele, mas que o homem-ego não despertou nem conscientizou devidamente.

Culpa gera sofrimento, mas o sofrimento, devidamente reconhecido e aceito, pode ser o prelúdio da redenção.

A Humanidade, tão tremendamente culpada pelo abuso do seu livre arbítrio, está sofrendo as consequências da própria culpabilidade, e, segundo o Evangelho e as profecias, é este apenas "o início das dores"; os videntes falam de horrores crescentes que culminarão, no fim do século, com uma catástrofe mundial, talvez com um cataclismo cósmico sem precedentes…

O que não for ouro de lei desaparecerá na tremenda conflagração mundial. Ouro de lei, porém, é tão-somente o autoconhecimento dos mestres: "*amarás o Senhor teu Deus com toda a tua alma, com toda a tua mente, com todo o teu coração e com todas as tuas forças*"; autorrealização é tão-somente a ética transbordante desta mística: "*amarás o teu próximo como a ti mesmo*".

Dias de Grande Paz é um brado de alarme para a Humanidade culpada e sofredora deste ocaso do segundo milênio — e ao mesmo tempo um raio de esperança para a nova Humanidade remida, na alvorada do terceiro milênio.

Oxalá o homem-ego de hoje seja o prelúdio do homem-Eu de amanhã!

Huberto Rohden.
São Paulo, caixa postal 1025.

I.

Convivência com os Sábios

A convivência com os Sábios que realizaram a Verdade remove os apegos materiais, e, quando estes são removidos, as inclinações da mente são destruídas completamente. E aqueles cujas inclinações mentais são destruídas, tornam-se Um com Aquilo que é imutável e obtêm a libertação ainda nesta vida. Procurai, portanto, a convivência com tais Sábios.

Da obra *Truth Revealed*

De **Maharshi**

Maharshi deixou esse mundo seis meses depois de ter eu deixado a Índia. Entre as suas últimas palavras figuram estas: “Dizem que estou morrendo, mas estarei aqui, mais vivo do que nunca. Para onde eu poderia ir”?

Muitos de seus discípulos, que residiam a milhares de milhas do *ashram*, souberam de sua morte no próprio dia em que ocorreu. Pelas informações recebidas verificou-se que a notícia foi comunicada misticamente ou, poder-se-ia dizer, foi irradiada várias horas antes de ele dar o último suspiro, em lugares da Índia onde as cartas chegavam somente depois de uma semana. Mostravam ainda estas informações que nenhum discípulo verdadeiro do Mestre sentiu tristeza ou desespero. A mesma atmosfera de uma lúcida onda de paz e luz espiritual foi sentida pelos corações de seus discípulos, tanto no *ashram* do Santo, como à distância.

“O mundo com seus fenômenos físicos é para nosso Eu Real como um sonho ou uma sombra para o homem acordado. Preocupa-se acaso o homem com o sonho da noite anterior ou com a sombra

projetada pelo seu corpo”?

Palavras de Maharshi.

“*Nenhuma das religiões do mundo conseguiu espiritualizar ou tornar feliz a Humanidade, ainda que todas tenham dado libertação — “salvação” em linguagem comum —, a muitos indivíduos*.

Palavras do filósofo indiano *Sri* Aurobindo.

O poder espiritual de todos os santos e sábios é sentido mais vivida e diretamente pelos seus contemporâneos. Com o correr do tempo, o que era uma revelação torna-se um dogma morto. E, quando um povo canoniza um santo e constrói templos para ele, esses templos o encerram em suas estreitas paredes, onde o espírito é sufocado e cessa de ser uma força vivificante e inspiradora.

Seus seguidores, em sucessivas gerações, questionam entre si sobre cada uma das palavras atribuídas ao Mestre. Discutem a “autenticidade dos textos” e fazem tudo, menos o que de mais importante ensinou o Grande Ser, isto é: “tornar-se semelhante a ele”.

Contudo, nem todas as sementes caem em terreno árido. Algumas dão abundantes colheitas. E nelas reside a esperança do futuro da Humanidade errante. A vida de homens como Maharshi dá prova desta verdade. *São semelhantes aos meteoros que em sua rota iluminam a noite mais escura*. Aqueles que podem perceber o caminho, no clarão dessa luz, saberão, dali por diante, aonde ele conduz.

II.

O Primeiro Encontro

Quando cheguei à morada de Maharshi, chamada o *Ramanashram*, e saltei do carro de duas rodas, exatamente em frente ao templo, apesar da hora tardia fui levado à presença do Sábio, de acordo com o costume do lugar.

Maharshi estava sentado no vestíbulo, junto a uma das paredes, e parecia ter terminado sua refeição. Havia ali outras pessoas — todas indianas — sentadas em filas entre as colunas. Fui conduzido para perto de Maharshi e a pessoa que me conduziu disse algumas palavras ao sábio, das quais a única que entendi foi o nome do país donde eu procedia.

O santo levantou a cabeça, olhou-me e fez-me um gesto com a mão para que me aproximasse. Senti, imediatamente, pela delicadeza e suavidade desse movimento, que estava em frente de um grande homem.

Sua atitude era tão natural, que nenhum recém-chegado se sentia admirado ou tímido e, em presença de Maharshi, toda a crítica ou curiosidade desaparecia. Assim, fui incapaz de fazer observações ou comparações, ainda que subconscientemente possa ter tido essa intenção, quando imaginava esse primeiro encontro, antes de vir ao *ashram*. A imagem do Santo estava gravada nitidamente em minha mente, nesse instante, sem nenhuma qualificação, tal como uma figura é apanhada num filme. Mas, como nada pode ser explicado sem palavras, tentarei descrever sua aparência.

Maharshi, como eu o vi, era um homem idoso, magro, muito esbelto, de cabelo branco; sua pele era da cor de velho marfim; os movimentos

fáceis, suaves e calmos; a fisionomia transmitia o estado natural de uma concentração interior sem o mais leve esforço da vontade.

Ou deveria dizer que alcançou esse estado quando já não era necessário empregar o poder da vontade para dominar algum obstáculo ou alcançar algum fim, *pela simples razão de que tudo já havia sido alcançado?* Era a primeira manifestação da irradiação invisível, que fui testemunhando dia após dia. durante os meses subsequentes. E no momento em que escrevo estas palavras admiro-me de não ter esquecido o menor detalhe, podendo evocá-lo do meu cérebro como fotografia gravada numa oculta chapa sensível, cuja existência mesmo eu ignorava.

Modesta ceia indiana foi servida — um pouco de arroz, vegetais e frutas sobre uma folha de bananeira. Quando terminei a refeição, Maharshi já se havia retirado. Logo que me encontrei no pequeno quarto preparado para mim, deitei-me e dormi imediatamente, pois estava cansado da longa viagem.

III.

A Vida no *Ashram* de Maharshi

Passei o dia seguinte a me enfronhar nas coisas do *ashram*: os horários de meditações em presença do Mestre, a hora das refeições, etc. Tive de proteger também algumas provisões de boca, que havia levado comigo, contra as formigas, que sem demora descobriram e se reuniram ao redor das latas de mel e de biscoitos, ainda que estivessem hermeticamente fechadas. Também tive de tratar de apanhar água para beber, numa fonte próxima.

A vida simples do *ashram* auxilia a gente a concentrar-se e mergulhar profundamente no seu interior. A própria atmosfera do lugar, carregada com os pensamentos de tantas pessoas que buscaram o seu verdadeiro Eu, de acordo com os ensinamentos do Mestre, torna a mente introspectiva e favorável à interiorização. A influência invisível e poderosa da colina sagrada de Arunáchala também contribui para a criação desse ambiente especial; mas sobre isto falarei mais tarde.

Às 7 horas da manhã forte som de um gongo nos anunciava a hora do desjejum. Quando cheguei ao refeitório, Maharshi subia os poucos degraus que para ali conduziam, auxiliado por diversos indianos, seus assistentes permanentes. Nessa manhã clara notei, pela primeira vez, o estado realmente precário de seu físico.

Caminhava com dificuldade, pois tinha os joelhos e tornozelos inchados pelo reumatismo. O braço esquerdo e cotovelo envoltos em ataduras, devido a um tumor maligno, que se manifestara cerca de seis meses antes e que, a despeito de duas operações, não havia cessado sua obra destruidora, que causaria a morte de Maharshi, um ano mais tarde. Tinha a

cabeça levemente pendida, o que aumentava a impressão de que estava bem doente; todo o seu corpo, aliás ereto e forte, estava, então, curvado e fraco.

Chegado ao refeitório, Maharshi tomou seu lugar junto à parede oposta à porta da entrada, onde se sentou sozinho. À sua frente foram espalhadas folhas verdes sobre o assoalho, onde se acomodariam os residentes. Eu ocupei um lugar à direita, a uns três metros de distância, e esse foi sempre o meu lugar à mesa durante o período de minha estada no *ashram*.

O sábio, do acordo com os costumes indianos, comeu com a mão. Seus movimentos pareciam automáticos. Vi que se apercebia de tudo o que se passava ao seu redor, reagindo a seu modo aos fenômenos da vida exterior, mas eu estava certo de que o seu Eu real não tomava parte nas funções e ações de seu veículo visível. Mais tarde compreendi que, de acordo com os seus próprios ensinamentos, este plano de existência física era, para ele, como um sonho.

Compreendi também que, se eu não conseguisse realizar esse estado em mim com relação ao exterior, jamais poderia conhecer a Realidade. A compreensão desta verdade é o primeiro passo real para nos libertarmos dos grilhões da mente. Durante toda a nossa vida, a mente cria milhões de pensamentos sem finalidade alguma. Um dos discípulos europeus do sábio teve esta frase exata: "*Nossa mente cria seus próprios problemas, e então procura resolvê-los, mas eles jamais terão solução, pois isto não é possível na esfera limitada de sua atividade*".

Há três refeições durante o dia, no *ashram*; a primeira às 7 horas; o almoço às 11,30, e o jantar às 17,30. Às 15,30 é servido aos hóspedes e visitantes do *ashram* chá, café ou leite, a pedido pessoal, conforme o meu caso. Os pratos são bem preparados, mas alguns vegetais ou pastéis vem muito temperados e são ardidos demais para o paladar europeu. Em breve, porém, compreendi que nesse clima tropical os temperos fortes fazem bem, e comecei a comer molhos ardidos de pimenta e outros pratos — com exceção de alguns, que os serventes, notando que ficavam no meu prato de folha, cessaram de servir-me.

Maharshi comia um pouco de cada coisa. No fim da refeição, quando

serviam a coalhada, ele abria um espaço no meio do arroz para o líquido, fazendo um gesto ao brâmane que o servia quando tinha o suficiente. Jamais deixou um só grão de arroz em seu prato de folha. Isso é considerado como um dever por aqueles que conhecem os costumes hindus, que regem cada passo do indivíduo no plano físico.

A princípio, eu não podia compreender essa submissão do grande sábio a costumes exteriores, uma vez que ele via o mundo como uma ilusão da nossa mente e dos cinco sentidos, seus servos. Mais tarde, na presença de Maharshi, minha mente foi-se tornando cada vez mais tranquila e mais apta a julgar corretamente e, quando todos os horizontes do pensamento se tornaram mais claros, essa dúvida, bem como muitas outras, desapareceram.

Durante as primeiras semanas no *ashram*, Maharshi passava o dia todo, com exceção das horas de sono e das refeições, numa pequena cabana coberta de folhas de bambu, próxima ao edifício da biblioteca, que ficava em frente ao refeitório. Ali se deixava ficar recostado sobre uma grande pedra forrada de esteiras, e coberto com colchas de algodão e umas poucas almofadas.

É hábito europeu julgar tudo pelas aparências materiais e, assim que vi Maharshi naquela cama de pedra, ocorreu-me o pensamento de que seu reumatismo se devia a ter-se ele sentado em pedra durante muitos anos. Não compreendi que o que pode acontecer em países mais frios não acontecia necessariamente na Índia, o que mais tarde observei durante as noites em que visitei a sagrada colina de Arunáchala, isto é, que as enormes pedras da colina, onde me sentava, conservavam o calor do sol por muitas horas, e não se tomavam frias durante a noite toda.

Diante de Maharshi, sentados no assoalho, achavam-se seus discípulos e os visitantes. Alguns *sadhus*{14}, discípulos do Mestre, costumavam vir das cavernas da colina Arunáchala, para as meditações da manhã e da tarde. Todos os dias recitavam-se os *Vedas*, e antes da última refeição eram cantados hinos sacros, entre estes os hinos compostos pelo próprio Maharshi, quando mais moço.

Cada quinze dias, um brâmane erudito que residia no *ashram* cantava um belíssimo hino em louvor ao “Deus Universal”. A melodia era muito

harmoniosa e o final das palavras, que nunca pude entender permaneceu para sempre em minha memória, como muitas outras coisas dessa morada de paz.

Mais tarde, no turbilhão da vida terrena, quando relembrava as palavras de Maharshi: "***Pensa no teu Eu real***", e compreendi a necessidade disto, verifiquei que a memória dessa melodia, o som interior dela ouvido, harmonizava imediatamente minha consciência.

Levei tempo para me ajustar ao ritmo da vida do *ashram*; nem pude aproximar-me logo intimamente de Maharshi. A princípio, sustentei lutas com o mental desconfiado, que tinha a tendência de imiscuir-se, em busca de faltas, na vida daqueles que rodeavam o sábio. Eu estava apenas perdendo um tempo precioso numa batalha vã do meu mental, que era qual "moinho de vento'*.

Olhava o Maharshi através da estreita cidadela do meu ego, da minha pequena personalidade. Sabia que não devia fazer isto, que devia dar um passo para fora do meu ego, num caminho mais amplo, e que somente assim poderia encontrar iluminação.

Estava eu atravessando uma prova bem conhecida dos psicólogos ocultistas. Pode a mente raciocinar e discutir assuntos elevados; pode até criar obras em que ideias espirituais são expostas, sob a inspiração do Mestre. Mas, quando o Real, a experiência da Realidade se aproxima, quando *temos de viver* o que foi tão inteligentemente exposto — ai de nós! Então se abre um abismo, então soa uma nota dissonante.

Entretanto, os dias se sucediam e a radiação que emanava do sábio foi produzindo lentamente efeitos invisíveis.

A princípio, desejava eu falar-lhe, mas desanimava diante da superficialidade do que eu tinha a dizer. Por fim, porém, a intuição mostrou-me o caminho certo.

> "*O silêncio é a mais poderosa forma de ensinamento transmitido de Mestre a discípulo. Não existe palavra pela qual se possa transmitir o que é importante, as verdades mais profundas*".
>
> Palavras de Maharshi.

Comecei a escutar com muita atenção o silêncio que rodeava o Mestre. Compreendi o alto grau de concentração, o controle dos movimentos do pensamento, necessário para poder abrir a porta da mente às sutis vibrações constantemente irradiadas por Maharshi, rumo à elevada iniciação. Compreendi também que meus exercícios anteriores não eram dos melhores e que aqui provavam ser insuficientes. A princípio foi desanimador ver que todos os métodos tinham de ser reexaminados e mudados.

Cheguei a compreender que todo o conhecimento que eu podia alcançar e assimilar aqui dependia de minha própria atitude, e que eu era responsável pelo que pudesse obter desta oportunidade única, que jamais se repetiria. Ou, por outra, eu sabia que a luz a penetrar em meu ser seria exatamente proporcional à abertura das portas de minha consciência.

Na prática, não era fácil abandonar minhas opiniões egocêntricas, todas as formas de crenças cristalizadas, comparações e prevenções. Muitas dessas crenças eu as considerava inabaláveis, e agora via que não resistiam à prova de fogo da presença daquele que havia realizado a Verdade.

Muitos momentos de conflito interior tive, principalmente devido a comparações com alguns mestres do passado Que papel, perguntava eu, representam Buda, Cristo e outros grandes Mestres que mostraram à Humanidade tão maravilhosos caminhos para a salvação? Não deveríamos aderir àqueles que nos deram sinais tão inconfundíveis de sua divindade? Não deveríamos seguir seus vestígios?

Muitas outras dúvidas e hesitações havia, que deixo de relatar, por não haver utilidade em repetir tais ideias confusas. A resposta às minhas dúvidas veio, como tudo nesta estranha morada, inesperadamente e de modo muito simples. Contaram-me que, certa vez, um casal europeu, católico romano, estava em presença de Maharshi e. provavelmente sob o encanto da incomparável santidade e sublimidade do ambiente, expressou suas emoções em forma de preces, as mais tradicionalmente familiares a eles, e o sábio disse:

"*Eles têm outro mestre e oram a ele.* ***Mas isto não tem importância. Existe apenas Um***".

Já havia lido multo sobre Maharshi antes de ir no *ashram* e sabia que ele podia observar o conteúdo interior de todos os que dele se aproximavam, embora nunca o demonstrasse nem falasse sobre isso. Assim, esse fato não me surpreendeu, mas eu tinha de passar por essa experiência, pessoalmente, para sentir o poder extraordinário do Mestre.

Era necessário, pois sem uma inteira confiança no Mestre, sem a certeza de que sua consciência é una com o Absoluto, bem como una com a do discípulo, é impossível a realização do autoconhecimento.

Quando as semanas se sucedem e permanecemos ao lado de Maharshi, as conchas que separam as personalidades se rompem e se dissolvem. Sinto esse processo sempre que estou a seu lado.

A mudança importante de minha própria vida deu-se no dia em que Maharshi se transferiu para o *hall* do templo; este é construído em puro estilo indiano, no lugar onde a mãe de Maharshi foi sepultada em 1922. Diziam que Maharshi, a princípio, não desejava mudar-se. dizendo que se sentia muito bem na cabana coberta de bambu; mas que seu irmão, superintendente do *ashram*, e alguns de seus auxiliares assim o decidiram e, prostrando-se diante do santo, imploraram-lhe que concordasse. Maharshi respondeu então, que pouco importava o local onde estamos, tendo em seguida concordado com o que lhe pediam.

Um grande canapé de granito gravado e coberto por uma colcha indiana bordada, esperava o sábio no *hall* do templo, que deveria servir como sua última morada.

O templo, construído em granito cinza, belamente trabalhado, conserva o tradicional estilo indiano, aliado a alguns detalhes do conforto moderno. Sem muita escultura ou qualquer outro ornamento, algumas colunas esguias ao centro, amplas janelas e muitas portas, com ventiladores elétricos e forte luz fluorescente, causava agradável impressão.

Próximo ao leito de Maharshi havia uma pequena estante com alguns livros, uma mesinha e um relógio de parede, e, à sua frente, um porta-incenso com a vareta de incenso indiano, queimando o dia todo e espargindo fragrância por todo o *hall*.

Ao meio-dia Maharshi foi conduzido ao *hall* com certa solenidade, à qual não assisti, por ter sido no momento em que eu havia terminado a meditação da manhã. Quando voltei à tarde ao *hall* tive de procurar lugar; neste novo local escolhi um próximo a uma das colunas, em frente de Maharshi, donde podia ver os seus olhos.

O *hall* estava dividido em duas partes: à direita ficavam os homens e à esquerda, as mulheres. Pequeno gradil movediço fora colocado em frente do leito do sábio, para marcar o limite da aproximação dos devotos e visitantes.

Maharshi estava sentado, como de costume, com as pernas cruzadas em posição de meditação, recostado sobre almofadas, com a cabeça levemente inclinada para o ombro. Via-se que a cerimônia tinha cansado seu corpo fraco. Sua fraqueza preocupou-me a princípio, se é que se pode ficar preocupado em sua presença. Pouco a pouco, porém, fui-me acostumando a vê-lo assim. Além disso, não tinha ido ali para prestar atenção ao lado “visível” das coisas, que pouco me afetavam.

Às 17,15 horas começou a recitação dos Vedas, que se prolongou por 45 minutos. E então Maharshi atendeu à correspondência chegada de todas as partes do globo e passou a vista rapidamente pelos jornais. Depois o secretário do *ashram*, um indiano culto, de longas barbas grisalhas, vestido de tanga e com uma manta branca sobre os ombros como única vestimenta, trouxe um maço de cartas para receberem a assinatura do sábio, em resposta à correspondência do dia anterior. Maharshi leu-as todas, cuidadosamente, colocando cada carta outra vez dentro de seu respectivo envelope. Raras vezes fazia observações, e o secretário retirava essas cartas para fazer a devida correção, de acordo com as sugestões dele.

Terminadas, afinal, as atividades do dia, reinava ali silêncio e paz.



Arunáchala

IV.

Lágrimas

Com algum esforço consegui acalmar minha mente. Ela já cria pensamentos, e os que surgem se desvanecem imediatamente, como as pequenas nuvens no céu indiano. Contemplo o Santo intensamente, olhando nos seus grandes olhos negros, bem abertos.

E repentinamente começo *a compreender*. Como poderei expressar em nossa linguagem terrena, exatamente, o que realmente compreendo? Como poderei dizer, com palavras baseadas em ideias e experiências do homem comum, que criou e modelou a nossa língua, essas coisas mais elevadas e mais sutis?

Poderei dizer que compreendo que a vida de Maharshi não está concentrada neste plano terreno? Que se estende muito além do nosso mundo? Que ele contempla um mundo real e diferente do nosso, um mundo que não está sujeito a tempestades e a mudanças? Que ele é um facho de luz diante do trono do Altíssimo, espargindo seus raios por todos os lados? Que ele é como a fumaça do incenso que se eleva constantemente para o céu azul que vemos além do telhado do templo? Que seus olhos, que neste instante me fitam, parecem transmitir — não, posso dizer nada mais — nem posso pensar…

Sinto apenas uma onda de lágrimas sobre a minha face, que flui silenciosa, abundante e serenamente. Não é de dor, sofrimento ou arrependimento. Não sei dizer qual sua causa. E através dessas lágrimas eu vejo o Mestre. Ele bem lhes conhece a fonte. Sua fisionomia séria e quase solene expressa ilimitada compreensão e amizade e fulgura com uma luz interna, que a torna diferente de todas as outras fisionomias humanas. Na

luz das suas pupilas profundas compreendo, repentinamente, a razão e o motivo de minhas lágrimas. Sim, eu “vejo”, afinal.

A iluminação repentina é muito forte e não é possível crer imediatamente na verdade do que “vejo”. É “isto'' realmente possível? Mas o olhar de Maharshi pareceu trazer a confirmação. Posso dizer apenas que há momentos de experiência interior tão importantes, tão cheios de consequências, que podem exercer impacto não somente sobre uma encarnação, e sim sobre muitas.

Há manchas em nós que devem desaparecer para que mais luz possa surgir. Nenhuma água de vaso terreno pode lavar essas manchas, pode purificar a alma. Talvez o *único vaso* que sirva para isso é o coração, e a *única água*: uma torrente de lágrimas.

“A paz que ultrapassa toda a compreensão humana”.

As meditações dessa natureza continuam por alguns dias, e são seguidas por outra fase. As lágrimas dão lugar a uma quietude interior e a um sentimento de inexprimível, indescritível felicidade.

Essa disposição interior é independente de qualquer condição externa. Nem a dor das pernas, que muitas vezes nos incomoda, quando ficamos muitas horas sentados na mesma posição, nem as picadas dos mosquitos, nem o fatigante calor, nada pode perturbar essa paz interior.

Esse estado se prolonga, enquanto eu não permito que a mente crie novos pensamentos. E novamente aparece o mundo com seus problemas inquietantes, suas ansiedades e expectativas.

Mas, uma vez descoberto o segredo dessa experiência, está aberta a porta para a sua repetição, e podemos recorrer a ela novamente. Estou bem certo de que a assistência do Mestre é o fator mais importante nesse primeiro vislumbre da consciência supramental.

Não creio que ele esteja interferindo ativamente, mas sua presença e sua irradiação constante produzem, espontaneamente, esse efeito.

E então olho as pessoas que se acham no *hall* do templo — brâmanes e os sem-casta, europeus e americanos, homens e mulheres, velhos, moços e crianças, todos sentem-se felizes aos pés do Santo.

Todos sentem essa felicidade de acordo com a possibilidade o seu grau da receptividade. O brâmane culto pode pensar que, estando aos pés do Santo, esteja mais próximo da libertação da roda de renascimentos e mortes. O *drávida*{15} escuro espera que a colheita do seu modesto arrozal seja mais abundante depois do uma visita ao *ashram* para prestar sua homenagem ao Vidente. O americano pode esperar alcançar a salvação e a felicidade do *samadhi*. Uma artista, ex-estrela de cinema, do norte da Índia, bela no seu *sári*{16} cinza-prateado, poderá sentir-se já no *Svarga*, o paraíso hindu…

E a mim parece que a espessa neblina que encobre o horizonte está se tornando cada vez menos densa e que se aproxima o dia em que nada mais haverá entre mim e a Realidade. Vejo também, neste momento, a tremenda tarefa que me cabe. Vejo que não possuo os elementos necessários, mas isso não me deprime, como acontecia antes… Uma vez que essa paz está além do tempo, a questão “quando” e “como” não surge. E recordo as palavras de Maharshi em resposta a uma pergunta similar. Li-as recentemente e elas parecem confirmar o meu sentimento:

“*O Eu Real é tudo. É onipresente; por isso está sempre conosco. Viver nele é a Realização*”.

V.

A Glória do Senhor

"A Gloria do Senhor manifesta-se em seus Santos".

Estive observando atentamente Maharshi hoje, quando dava suas instruções, ou, como diz o hindu: dava o *darshan*[17], o que significa que ele está visível para todos os que o procuram. De manhã até o meio-dia e das 15,30 até à noitinha, ele fica no *hall* do templo ou na cabana coberta de bambu, próxima da biblioteca, rodeado pelos discípulos residentes no *ashram* e por inúmeros visitantes e peregrinos. Fala muito pouco e são raros os casos em que se dirige a alguém diretamente.

Sua face é inspiradora de serenidade e poder extraterrenos, de infinita bondade e compreensão. Os grandes olhos negros parecem estar contemplando o infinito por cima das cabeças de todos os presentes, e seu olhar, parecendo não se concentrar em quem quer que seja, penetra no mais profundo recesso do coração de cada um.

E é realmente difícil evitarmos mergulhar nosso olhar nesses olhos quando estamos perto de Maharshi. Ele reina em silêncio, sobre a variada multidão que o rodeia, constituindo um foco para tantos e tão variados sentimentos humanos.

Aqui se modifica o caminho de nossos pensamentos, novas ideias entram no campo de nossa consciência.

A atmosfera de extrema pureza e paz que o Sábio irradia constantemente impele cada um de nós a examinar e verificar todas as nossas crenças e opiniões, e isso surge espontaneamente, sem qualquer esforço da nossa parte. Não somos obrigados a isso; é simples resultado do

repentino alargamento de nossa consciência. Esse processo interior é acompanhado de um sentimento de grande felicidade. Não é passividade da mente, o *dolce far niente* como dizem os italianos; não, de forma alguma; esse estado é nosso verdadeiro nascimento, por assim dizer, alcançado por longa prática de concentração e purificação da mente de todos os escombros de pensamentos mundanos. Na presença de Maharshi esse processo se toma livre e natural. Deixa de ser um trabalho fatigante, um esforço sem esperança de resultado, como tantas vezes acontece.

Interrompi, por um momento, a meditação a fim de olhar para o Mestre. Sei que voltarei a meditar imediatamente e com mais facilidade mergulharei no mesmo mundo interior. Maharshi está sentado, como antes, com a cabeça levemente inclinada sobre o ombro. Com seu olhar imóvel fitando o Infinito Além. As lâmpadas elétricas tinham sido ligadas, e as mulheres, que tinham de deixar o *hall* às 18 horas, já haviam saído.

Apenas algumas pessoas que, à noite, tomavam parte na “adoração” mais mística, guiadas por Maharshi, permaneceram no *hall*. Essa palavra “adoração” pode não ser tradução exata nem o termo adequado, mas não encontro outro, no momento, e não tenho desejo de procurar outra palavra. O leitor sensível compreenderá, e para os que não podem compreender estas coisas, não adiantam palavras, por mais exatas que sejam.

Subitamente compreendi que esses eram os últimos meses de serviço de Maharshi à Humanidade, nessa sua forma humana. Os dias de sua vida neste corpo podem ser realmente poucos, a despeito de alguns de seus devotos estarem ainda à espera de algum milagre. Ouvi dizer que haverá mais uma operação… Pessoalmente, nada espero. O brilho, o reflexo do real que vejo através do Mestre ilumina minha mente. Tudo me parece mais claro e talvez mais próximo da Verdade.

> “Se algo acontece de acordo com a vontade do Altíssimo, d’Aquele que determina as leis da existência, fora da qual apenas vemos os objetos, seria insensatez esperar que essa mesma vontade se contradiga. Se o último sacrifício do Santo tomou a forma de uma doença incurável, de acordo com as leis conhecidas por nós, que conduzem sempre, a seu devido tempo, à morte do corpo físico, como pode acontecer que a vontade do Altíssimo seja contrariada? Seria

contradição inadmissível, mesmo para a mente humana limitada”.

Por isso não me consolo com esperanças de “milagres”. Mas consolo-me de outro modo, isto é, não acredito absolutamente na “partida” do Mestre. Mesmo que eu ainda não tenha, de forma alguma, alcançado a última vitória sobre a matéria, ou melhor, sobre suas ilusões, e ainda que, provavelmente, essa vitória esteja ainda longe, já não creio na existência real do inimigo. Se ele fosse real, não haveria caminho nem possibilidade de vitória; pois o Real não pode ser derrotado.

Para mim, Maharshi JAMAIS PARTIRÁ! Não foi sem motivo definido que nós, que rodeamos o Sábio, nascemos agora para ter o privilégio de ver a luz que ele esparge sobre o mundo. Lembro-me de suas palavras a um discípulo sobre esse assunto

Uma onda de felicidade infinita surge e me empolga, transporta-me para além do pensamento, para além do sofrimento e da dor; nem morte nem mudança existe lá, somente o SER Infinito. O tempo desaparece… pois não é mais necessário.

Não sei quanto tempo essa onda de luz reinou no meu íntimo… Por fim, senti desejo de ver o Mestre. E, sem abrir os olhos, vejo, ou melhor, sei que o Santo tem seu olhar fixo em mim…

Esta é a chave de minha experiência.

VI.

A Personalidade de *Sri* Maharshi

Nasceu Maharshi em 31 de dezembro de 1879, ruma vila perto de Madura, no sul da Índia. Seu nome era Venkataraman, pertencia a uma distinta família brâmane, mas não rica, e seu pai era advogado. Ele e seu irmão mais velho cursaram o ginásio. Aos 16 anos preparava-se para entrar na Universidade de Madras. Até então ninguém poderia suspeitar que ali estava, em embrião, um gênio espiritual. Venkataraman era um belo rapaz, cheio de saúde; amava os esportes e os exercícios físicos, mas não se aplicava aos estudos. Havia uma lenda em sua família segundo a qual um de seus membros, em cada geração, abandonaria o lar e a vida mundana. A única obra espiritual que havia impressionado o jovem era *Life of Kabir* e as descrições da vida dos sessenta e três Santos do culto de *Shiva*. Mais tarde, Maharshi disse que, quando leu esta última obra, brotou nele o estranho desejo de ser um daqueles santos. Finalmente, quando ouviu seu tio falar sobre uma peregrinação a Arunáchala — uma colina sagrada, a cerca de cem milhas de Madura — vibrou em seu coração uma corda sensível. Pediu então a seu tio que lhe explicasse o que sabia sobre o Monte Arunáchala.

Algum tempo depois disto, teve uma experiência extraordinária. Estava em seu quarto, quando, subitamente, sentiu que ia morrer, e terrível medo apoderou-se dele. Sua saúde era perfeita, nada o aborrecia, e, mesmo assim, sentiu que sua última hora tinha chegado.

Sua reação foi inteiramente diferente do que se poderia esperar. Não pediu auxílio a ninguém, nem procurou médico, apenas deitou-se no assoalho, falando consigo: “Meu corpo jaz, sem movimento, está-se tomando frio e rígido, mas Eu, minha consciência, não é atingida absolutamente. Eu sou. portanto, independente desta forma que está

morrendo. Eu não sou esse corpo".

Passado algum tempo, a vida retomou ao corpo, que já parecia cadáver, mas seu morador estava modificado. Esta experiência trouxe-lhe a convicção da independência do Eu Real da forma temporária, ilusoriamente chamada Eu.

Pouco depois disto, abandonou Madura sem indicar seu destino. Deixou apenas um bilhete à família, pedindo-lhe que não se preocupasse em procurá-lo, pois seu propósito era honesto. Levando consigo apenas o dinheiro suficiente para comprar a passagem, embarcou com destino a Tiruvannamalai, a cidade mais próxima de Arunáchala. Ali chegando, visitou os templos e santuários da redondeza; despojou-se das roupas brâmanes, e cortou os cabelos em sinal de renúncia ao mundo. Ninguém o conhecia, e ele passava os dias sentado e inconsciente de seu corpo, imerso em profundo *samadhi*. O novo despertar do espírito, a princípio, trouxe-lhe o completo desprezo de sua personalidade exterior.

Faminto e esmaecido, comendo apenas as migalhas de alimentos trazidos por pessoas que se apiedavam do jovem asceta, que não falava, consoante seu voto de silêncio — *Mouna* — o futuro Grande Vidente iniciou uma vida de rigorosa disciplina, passando longos anos aos pés da sagrada colina Arunáchala.

A fama do jovem cresceu e, então, alimentos em abundância lhe eram oferecidos; mas ele tomava apenas o necessário para manter acesa a flama de sua vida física. Sua espiritualidade era tal que ninguém, dotado de alguma receptividade, podia deixar de reconhecer sua qualidade única. E então aproximaram-se os primeiros discípulos nas pessoas de vários *Swamis*{18} e devotos.

Nos anos de silêncio completo, deixou-nos seus primeiros ensinamentos escritos, dirigidos a alguns visitantes fiéis que desejavam suas instruções. Em uma forma muito resumida, o jovem Sábio deu seus ensinamentos ao mundo. Estão contidos em dois pequenos volumes intitulados ***Who am I***? (Quem sou eu?) e ***Spiritual Instruction*** (Instrução Espiritual).

Essa fase de sua vida, extremamente ascética, em cavernas da sagrada

colina de Arunáchala, terminou e, por constantes pedidos de seus visitantes, transferiu-se para um pequeno abrigo aos pés da colina, na clareira de uma floresta.

Por esse tempo, sua mãe e seu único irmão sobrevivente, o mais jovem e futuro superintendente do *ashram*, o encontraram e pediram-lhe que voltasse para casa. Ele recusou-se, mas quando a mãe ficou sem lar na sua cidade natal e não tinha quem a amparasse na velhice, concordou em que ela morasse no *ashram*. Ela cozinhava para ele e os visitantes e tornou-se sua discípula E, sob a orientação de seu filho, crê-se que tenha atingido o *samadhi*.

Devotos e peregrinos que ouviam falar da excepcional espiritualidade de Maharshi, vinham de perto e de longe ao *ashram*. Começou, então, um novo período de vida para o Sábio.

O erudito — *pandit* — Ganapati Sastri, que esteve aos pés do Sábio e fez-lhe diversas perguntas, deu-lhe o nome de Maharshi (*maha* = grande, *ríshi* = vidente)[{19}].

Pelas respostas dadas, foi reconhecido como pertencente à alta linhagem conhecida na Índia como dos Grandes Videntes. Após a publicação de uma obra por Narasimha *Swami* sobre a vida e ensinamentos de Maharshi, e após o aparecimento do famoso livro ***A Search in Secret India***[{20}], por Paul Brunton, principiou uma afluência ininterrupta de visitantes de todo o mundo.

Suas respostas, dadas a peregrinos do país sobre problemas apresentados, tornaram-se famosas. Eminentes intelectuais, também do Ocidente, estiveram sentados a seus pés. Algumas de suas reminiscências foram publicadas por ocasião de seu jubileu, aos 50 anos, sob o título ***At the Foot of Arunáchala*** (Ao Sopé do Arunáchala).

Seu irmão encarregou-se da administração do *ashram*, provando-se muito hábil. Maharshi, porém, nunca cuidou de coisas temporais e passageiras. Toda sua possessão terrena era uma bengala de bambu, uma vasilha para água e uma tanga.

Além dos dois pequenos livros acima mencionados, Maharshi

escreveu alguns hinos e comentários em sânscrito, tâmil e telugu{21}, todos traduzidos para o inglês, alguns deles com prefácio de eminentes escritores britânicos.

Durante toda a sua vida, o Grande Vidente esteve sempre acessível a qualquer visitante. Em sua presença não havia distinção de casta, tão severamente observada na Índia. Brâmanes sentavam-se ao lado de párias, muçulmanos e ocidentais. A presença visível do Espírito do homem unia o mundo atribulado a seus pés. Ele era supremo, muito acima do nível da compreensão dos homens. Essa atmosfera de paz espiritual dissolvia todas as dúvidas em sua presença.

No último período de sua vida terrena, esteve o autor desta obra junto dele, e creio que esse foi o período mais glorioso de todos. Tal como o sol a mergulhar, chamejante e glorioso, ao desaparecer no horizonte, assim os últimos anos de Maharshi refletiram a indescritível beleza de sua manifestação.

Vi o homem que demonstrou a vitória do Espírito sobre a matéria. Seu sofrimento físico durou mais de um ano e, a meus olhos, foi uma crucificação.

Para ele não havia alívio pela intervenção da Medicina, de vez que a doença era mortal. Não interrompeu o *darshan* por nossa causa. Sentava-se sempre à nossa vista e nenhum movimento ou queixa demonstrava o seu extremo sofrimento. Não tomava anestésicos. Não desejava a cura. Sabendo tudo o que se passava com seu corpo físico, seu pensamento era sempre para nós, que o havíamos procurado para encontrar alívio dos nossos próprios sofrimentos; a ninguém recusava a sua bênção. Sua alquimia espiritual transformava o duro materialismo de nossos corações em algo puro e nobre.

Aprendemos na gloria de sua presença a viver na eternidade, a lembrar nossa herança perdida do Espírito e da felicidade.

Algumas vezes, quando me sentava perto dele e absorvia as radiações invisíveis de sua luz, meditava: A quem e quando poderei pagar esta felicidade? Quem é que está afastando o fardo e as dívidas de minha vida? Ele não tem pecados, jamais cometeu um ato mau. E eu e todos que aqui

nos reunimos a seus pés, procuramos consolo e poder para suportar nossos mesquinhos desconfortos? Seu corpo, que não cometeu pecado, está sofrendo essa agonia em nossa presença, e nós estamos com saúde a despeito de nossas culpas.

E a misteriosa voz pergunta:

“Está você preparado para aceitar a responsabilidade disso”? A resposta silenciosa é esta: “Sim, se estiveres sempre comigo”. E surge a convicção de que ***ele está, e estará sempre***.

VII.

Um Desejo Satisfeito

Há muitos anos, sob o céu de longínquo país europeu, no terceiro ano da terrível conflagração da Primeira Guerra Mundial, um jovem, trajando seu uniforme de militar, estava na plataforma de pequena estação ferroviária, à espera do trem que o haveria de conduzir às linhas do front, onde o fogo da batalha era intenso, um fogo do qual muitos jamais retornariam.

Impelido a abandonar sua família e seus estudos pela tempestade da guerra, pensava ele no destino que o esperava dentro de poucos dias.

Era o começo do outono, estação em que os céus da noite escura são muitas vezes iluminados por faixas de luz de “estrelas que caem”, ou meteoros. O jovem lembrou-se, então, da crença de que “um desejo manifestado espontaneamente no momento exato em que a estrela cai, é satisfeito”. Inconscientemente ele olhava o céu com estranha expectativa. Subitamente, unia linha vermelha passou entre as estrelas cintilantes, e o coração do jovem sussurrou uma única palavra: “amor”.

Passaram-se muitos anos. Esse momento foi varrido completamente da memória do jovem. O desejo intenso de seu coração foi esquecido inteiramente no turbilhão da vida. O jovem sonhador, agora homem maduro, atravessou todas as experiências da vida normal: teve amigos, amou mulheres (conforme acreditava), reverenciou aqueles a quem considerava seus superiores. Porém, cada uma dessas experiências trouxe-lhe um desapontamento.

E, ao fim de cada uma delas, via que ainda não tinha encontrado o

amor verdadeiro, o amor que lhe daria a plenitude e que era a sua aspiração constante e inconsciente. Em toda afeição sentia uma nota dissonante, uma dúvida oculta, uma pequena falha. Daí não ter ele podido dedicar a alguém sem restrição, afeição e amor tão profundo que nem em sonho pudesse haver maior e mais intenso.

Uma voz poderosa, ainda que sem som, segredava em seu coração: “Não é isso e ainda não é esse…” Ao mesmo tempo que nos momentos de paz tinha certeza de que além dos mares tempestuosos e dum céu nublado, havia um pais misterioso onde o sol da felicidade nunca desaparece, onde as ondas eternas se embalam sem mover-se sobre as praias da ilha chamada *Plenitude.*

VIII.

O Amor

Em meu ser amor criastes uma paixão por vós;
portanto, não me abandoneis. Ó Ramana Arunáchala!
Verso do hino de Maharshi

Trinta anos mais tarde, na Índia distante, sob o teto de bambu da cabana de um *ashram*, no lugar chamado Tiruvannamalai, sentava-se um peregrino. Era o mesmo homem que, em sua mocidade, olhava, numa noite escura, o céu do Norte, esperando estrelas cadentes para perguntar algo sobre o destino que o esperava. Muitos anos tinham passado. Alteraram-se as condições de sua vida, mudaram-se muitos limites de Estados. Alguns caíram e outros novos foram criados na tremenda conflagração das duas grandes guerras.

E a despeito dos sofrimentos e devastações, o mundo não tinha resolvido nenhum dos seus problemas principais; não pôde o homem compreender as causas dessas terríveis calamidades. O pesadelo de nova catástrofe ronda os habitantes deste planeta infeliz, que está atravessando a Idade do *Kali-Yuga*, segundo os livros sagrados hindus, isto é, o período tenebroso da mais profunda imersão na matéria.

Mas nada disto era sentido no *ashram* de Maharshi. Uma atmosfera completamente diferente reinava ali. Nenhum elemento do mundo exterior tinha ali acesso, fosse violento, grosseiro ou brutal.

O jovem sonhador de outrora estava agora sentado aos pés de um Ser que tinha resolvido todos os problemas humanos, contemplando-o. Rememorava os acontecimentos dos anos passados de sua vida, procurando

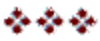
fazer o balanço final. Examinava a significação de sua meta, sopesando o valor das experiências anteriores. E novos horizontes abriam-se diante dele. As sombras dos antigos apegos e “amores” passavam rapidamente diante de seus olhos e desvaneciam-se para sempre, não podendo resistir à prova de fogo da silenciosa presença do Mestre. Quão ridículos lhe pareciam, agora, seus esforços anteriores para encontrar a ‘‘Harmonia”, em ambiente onde os propósitos humanos eram diametralmente opostos aos seus próprios, no meio de abomináveis tentativas de explorar outros para sua própria vantagem e satisfação.

A comédia trágica do amor terreno se lhe apresentava agora em toda a sua repelente nudez, diante do tribunal da sua consciência.

Por outro lado, uma nova visão penetrava no templo de sua alma, recém-expurgada de impostores, um ideal luminoso, incorruptível, puro, livre de qualquer mancha de egoísmo, resplandecente de beleza espiritual, independente de todas as formas físicas efêmeras. Aqui não havia mais possibilidade de desapontamento, conflito e incompreensão.

E somente agora é que o peregrino compreende o sentido do próprio desejo, que, na primavera de sua vida, a estrela cadente lhe prometera. Aceitou essa promessa sem reservas, sabendo que sua realização era o ponto que deveria alterar sua vida.

Viu claramente que o novo caminho conduz ao infinito, porém agora não havia mais medo. O infinito e a vida, e tudo o que é finito está no campo da morte.



Maharshi possui um poder estranho de despertar o amor nos corações, e essa devoção levanta seus discípulos, elevando incalculavelmente o nível de suas vidas, capacitando-os a atingir a forma mais pura desse Poder-Energia, que é, talvez, o Criador do Universo. O amor e devoção pelo Santo não têm nenhuma das qualidades feias do amor comum, como ciúme, possessividade, exclusivismo, que se manifestam em aparências exteriores de incerteza e desilusão, e na dor da separação do objeto de nosso amor.

E o amor-devoção pelo Mestre não pede nada em retribuição. Pede somente a graça de nos entregarmos inteiramente a Ele, para entrar na unidade com o objeto perfeito e todo-penetrante.

Aquele que compreendeu o que o Sábio é, realmente, percebe que deve desfazer-se de sua personalidade, e daí por diante não a considera mais a base da existência. Tem de transcender o limite do seu ego mental-emocional, se deseja alcançar a união com o alvo de seu amor — e esta palavra significa algo inteiramente diferente do sentido que usualmente lhe é atribuído.

Somente se poderá conhecer a beleza real do Mestre penetrando no reino do Ser do Mestre. Aquilo que vemos dele no plano físico é mera sombra do que realmente ele é. Mas, aqueles que estiveram em sua presença sabem quão poderoso é, até esse reflexo seu.



Houve uma tarde trágica no *ashram*.

O estado de saúde de Maharshi piorou subitamente e notava-se facilmente o grande abatimento em sua fisionomia o a fraqueza de todo o corpo. Durante a recitação usual dos Vedas, sua cabeça pendia cada vez mais, ainda que de vez em quando ele tentasse, com visível esforço, retomar a posição habitual de meditação.

Pouco antes das dezoito horas quando o *hall* do templo estava quase vazio, à exceção de um pequeno grupo de assistentes e discípulos mais próximos vimos subitamente grandes manchas de sangue nas ataduras que envolviam seu braço e até nos brancos travesseiros em que se apoiava. Os jovens assistentes indianos estavam aterrorizados. Um correu em busca do médico que residia nas redondezas e que vinha diariamente fazer o curativo da ferida, no pequeno dispensário do *ashram*.

Silencio de morte envolveu a todos. Algumas mulheres choravam; as fisionomias dos homens estavam serias, revelando profunda preocupação. Mas Maharshi parecia completamente indiferente a tudo isso. Olhava com

expressão singular o seu braço, como se estivesse contemplando tranquilamente uma coisa estranha ou sem nenhuma relação com ele.

Com um gesto suave, tipicamente dele, mostrou o travesseiro manchado e sorriu como se nos quisesse pedir desculpa por esse incômodo. E foi tudo o que fez. O sopro gelado da morte, que o grupo que o rodeava sentiu, não lhe produziu impressão.

Todos nós, que então nos achávamos sentados a seus pés, estávamos unidos num só impulso espontâneo, e compreendíamo-nos perfeitamente nesse momento trágico, sem falarmos e sem mesmo nos olharmos. Cada um de nós trocaria alegremente o seu sangue pelo sangue que o Mestre havia perdido, se isto pudesse ao menos retardar a iminente catástrofe.

O médico veio imediatamente. Era um indiano de meia-idade, muito educado, com leve aparência de malaio. Começou a fazer o curativo, pedindo a Maharshi que se retirasse mais cedo do *hall*, em vista do que acontecera, o que provava que o seu estado de saúde havia piorado. Mas o Santo recusou-se a isso com seu típico gesto bondoso, e olhou para todos os que o rodeavam, ao mesmo tempo que um sorriso maravilhoso iluminava sua face. Dir-se-ia que desejava compensar-nos da dor que via em nossos corações, os quais, estamos certos, ficavam abertos para o seu olhar.

Eu nunca havia visto o, sem dúvida, jamais verei em qualquer ser humano um sorriso tão maravilhosamente expressivo como o de Maharshi. A maior pureza, o amor por todos e uma sábia compreensão pelas nossas imperfeições e falhas — tudo isso, e muito mais, estava contido nesse sorriso, algo que palavras não podem transmitir.

Uma beleza transcendente refletida numa forma física? … Somente aqueles que o viram compreenderão. E eu pensei: Tal oceano de amor, tal poder de adoração dirigido ao Sábio, não teria algum valor diante da Providência, nos decretos do destino, para de algum modo retardar o trágico acontecimento? Trágico apenas para nós, certamente.

No mesmo instante levantei a cabeça instintivamente e encontrei a resposta no profundo olhar do Santo — e o silêncio voltou ao meu coração.

“Ó Senhor, justos são todos os Vossos feitos”!

❖❖❖

Li hoje uma passagem que trouxe muita luz sobre a misteriosa doença de Maharshi, tão incompreensível a seus devotos.

“A maioria das pessoas que sofrem por seus irmãos chamam a esse sentimento, compaixão. *Sri* Yogananda Paramhansa, famoso iogue contemporâneo, descreve isso como “doença causada pela metafísica”. Durante dois anos antes de sua morte, Yogananda sofreu esse tipo de doença que, de acordo com seus discípulos, era o efeito, em seu próprio corpo, do fardo físico e espiritual de seus amigos e discípulos. Na sua autobiografia Yogananda explica esse fenômeno como segue: “O método metafísico da transferência de doença física é conhecido pelos iogues mais adiantados. O homem forte pode ajudar o fraco a carregar o seu pesado fardo. O super-homem espiritual pode diminuir o fardo físico ou mental de seus discípulos, participando de seus carmas de ações anteriores. Tal como o homem rico perde dinheiro quando paga a dívida do filho pródigo, o qual fica liberto das terríveis consequências de suas próprias loucuras, assim o Mestre voluntariamente sacrifica uma parte de sua saúde física para aliviar as misérias de seus discípulos”{22}.

IX.

Meus Passos até Maharshi

Não causa boa impressão revivermos o passado quando se trata de nossa personalidade. Contudo, relendo esse diário, surgiu a pergunta: “Por que considero falhas todas as minhas experiências em ocultismo, anteriores ao meu encontro com Maharshi”?

Aos 25 anos de idade, a Teosofia atraiu minha atenção. Suas suaves teorias e sua lógica agradaram à minha razão, bem como a forma impecável dos seus principais escritores, Sr.ª Besant e Sr. Leadbeater, com os quais mantive correspondência por algum tempo. Não me era então possível olvidar a sinceridade e o idealismo do primeiro presidente da Sociedade Teosófica, o Cel. Olcott, nem a misteriosa e fascinante personalidade de Mme. Blavatsky. Além das teorias, havia também os conselhos para o desenvolvimento das faculdades superfísicas latentes em nós. Comecei a praticar concentração e meditação consoante a obra então recém-publicada de Ernest Wood.



Helena Blavatsky e o Coronel Olcott em 1888

Passados alguns anos de esforços, quase sem resultados, meu entusiasmo começou a diminuir. Os exercícios mencionados não produziam grandes efeitos, e não pude encontrar entre os teosofistas alguém que soubesse o bastante e pudesse dar-me conselhos além do que continham os livros então existentes. Seus Mestres não eram acessíveis. Pareciam ser quase um mito. Parece que somente Mme. Blavatsky e o Cel. Olcott tinham tido o privilégio de encontrar os seus Mestres em forma física.

A uma pergunta que dirigi à Sr.ª Besant em 1926, ela respondeu, em uma carta: "É verdade que, após a morte do Cel. Olcott, em 1907, os Mestres retiraram da Sociedade Teosófica sua orientação direta, mas, recentemente, em 1925, reassumiram essa direção".



Annie Besant

O desenvolvimento das faculdades superfísicas era interessante e, a princípio despertou minha curiosidade. Depois verifiquei que, sendo baseado no ser físico mutável, estava sujeito à corrente da mente, e, assim sendo, era um beco sem saída para a mente, longe da meta suprema.

Passei, então, ao estudo do Hermetismo, baseado na antiga tradição egípcia; um de seus atributos era o simbolismo de Tarot. Tendo a minha mente inclinada à Matemática, as relações entre números, valores e operações das cartas do Tarot despertaram minha curiosidade.

Elifas Levi e o Dr. Papus tornaram-se, temporariamente, meus mestres intelectuais. Lancei mão de um processo confuso de criar novos pensamentos e ideias por meio de operações numéricas e simbólicas com as cartas de Tarot. Organizei conferências entre membros de diferentes

sociedades ocultas. Agradava-me ver as fisionomias atentas dos meus ouvintes que, aparentemente, seguiam as concepções-cálculos que eu fazia num quadro negro.

Depois passei a outra fase: as conferências que se seguiram foram dedicadas à antiga Cabala, ao final das quais o quadro negro estava coberto de letras hebraicas, desenhos e triângulos místicos. A conferência terminava com calorosos aplausos da assistência.

Entre os ouvintes certa vez vi um amigo — general reformado —, presidente, então, de uma sociedade metafísica; era bondoso. Quando terminei, disse-me ele: “Sua palestra é muito interessante e a sala está sempre repleta. A verdade é que o público não compreende 10% do assunto, e aparentemente nada impede o sucesso de sua exposição”. As palavras desse amigo deram-me que pensar, Como consequência, suspendi minhas conferências por julgá-las inúteis. Compreendi que 99% das pessoas que ali iam, buscavam apenas algo misterioso que preenchesse certa lacuna em sua vida.

Minhas atividades com o ocultismo hermético terminaram com a execução da chamada experiência clássica da magia, de acordo com Elifas Levi e o Dr. Papus. Éramos três companheiros e preparamo-nos durante 21 dias.

Escolhemos, para execução do trabalho, uma torre num castelo quase em ruínas, havia muito tempo desabitado. Os resultados foram ínfimos, comparados com o trabalho e o tempo perdidos. Obtivemos sucesso, sim: algumas aparições (espíritos e elementais) na fumaça de incenso e de certas plantas secas. Alguns fenômenos audíveis também, bem como perfumes. Mas fiquei desapontado. Não houve possibilidade de prova científica e não pudemos obter conclusões definidas. Até mesmo as impressões recebidas foram diferentes em cada um de nós. Gradualmente fui abandonando todo o trabalho mágico cerimonial.

Passei a estudar a interessante obra do Dr. Brandler Pracht, ocultista alemão. Seu método era definido e claro. Recomendava muitos exercícios valiosos para o controle dos pensamentos, e consequentemente de toda a personalidade. O objetivo do exercício era o de adquirir poder e faculdade

de:

1. Concentrar a mente sobre um objeto somente, sem desvio nem interrupção;

2. Parar todo o processo do pensamento deliberadamente durante 10 minutos.

Havia outras instruções cujos detalhes não podem ser dados aqui. O que era estranho é que ele esperava que o discípulo alcançasse o grau de mestre em 6 meses de estudos. Levei, contudo, muito mais tempo para alcançar as duas formas de concentração e que somente consegui com a duração de três minutos.

Passou-se a fase do hermetismo, da magia e do Dr. Brandler. Visitei a França.

Havia em Paris a Associação de Amizade Espiritual da França, fundada pelo Dr. Paul Sedir, conhecido ocultista e místico, há mais de 20 anos. Sua obra mais misteriosa ***The Initiations*** (As Iniciações) produziu em mim boa impressão.

Escreveu claramente sobre o seu mestre, e, mais tarde, sobre suas experiências pessoais com o chamado mestre dos mestres, cujo nome nunca pronunciou. Essa organização, sendo semi-secreta, defendia as ideias mais puras e elevadas que até então conhecia. Mas, a esse tempo (1935), Paul Sedir já era morto havia 13 anos.

Procurei, portanto, entrar em contato com o grande mestre descrito por ele. Mas não o encontrei naquela ocasião. Encontrei alguns membros que haviam conhecido Sedir e podiam orientar-me. Era tarefa árdua, pois os Mestres orientais usam propositadamente política diferente da dos seus irmãos ocidentais. Preferem permanecer completamente desconhecidos de todos, exceto de seus verdadeiros discípulos, e o inviolável padrão para estes é elevadíssimo. É extremamente difícil ser admitido à presença desses grandes Seres, e o segredo, revelado sob juramento, deve ser observado durante toda vida. Portanto, não posso dizer mais nada.

Houve uma experiência anterior, digna de ser descrita. Morava em

nossa cidade natal um bispo a quem todos reverenciavam como a um santo. Era um genuíno asceta. Pessoas de diferentes credos iam pedir-lhe que as abençoasse, ao que atribuíam muita eficácia.

Havia eu terminado os meus estudos na Universidade e entrara para o serviço militar, pois fora declarada a Primeira Guerra Mundial. Tinha então 19 anos. Minha mãe, teosofista, era muito religiosa. Quanto a mim, como era natural, naquela idade, ocupava-me somente com estudos e esportes. Um dia minha mãe disse-me: “Meu filho, você vai partir para a guerra, e eu não sei se o Altíssimo me concederá a graça de vê-lo ainda; desejo levá-lo amanhã ao nosso santo bispo para que o abençoe”.

Relutante como era, não pude, contudo, deixar de atender ao desejo de minha mãe. Assim, na tarde do dia seguinte, um sacerdote nos introduzia numa modesta sala, onde havia apenas algumas cadeiras e um crucifixo na parede. O bispo entrou na sala, pouco depois, e eu vi um homem magro de quarenta anos, mais ou menos, em simples traje de monge. Tinha as mãos cruzadas sobre o peito e a cabeça levemente curvada.

Sua fisionomia era estranha, magra, cor de cera, circundada por cabelos pretos, que caíam até os ombros. Quando se aproximou de nós, pude ver seus olhos negros repletos de uma luz estranha e suave. Eram olhos de todo em todo diferentes dos de outro ser humano, de maneira que fui empolgado por sua misteriosa expressão de paz, poder e sabedoria. Felizmente contive-me e não fiz nenhuma saudação convencional. Parecia-me que não podia falar. O bispo sorriu gentilmente e disse em voz baixar “Foi bom você ter vindo aqui”. E levantando sua mão até a minha cabeça fez o sinal da cruz. Beijei-lhe espontaneamente a mão magra. E isso foi tudo. Ao deixar a sala, pude ouvir suas palavras a minha mãe, que ainda estava junto dele. “Ide em paz. A respeito do jovem tudo correrá bem”.

E eu relembrei esse momento quando me sentei aos pés de Maharshi pela primeira vez, após a chegada ao *ashram*. Lembrei-me também de que o nome cristão do bispo era o mesmo do mestre desconhecido que eu havia encontrado em Paris, anos passados.

Pouco depois da minha visita à França, a família e depois a guerra trouxeram-me um período de trevas. Esqueci todos os meus esforços

anteriores. Na primavera do ano de 1945, uma senhora com a qual conversei algo sobre teosofia, emprestou-me um livro de Paul Brunton, intitulado ***A Search in Secret Índia*** (A Índia Secreta). Forçou-me literalmente a levar o livro comigo, pois não tinha vontade de lê-lo. Mas os dois últimos capítulos, nos quais o autor descreve sua visita a Maharshi, foram decisivos na minha vida, pois encontrara afinal meu verdadeiro Mestre.

Essa certeza veio por si mesma e não permitiu qualquer dúvida. Compreendi, então, porque toda a minha busca anterior tinha sido vã. Os caminhos ocultos que mencionei acima eram veredas obscuras, auxiliaram-me um pouco, mas não havia neles a visão da meta verdadeira. Por isso, foram sem resultado. Os exercícios de concentração e controle da respiração absorveram somente o tempo e a energia, ocultando a meta, que eu não podia vislumbrar no meio dessas sombras.

No caminho indicado pelo Grande Vidente, a meta é visível desde o primeiro passo. É a espiritualização do homem. O poder do espírito é ilimitado. Agora se me tornou claro porque a *Vichara*{23} podia substituir todos os exercícios e práticas ocultas devoradoras de tempo.

Tudo aquilo pelo qual eu me havia esforçado anteriormente — concentração, meditação, controle do corpo, da respiração — tudo veio agora espontaneamente, como o fruto maduro que cai da arvore: a clara visão da Realidade, e com isto a paz e a felicidade. Então empenhei-me na *Vichara* conforme descrevo no capítulo **XIV** (“***A Técnica da Vichara***”).

Os primeiros passos são sempre mais difíceis. Hoje zombo das dificuldades que encontrei ao entrar para o caminho direto, o que então era quase uma prova interior, algo milagroso; pois todo o mundo interno do homem se modifica e sua mente é dominada. E o pior é que eu sabia que isso devia realizar-se, mas não sabia a que, o meu “senhor”, de outrora — a mente —, tinha de capitular.

Havia um vácuo em mim quando tentava excluir, da minha consciência, o processo mental. Esta vacuidade não era agradável e até me dava certo temor. Uma sensação semelhante ao do montanhês ao alcançar as altas regiões, e sentir que não há suficiente ar para respirar, e que há perigo

de sufocar-se.

Compreendi então que necessitava de mais oportunidades para meditações e *Vichara*. Já conhecia há muito tempo o chamado magnetismo do tempo. Isto é, quando pensamos fortemente durante alguns dias em certa coisa, em hora certa, nosso pensamento retorna para ela à mesma hora e até no mesmo minuto. Isso torna mais fácil e eficiente nossa meditação, poupando esforço.

Resolvi empregar esse método e encontrei condições mais propícias ao estudo.

Um amigo que morava em Paris, um sacerdote católico, idoso e muito culto, com o qual eu tivera correspondência, sabia dos meus esforços, sem, contudo, dissuadir-me disso. Escrevi a ele dizendo que eu necessitava encontrar um local tranquilo para passar alguns meses, onde fosse possível meditar. Ele delicadamente recomendou-me o seu próprio mosteiro. Qualquer católico, disse-me, que necessite fazer concentração espiritual, pode morar aqui por algum tempo, participar da vida simples dos monges e tirar proveito, de acordo com sua capacidade.

Senti intuitivamente que era o que eu então precisava. Em poucas semanas, após ter posto tudo em condições de poder ausentar-me, fui recebido no mosteiro como hóspede. Não havia obrigações da minha parte. Expus francamente ao prior o meu plano de deixar a Europa dentro de poucos meses, para ir a um país do sul do hemisfério. Fui informado pelo Padre N. de que o meu amigo lhe havia dado instruções sobre o meu caso e tudo estava em ordem. Deram-me um bom quarto no vasto edifício, um mosteiro no coração de Paris. Outro sacerdote visitou-me e perguntou quais os livros que eu queria ler; gentilmente sugeriu-me o estudo da obra de Tomás Kempis, *Imitação de Cristo*, e ficou muito satisfeito quando respondi que era exatamente esse o livro que eu desejava. Casualmente, ele o trazia no bolso da batina.

Durante as primeiras semanas, deixaram-me completamente só. De acordo com meus planos, entrei na vida simples do mosteiro e achei-a apropriada para o meu estudo. As manhãs, antes do dejejum, passava-as na galeria da capela do convento, no primeiro andar do edifício. Todas as

manhãs os sacerdotes celebravam missas nos diversos altares da capela, e mais tarde era a esse lugar cheio de paz e tranquilidade que eu, ia quando desejava meditar. Após o desjejum, voltava ao meu quarto para estudar o que havia determinado para o dia. Às vezes, depois do almoço, ia à cidade e visitava numerosos lugares célebres, ao mesmo tempo que treinava a mente, equilibrando-a no meio da vida movimentada dessa grande cidade (vide capítulo **XIII. O Caminho Direto**).

Às vezes, de madrugada encontrava-me ainda sentado na cadeira da galeria da capela, mergulhado em meditação. Um dos sacerdotes do mosteiro, vendo-me sentado por muitas horas sem movimento, foi, certa vez, ao meu quarto e perguntou-me se tais meditações não prejudicavam a saúde; nosso corpo é um instrumento frágil — disse-me o bondoso velho — e, se abusarmos dele, fica reduzida nossa capacidade para servir ao Senhor…

Convenci-o, porém, de que eu sabia o que estava fazendo e agradeci sinceramente os seus cuidados a meu respeito.

Visitei os inúmeros departamentos dessa grande comunidade rodeada de altos muros, que a separavam do mundo exterior. Falava com os cozinheiros e copeiros, jardineiros e alfaiates. Todos eram irmãos da Ordem e tinham seu trabalho. De manhã, assistiam à missa e durante o dia interrompiam seus trabalhos para breves orações.

Às vezes, eram transferidos para outros mosteiros do mesmo País, e tudo aceitavam sem perguntas. Então compreendi a ‘*'renúncia à nossa vontade própria*” e seu lugar no progresso espiritual. Era uma outra forma de extinguir o velho inimigo chamado ego. Essa forma é a melhor para as pessoas simples e menos instruídas, as quais, geralmente, constituem a irmandade dessas Ordens religiosas católicas.

Quando lhes perguntava se preferiam trabalhar ou rezar, respondiam-me simplesmente que trabalhar era apenas outra forma de oração!

Três anos mais tarde, na Índia, deram-me um folheto sobre um famoso iogue e santo indiano, homem culto, que tem seu próprio *ashram* no Himalaia, folheto cujo título era *O trabalho é oração, dedicai-o a Deus*. Era de *Swami* Sivananda. Pude, então, compreender o lado que une todos os

esforços dos humanos rumo ao Altíssimo.

Aqui, num dos centros espirituais do Ocidente, pude compreender por que não sentia desarmonia ao seguir um caminho baseado em métodos orientais num templo consagrado a outro grande mestre, pelo qual eu já havia sentido profunda admiração e amor.

Nessa ocasião entrei em contato com o chefe da *Missão Ramakrishna* em Paris, o eminente *Swami* S, que o *ashram* de *Sri* Maharshi me tinha recomendado visitasse. Era homem ocupadíssimo, mas, quando lhe entreguei a carta de Tiruvannamalai, concedeu-me imediatamente a entrevista.

Durante nossa conversa disse-me: "*Sri Maharshi é seu Mestre espiritual, seu Guru. Peça-lhe que o auxilie — e o auxílio lhe será concedido*".

Confessei-lhe certas dificuldades íntimas e ele deu-me um pequeno *mantram*{24} que me poria em contato com o grande Vidente, que eu ainda não havia visto. O *mantram* era a repetição de "*Om, Ramana, Om*".

Meses mais tarde, *Swami* S. convidou-me para assistir a suas conferências em Paris. Ele é famoso em Paris e suas conferências são editadas em forma de livros.

Passaram-se meses e a *Vichara* continuava firme, mas ainda não era a *Vichara* que transforma o homem todo, o que se deu mais tarde quando me achava na América do Sul. Mas, mesmo assim, não tinha comparação com a luz que me iluminava quando eu estava na presença de Maharshi. Por isto, eu digo:

> O grande Ser que nos deu esse maravilhoso instrumento em forma apropriada à nossa época — a autoinvestigação ou *Vichara* — tornou-se nosso amado Mestre e Senhor de nossa vida.

Ele já mergulhou no oceano da vida infinita, que é a Realidade Universal, o Espírito, o puro Ser.

Que outro podia ser o último destino de nós todos, vosso e meu, nós

que somos realmente os riachos que buscam o mesmo Oceano — nossa morada de felicidade eterna?

X.

Como o Sândalo

> … Tal como o sândalo que, quando friccionado, emite suave fragrância, destruindo as impurezas da atmosfera, assim o estudante da Sabedoria, quando ouve a palavra da Verdade, os ensinamentos do Mestre, deixa após si os interesses mundanos e mergulha no Real.
>
> *Viveka Chudamani*
>
> Por *Shri*[{25}] Shankaracharya

Hoje, durante a meditação, lembrei-me destas palavras de *Shri* Shankaracharya, o maior filósofo e mestre espiritual, na Índia, nestes últimos dois mil anos.

As modificações em minha consciência são agora tão rápidas e imperceptíveis que a mente é incapaz de registrá-las, quando ocorrem. Apenas algo do que é mais importante pude anotar imediatamente após sua ocorrência. Uma destas coisas, provavelmente a mais importante, é esta: Se bem que eu ainda não possa ficar em contemplação durante todo o dia, é claro, ainda assim retomo a ela sem esforço algum, logo que escuto alguma sentença de Maharshi ou leio algo de seus escritos, ou mesmo de outro Mestre que trate da vida espiritual.

Por enquanto, é isso inteiramente casual, mas sei que logo poderei entrar nesse estado, de acordo com minha vontade. Uma vez aberto o caminho, não podemos esquecê-lo nem nos afastar dele.

Em presença do Santo, a mente é harmonizada com o silêncio, e *não ousa entregar-se a questões contínuas*, conforme o costume. Esse elemento

cego e egoísta perde seu poder e seu encanto diante daquele que o supera e lhe descobre a verdadeira fonte. Maharshi diz claramente: "*A mente é constituída de pensamentos. Parai de pensar e então mostrai-me onde está a mente*".

A experiência demonstra que, afastando todos os pensamentos, nada fica do que chamamos "mente". Mas a vida não termina aí, como pensam muitas pessoas. Ao contrário, ela se manifesta, então, com mais poder e intensidade, se bem que, na verdade, muito mais sutilmente. Lembro-me bem do tempo em que eu não podia imaginar que se pudesse existir sem pensar. Maharshi diz:

> "*O melhor meio de educar a mente é parar de pensar. O pensar contínuo é a causa da inflamação do cérebro*".

Qual é a dificuldade em controlar a mente? Está no fato de que o próprio processo de pensar, para as pessoas não disciplinadas, tem um encanto que não é fácil vencer.

A prática da pergunta interior contínua, conforme ensina Maharshi: ***Quem sou eu?*** (Também chamada "Investigação", em sânscrito *Vichara*) tranquiliza a mente rebelde. Vemos também que a aceitação do axioma: "*Jamais alguém pode descobrir a Verdade pelo pensamento, nem chegar a qualquer descoberta no campo espiritual através da atividade da mente*", destrói o próprio interesse pelo processo do pensamento. E, quando o nosso interesse enfraquece, não estamos longe da vitória.

Quanto mais independentes nos tornamos da nossa mente, obrigando-a ao silêncio à nossa vontade, melhor serva a mente se torna — e mais úteis serão os serviços que pode prestar em sua própria esfera de ação. Muitas pessoas ignorantes, quando ouvem falar sobre "transcender a mente" ou mesmo em "matá-la", imaginam que tal ação resultaria numa espécie de embotamento ou torpor, tornando-nos inaptos para resolver os problemas comuns da vida no plano físico.

Entretanto, lembrai-vos: "A *mente é boa serva, mas é cruel senhor*". Mas… parece que "transcender os limites da mente" — praticamente equivalente a transferir a consciência para o nível espiritual transcendente — não é possível a todos. Há os que podem ouvir falar sobre o processo e

os métodos de aplicar isso, mas não o compreendem necessariamente e não se sentem inclinados a seguir as sugestões dadas.

Tenho encontrado pessoas, muito inteligentes, no sentido usual da palavra, que são incapazes de imaginar sequer tal possibilidade, e menos ainda de apreender o problema, mesmo teoricamente, tal como não podemos perceber os raios ultravioleta. Toda a sua vida esteve concentrada no plano físico e somente aí puderam encontrar finalidade. A própria concepção de outras possibilidades não existe para elas. De fato, esses problemas, bem como a obra presente, não têm sentido para esse tipo de pessoas.

Um velho brâmane está sentado perto de mim, recitando o “Gayatry” (o mais antigo *mantram* da raça ariana)[{26}], o que constitui, para ele, uma fórmula de meditação diária. Eu entro na corrente e mentalmente repito com ele: “Meditemos na glória do Uno que criou esse Universo. Que Ele ilumine nossas mentes…”

XI.

No *Ashram*

É tarefa delicada escrever sobre pessoas que ainda vivem. Portanto, esta parte de meu diário será limitada a observações gerais.

Durante a minha estada no *ashram*, entre os representantes do Ocidente havia três americanos: duas senhoras e um senhor; um inglês que já estava no *ashram* havia 14 anos; uma senhora inglesa que chegara logo após mim. Havia também alguns franceses, um judeu, dois poloneses e um alemão.

O tempo de que eu dispunha no *ashram* era quase todo tomado com problemas pessoais e com Maharshi, e não sentia desejos de relações sociais. O lugar principal de encontro era a sala do *ashram* e o templo onde Maharshi passava a maior parte do seu tempo dando *darshan*.

Entre os indianos, os mais interessantes eram os *Swami*, isto é, devotos "professos". Alguns eram inteligentes e realmente devotados. À tardinha, eu via alguns deles sentados ao lado dos santuários próximos, instruindo os camponeses dos arredores. Sobre o altar de pedra havia sempre lâmpadas acesas e eles costumavam sentar-se nos degraus do altar. Recitavam versículos das escrituras e cantavam hinos.

Lá se achava também um cientista muçulmano, professor de uma universidade indiana, com quem mantive várias palestras.

Com o encarregado do correio do *ashram* também constantemente eu palestrava. Atraía-me sua atitude bondosa e quase infantil, bem como a devoção ilimitada a seu compatriota — nosso amado *Bhagavan*.

Muitos brâmanes e homens eruditos de todas as partes da Índia constantemente afluíam a Tiruvannamalai. Representantes dos círculos mais elevados da Índia — Rajás e Maharajás — com suas famílias, frequentemente eram hospedados na morada solitária. Alguns deles, acompanhados de suas esposas europeias, em belíssimos e custosos *sáris*. Os príncipes eram hospedados em edifícios a uns cem metros de distância do *ashram*. Ofereciam custosas dádivas ao *ashram* e muitos contribuíam para a sua construção.

Não se observam as distinções de classes da sociedade indiana na presença de Maharshi, mas a direção do *ashram* dispõe de lugares para os príncipes, perto de Maharshi, pois permanecem ali poucos dias.

O *ashram* possui uma livraria, na qual se encontram todas as suas publicações. Mas todas essas coisas são detalhes de pouca importância para mim. O Mestre é o Sol e tudo o mais gira a seu redor.

XII.

Os Ensinamentos de Maharshi

É interessante notar que somos forçados a reconhecer dois fatos aparentemente contraditórios.

Os ensinamentos do Grande Vidente indiano são, substancialmente, tão antigos como os primeiros traços do pensamento filosófico da Humanidade e, apesar disso, desvendam um novo mundo de alcance espiritual.

Nos portais dos antigos templos de iniciação da Grécia havia a inscrição: *Gnôthi Seauton* (“Conhece-te a ti mesmo”); Platão repetiu: “Conhece-te a ti mesmo e conheceras o mundo e os deuses”.

A autoinvestigação de Maharshi, a misteriosa *Vichara*, diz o mesmo. É a chave de sua mensagem para o mundo moderno. É de admirar que nela esteja o poder da mensagem, se o fato é conhecido há milhares de anos? A solução está na resposta a outra pergunta:

“*QUEM nos deu o ensinamento e QUANDO*”?

Maharshi é um sábio contemporâneo e ele é a prova da verdade que trouxe do seu próprio campo de experiência espiritual. Descobriu a *Vichara* antes de conhecer qualquer filosofia religiosa. Quando rapaz de 16 anos, mergulhado no estado transcendental do *samadhi*, ele alcançou a compreensão do Ser — a verdade suprema — sem nenhum auxílio. Nele não havia dúvida alguma sobre a verdade, porque se tomara a própria verdade.

Foi o que sentiu o conhecido escritor e poeta Grant Duff (Douglas

Ainslie) quando viu *Sri* Maharshi pela primeira vez. Em seu relato, sob o título "O grande acontecimento em minha vida" do *Golden Jubilee Souvenir* (publicado por Raman*ashram* em Tiruvannamalai) fala-nos do impacto repentino ao ver Maharshi pela primeira vez: no momento em que o olhou, sentiu que "ele era a verdade e a Luz.

Essa experiência não foi, sem dúvida, exclusiva de Grant Duff. Muitos outros sentiram-na com irresistível certeza da alma. Nisso está o maior mistério da verdadeira compreensão do Deus-Verdade. Desde então o homem se torna um com Ele, e ao mesmo tempo outro milagre acontece — é que o homem está, então, mais próximo de todos os outros homens.

É difícil expressar o sublime. Já mencionei que eu tinha falado com o Mestre apenas três vezes, e cada vez durante poucos minutos? Não foi necessário mais. O falar era então demasiadamente grosseiro e inadequado. No último encontro com ele (vide capítulo **XLIII** "A **Partida**"), o leitor verá que intuitivamente evitei a palavra.

Quando Gandhi mandou seu mensageiro (*Sri* Rejendra Prasad, depois Presidente da Índia) a *Sri* Maharshi, pedindo que lhe mandasse uma mensagem, esse respondeu: "*Que utilidade têm as palavras quando falamos de coração a coração*"? E o mensageiro voltou a seu Mestre Mahatma Gandhi, satisfeito com a resposta do Grande Vidente.

Assim, a autoinvestigação "**Quem sou eu?**" foi sempre a base de todo ensinamento de Maharshi. Disse-nos ele que, enquanto estamos fazendo a investigação sobre nós mesmos, devemos, também, compreender claramente que nossos sentidos físicos e nossa mente são coisas impermanentes e condicionadas, que devem ser excluídas do campo do Real. E aquilo que fica, não afetado por elas, é o verdadeiro Eu.

Pela prática constante da *Vichara* penetramos no silêncio. Durante sua longa vida nesta terra, Maharshi fez muitos comentários sobre os seus ensinamentos, em respostas que lhe foram apresentadas por inúmeros visitantes e discípulos. Esses comentários foram escritos e publicados em diversos livros pelo *ashram*. Uma dessas obras, a incomparável *Maha Yoga* (A Grande Ioga), contém a essência de suas palavras, reunidas de forma apropriada por um eminente discípulo. Essa obra é indispensável a todo

discípulo sério e os que a lerem compreenderão a mensagem e a grandeza de Maharshi.

A habilidade e o poder do escritor para despertar a convicção dos leitores sobre assuntos espirituais, dependem da maneira e da intuição com as quais ele escreve.

Podemos expressar nossas concepções mentais, teorias e problemas; eles são filhos de nossa mente exterior; mas serão frios e inexpressivos se não fluírem da realidade interior.

No livrinho iniciático de Mme. Blavatsky, *A Voz do Silêncio* lemos: “A mente é como um espelho: apanha poeira enquanto reflete”.

Assim é que, na busca espiritual, o papel da mente é de pouca importância. Escrever somente com a mente exterior é reunir as palavras apropriadas e escolher as ideias que são transmitidas ao papel. Esse é o trabalho da mente. Ficamos sempre no campo do irreal. A verdade suprema ficará velada para nós eternamente.

Maharshi ensinou-nos um processo diferente: passar ao nível mais elevado da consciência, onde as imperfeições do “espelho” são transcendidas. Ali é o campo do verdadeiro Eu, o Super-Eu. Quando escrevemos da perspectiva desse nível não escolhemos nossas ideias ou palavras. Elas vêm por intuição, como se já estivessem escolhidas. O brâmane instruído, ao ler estas linhas, sorrirá e dirá: “Caro Mouni, por que não dizeis simplesmente Consciência Búdica”? Mas esse termo talvez não seja familiar ao leitor comum.

O Sábio de Arunáchala deu-nos também outro grande preceito: deveríamos nos esforçar por obter AGORA, nesta vida, esse nível de consciência que transcende o “normal”. Pois que então atingiremos a consciência que durará sempre, independente da morte do corpo. Esse estado nos liberta de todo o medo e incerteza. Essa é a “pérola de grande preço” e o “tesouro” digno de ser descoberto a todo custo; esta é a “parte boa” que não nos será tirada.

Maharshi não se ocupou com teorias. Notáveis são as suas palavras: “Não há reencarnação, não há *Ishwara* (Deus pessoal), não há nada; temos

de SER somente". É a verdade suprema para os que atingem a mais alta concepção do Ser incondicionado.

Esse plano pode ser atingido, porque ele o atingiu. Creio que a verdadeira finalidade de um grande Ser, que vem a esta Terra por nossa causa, não consiste tanto em dar-nos um '‘ensinamento novo" (se é que novo ensinamento existe), mas em transmitir-nos um exemplo de realização, cumprindo os ensinamentos dos livros sagrados e enchendo-nos de vida nova. Tal é a finalidade da *Maha Yoga*, confirmada muitas vezes pelo próprio Maharshi.

As diferentes religiões do mundo são destinadas ao homem médio. Elas indicam regras de conduta para uma vida correta, prometendo o céu como recompensa. Estão no seu campo. As leis de causa e efeito são verdadeiras. São leis da natureza. Produzindo o bem em nossas diferentes formas de existência, criamos condições propícias ao nosso progresso. Mas, uma vez vista a gloriosa meta de nossa existência, os outros alvos mesquinhos perdem a sua atração e gradualmente nos tornamos incapazes de fazer o mal. O mal está no campo de nosso ego efêmero, condicionado polos sentidos, que Maharshi chama "produto híbrido, surgindo entre o verdadeiro Eu e o corpo".

Outro ensinamento no qual Maharshi põe grande ênfase é o de que não existe a evolução do espírito ou do Eu.

Sua concepção é mais realista e cheia de bom senso. Ele diz que o Eu real está sempre presente e somente as sombras do véu material o encobrem. Tudo o que é necessário fazer é remover a ilusão (***Maya***)[{27}], e o Eu brilhará em nós; não há necessidade de procurá-lo em outra parte.

Pelo que foi dito acima, pode-se considerar que os ensinamentos do Grande Vidente não serão aceitáveis por todos. A Humanidade, até certa fase, preferirá viver no campo da matéria e dos sentidos. Não podemos fazer a criança passar a adulto instantaneamente, assim como não podemos deitar um litro de água dentro de um copo. Mas a criança crescerá no devido tempo. O que é essencial é que as almas que já estão suficientemente adiantadas aproveitem a presença do mensageiro. Ele reúne essas almas ao seu redor durante sua vida física e ajuda-as a dar seus últimos passos para a

Realização.

Antes de terminar esse capítulo, deixo aqui mais uma importante afirmação do meu Mestre:

> *“Vossa própria autorrealização É a maior forma de serviço que podeis prestar ao mundo”.*

Por isto não deveis sentir tristeza por não poder alimentar todos os pobres e famintos. Eles têm o seu próprio destino, ou, conforme os nossos amigos indianos dizem o seu próprio carma. Sede uma bênção e uma dádiva para todos e tudo o que encontrardes nesta vida —, mas não vos afastei do vosso caminho, para buscar qualquer atividade especial pois ela poderá envolver-vos neste mundo irreal e esquecer-vos-eis da meta.

Antes de terdes atingido a realização, é sempre incerto se a vossa atividade é realmente sadia. Há, contudo, um método para evitar enganos em vossa atividade. É, como diz o Mestre, quando agis sem egoísmo isto é não credes mais que sois vós que executais o trabalho. Essa atitude é apontada pelo autor do *Maha Yoga* como a do estado de consciência sem-ego.

> ‘‘*Tende fé em Deus e em vós mesmos, isso cura tudo espera; pelo melhor, trabalhai pelo melhor e tudo terminar bem para vós*”. (Palavras de Maharshi.)

Concede-me, ó Senhor, igualmente para com todos, o amor universal e *convivência com o Mestre espiritual*.

XIII.

O Caminho Direto

Pelo que foi dito pode o leitor depreender que o Grande Vidente — destoando da maior parte dos iogues e de muitos santos do presente —, não recomenda práticas ioguísticas como condição para o mais alto e perene alcance espiritual, que ele chama autorrealizaçao. Prescinde desses objetivos, de todas as posturas incômodas e exercícios de respiração, do controle de correntes prânicas (correntes de prana[{28}] no corpo humano e na própria natureza) e assim por diante.

Com efeito, raras vezes menciona estas coisas em suas instruções. O Caminho Direto para o alcance espiritual, conforme ensinado pelo Maharshi, não requer nenhuma postura desnatural do corpo, muitas vezes de tão difícil execução para a maior parte das pessoas; não exige nenhum dos esforços de *hatha yoga*[{29}], que podem ser até perigosos, se não forem praticados com a direta supervisão de um Mestre competente; nem recomenda práticas artificiais de concentração mental.

Todas estas coisas não nos conduzem a parte alguma, se não forem acompanhadas pelos elementos da iluminação espiritual, fato esse insistentemente frisado por *Sri* Shankaracharya no seu livro ***Viveka Chudamani*** (A Joia Suprema da Sabedoria).

Compreendo agora nitidamente que estas coisas pertencem a um círculo mágico fechado. Através de anos eu e meus mais íntimos amigos ocultistas praticamos muitas espécies de "*extra-iogas*" (criei esta palavra para distinguir essas práticas da *Maha Yoga* ou do caminho direto), mas sem resultados dignos dos nossos esforços. Alguns desses exercícios eram sem dúvida bons para a nossa saúde física, especialmente para aquietar os

nervos, cultivar uma bela voz, e assim por diante. Mas desfrutávamos essas vantagens somente enquanto continuávamos regularmente os exercícios; um intervalo, mesmo de poucas semanas, nos privava de benefícios tão arduamente conquistados, com tamanho esforço e tanta perda de tempo.

A permanente paz da alma não pôde ser obtida, ainda que eu, para tal fim, fizesse uso intenso de *japa* (repetição) com os melhores *mantrans*. Aconteceu-nos o mesmo que Paul Sedir, o eminente escritor ocultista francês, que mais tarde se converteu à espiritualidade, diz no seu livro ***Initiations***: "*O que aprendi eu dos valores eternos em todos esses anos que gastei no estudo da chamada "ciência secreta"*?

O mesmo diz o Mestre *Sri* Maharshi, e muito mais. Afirma que o controle da mente, conseguido por qualquer outro processo que não seja a *Vichara* (autoinvestigação), será apenas temporário, porque a mente retornará sempre a suas atividades espontâneas. "*O que não é natural* — diz o sábio —, *não é permanente, e o que não é permanente não vale a pena ser procurado*". Será que alguma pessoa de bom-senso pode discordar do Grande Vidente? Quem não percebe que não há possibilidade nem esperança de realização, quando esta é empreendida com métodos inadequados? Pois, nesse caso, não se tem tempo para trabalhar com o único instrumento eficiente, que é a *Vichara*.

A vida é breve demais para desperdiçá-la, quando trabalhamos seriamente rumo à meta. Além disso, para a maior parte dos estudiosos, tanto do Oriento como do Ocidente, complicados processos ocultistas exigem invariavelmente um reajustamento bem diferente da vida quotidiana e. em geral, por demais difícil. Essas centenas de exercícios, de posturas, de preces, de invocações, de meditações, são incompatíveis com os recursos e as possibilidades da vida normal da maior parte das pessoas.

Poucos estudiosos têm saúde suficiente para retirar-se completamente das atividades externas deste mundo visível e entregar-se a uma existência passiva. Nenhum pai ou mãe de família que trabalhe pode levar vida dessa natureza sem se tomar um fardo para outros, situação inadmissível para quem aspira a elevados ideais. Na maior parte dos países ocidentais não se permite que alguém leve vida de mendicante — como é possível no Oriente — sem entrar em conflito com as leis, e isto seria errado.

Mas o Caminho Direto, o caminho de Maharshi, convém a qualquer pessoa suficientemente amadurecida para abraçá-lo, seja homem ou mulher, jovem ou velho, rico ou pobre, erudito ou analfabeto. Esse caminho pode ser trilhado secretamente, de maneira que o mundo externo nem chegará a saber que alguém está empenhado numa profunda e intensa realização. Isto quer dizer que os obstáculos externos criados pelo carma humano são reduzidos ao mínimo.

Nem tampouco se requer a leitura de inumeráveis livros, geralmente escritos por homens que nunca tiveram esperança de praticar tudo que sugerem a seus adeptos.

Há uma coisa que, quando percebida, torna tudo claro e conhecido; mas, sem isto, todo o resto permanece na zona da ignorância, e a Realidade, essa imutável existência da vida, não é atingível.

É esta a razão porque tão pequeno número de aspirantes consegue algo digno de menção — se prescindirmos do fato de encher a sua mente com pensamentos inúteis e teorias pedidas de empréstimo a outros. Mas quem pode satisfazer a própria fome só pelo fato de observar outros comerem? Temos de comer nós mesmos, se quisermos viver.

A multiplicidade de teorias expostas em livros sem conta; as numerosas seitas e religiões, com sua invariável hostilidade mútua — embora tentem disfarçar esse seu caráter repugnante — tudo isto demonstra ausência de unidade, prova de que há pouca ou nenhuma verdade em qualquer uma delas.

O caminho direto, porém, dá-nos imediatamente uma visão clara da nossa última e única meta. Nesse caminho, o processo de adquirir virtudes obedece a um método inverso: não temos necessidade de ir em sua busca, porquanto elas nos vêm na razão do progresso que fizermos nesse caminho.

Não posso deixar de relembrar as palavras do Cristo sobre o Reino dos Céus, que deve ser procurado antes de outra coisa qualquer: “***Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas de acréscimo***”. Isto de obrigarmo-nos à virtude é praticamente tão inútil como o esforço de fugir das tentações

Todos nós sabemos que a verdadeira vitória não pode ser alcançada pela fuga, mas tão-somente por meio de uma luta corajosa. E devemos saber contra o que lutamos, do contrário, perderemos. Somente o Caminho Direto nos diz, desde o princípio, *para onde vamos*, e *porque*.

O nosso desapego deste mundo irreal, embora geralmente desconhecido por aqueles que nos rodeiam, adquire um caráter natural e razoável, longe de qualquer imaginação ou sonho nebuloso. Só então chegamos a conhecer experimentalmente o valor das coisas no meio das quais ainda vivemos.

Ao meditar sobre isto, vejo que muitos dos escritores contemporâneos populares que tratam de ioga e ocultismo não são senhores dos assuntos que versam. Prometem a seus seguidores toda a espécie de controle sobre seu corpo e sua vida, enquanto eles mesmos não adquiriram esse controle. Alegam conhecer tudo sobre ioga e as forças ocultas no homem; mas à primeira vista aparece quão longe estão eles deste controle, e mesmo da perfeição corporal — sem falarmos de coisas superiores. É bem mais fácil escrever livros do que alcançar a realização da verdade. “Médico primeiro cura-te a ti mesmo”!

Compreendo que muitas pessoas têm de seguir ainda estes caminhos duvidosos, porque são incapazes de enxergar a vereda única que conduz à suprema realização. E neste sentido, podemos admitir até certo ponto, que todos os caminhos levam ao mesmo alvo, porquanto o próprio tempo flui rumo à eternidade.

Quem possui um automóvel veloz dificilmente preferirá um destes carros de boi que vemos todos os dias em Tiruvannamalai. E, no entanto, esse tipo de veículo antigo esteve em uso por milhares de anos, e presta ainda bons serviços aos homens do campo, dos nossos dias. Do ponto de vista de tempo, nada há que objetar a esses veículos primitivos.

Mas agora as coisas mudaram. Se posso dispensar todos os livros, é porque a própria fonte de iniciação está aqui comigo. Isto acontece, porém, a poucos homens, e sei que continuará ainda por muito tempo. Mas quem poderia prescindir da gloriosa realização que é a presença de um verdadeiro Mestre?

Vêm-me à mente as belas palavras de um grande Mestre: "*Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por mim*". Na presença de Maharshi esta verdade mística se torna clara e real; pois, enfim, aos pés de *Bhagavan*, eu vejo, como outros viram antes de mim, que ele é o caminho.

O caminho direto é também o cumprimento do testamento espiritual de Buda: "*Não podeis destruir a vossa ilusão pelo fato de criardes outra em seu lugar*". O Mestre do caminho direto, agora sentado diante de mim em seu sofá, é o maior destruidor de ilusões. Em hipótese alguma, alguém que viu a Luz pode continuar a crer na ilusão deste mundo irreal que, embora manifestado, só existe em nossa mente, como diz o Mestre. À luz desta compreensão está definitivamente neutralizado o veneno de um compromisso entre a aceitação teórica desta verdade e a sua prática real na vida diária.

Outra citação me vera à memória: é da *Voz do Silêncio*, de H. P. Blavatsky, baseada na mais alta mística do budismo do Norte: "*O ego da matéria e o Eu do Espírito não podem jamais conciliar-se; um dos dois tem de desaparecer; não há lugar para ambos*". Concorda isto com o caminho direto.

Sri Maharshi, como se vê, defende a teoria não-dualista (da *advaita Vedanta*), a qual reconhece uma única Realidade, o *Atman*{30} o Eu, o Espírito. No seu livro *Viveka Chudamani* diz *Sri* Shankaracharya: "*Todo esse Universo, conhecido através da mente e da palavra, é o Espírito*". Se remontarmos até a raiz desta filosofia, veremos que a evanescente duplicata do homem é como não-existente. Outrossim, podemos reconhecer que a *advaita* supera o acima citado tópico da Voz do Silêncio, porque o ego material (ou o tríplice ego, como o chamamos) é considerado como sendo absolutamente irreal e sem existência.

Agora, partindo da minha anterior multiplicidade de concepções, aproximo-me do Uno, substituto para todas elas, e que solve, ou talvez melhor, *aniquila e nulifica* todas as minhas perguntas.

É deste modo que nasce a tão desejada paz de espírito.

Praticamente, quão diferente é o caminho que para lá conduz, em

contraste com as minhas lutas anteriores!

Quando compreendemos que há um caminho infalível para esse alvo final, sentimo-nos empolgados de alegria por esse conhecimento. É esta a água que mata a sede humana; pois a Humanidade nunca é deixada sem remédio ou assistência, em suas peregrinações e seus sofrimentos. Os que procuram acham.

Mas a busca deve visar a mais alta verdade, e não deve contentar-se com ilusões mais ou menos sublimadas. A virtude cardeal do discernimento desempenha papel supremo nessa busca. Pois, quando o caminho direto se torna visível, todos os outros desaparecem como se jamais tivessem sido procurados. Não há necessidade alguma de "rejeição" por parte do discípulo: ele simplesmente parece esquecer o que é bem esquecido, e somente se lembra do que é digno de ser lembrado.

Bem no fundo do nosso coração jaz uma fonte, tantas vezes mencionada pelo Mestre. É comparável ao centro de um círculo, de onde podemos abranger todas as direções; nenhuma outra perspectiva nos pode dar semelhante vantagem. Compreendo agora porque esse caminho de Maharshi é chamado o "***silencio interior***". Também, com quem poderia falar "o único vidente"?

"Homem, vai diretamente para a verdade em teu centro espiritual; pois a distância mais curta entre dois pontos é a linha reta" — uma verdade mística jaz oculta detrás deste axioma geométrico. Aceita-o, e já estás com os pés no caminho direto. Não há necessidade alguma de procurá-lo em outra parte. "Uma viagem de mil quilômetros começa com um único passo"; mas, se o viajante não der esse primeiro passo, ficará parado no ponto de partida.

Sem o conhecimento "***Quem sou eu***?" ficamos espiritualmente parados. Cedo ou tarde teremos de fazer o início da jornada e perder toda a lembrança das nossas peregrinações anteriores.

O caminho direto parece-se com uma grande torrente fluindo calma e majestosamente para o Infinito Oceano de Nirvana, de *Brahman* do Reino dos Céus, ou que outro nome queiramos dar ao último e único alvo de todo o Ser.

Iogas, religiões, seitas, sistemas filosóficos, sociedades ocultistas e espirituais — todos podem ser considerados como outros tantos afluentes de um grande rio, e depois seguem o seu curso comum, rumo ao oceano. Mas, enquanto são arroios e regatos separados, antes de desaguar na grande torrente ninguém os pode conduzir à sua meta. Antes de atingirem a torrente comum, é possível que cachoeiras, barreiras de areia e outras irregularidades lhe modifiquem o curso dos leitos; e assim, nadando ou velejando neles, não podemos enxergar a torrente única, oculta por suas voltas e sinuosidades. A cada momento temos outra visão de suas praias e litorais multiformes.

Esquecemo-nos de que tudo tem de acabar e assim também acontecerá com os nossos atalhos. Mas quem sabe o caminho direto, não perderá seu tempo em seguir veredas menos seguras. Todos os esforços convergem na ideia única. Como entrar na grande torrente que vai diretamente ao oceano?

Possivelmente essas pessoas já seguiram trilhos tortuosos em vidas passadas, e as suas experiências as conduzem agora para a última estrada principal, de maneira que já não se sentem atraídas por atalhos secundários.

De tempos a tempos, um Mestre dirige a sua nau para dentro da magna torrente e encontra os que terminaram a viagem nos pequenos afluentes e aguardam a última jornada. No meio destes ele escolhe os que lhe parecem idôneos — e então a sua própria nau desaparece nas ondas da eternidade.

A invisível nau está ainda navegando visivelmente para nós. E o Mestre está disposto a levar-nos consigo.

XIV.

A Técnica da *Vichara*

As coisas mais simples são, às vezes, as mais difíceis de alcançar.

Quando tentamos excluir todos os caprichos e fantasias de nossa mente irrequieta e concentrar-nos em algum alvo escolhido, definido, ela luta desesperadamente a fim de resistir ao controle. Depende de nossa vontade sermos vencedores ou vencidos nesse combate.

Descobri *quem é o criador dos pensamentos — e a meta estará alcançada*. Tal é a verdadeira Realização. Mas isto é demasiadamente místico e para compreendê-lo é necessário esforço implacável. Comecei a praticar a *Vichara* alguns anos antes de encontrar Maharshi, e o método, de acordo com os seus ensinamentos, é o seguinte:

> *Mergulhamos na meditação com a impressão clara em nossa mente de que o Eu Real não pode ser nenhuma coisa transitória, tal como o corpo, as emoções e a mente. Quando isso estiver firmemente estabelecido, se nenhuma dúvida existir na consciência, tentaremos então preencher todos os momentos possíveis com a pergunta: "Quem sou eu?"*
>
> *E, quando algum outro pensamento penetrar na mente, nos o abateremos com a Vichara. Quanto mais perseverarmos, melhor será o resultado. A mente inquieta começa a abandonar a luta. Substituindo-se cada pensamento que se aproxima pela mágica Vichara, os períodos de quietude absoluta da mente vão-se tomando mais longos. A princípio, será apenas por alguns segundos. Com a pratica constante virão instantes de paz imperturbável. É muito*

importante compreender e lembrar o que mais influiu para o alcance dessa paz na mente.

Não posso descrever esse processo em minha consciência, porque está acima e além da atividade da mente, e não pode, portanto, ser expresso em palavras, que pertencem ao campo da mente. Mas o estudante sério terá a mesma experiência.

Em qualquer lugar onde eu me encontrasse, *Vichara* estava comigo, na rua, nos trens e bondes, e sempre que minha mente não estivesse empenhada em alguma atividade necessária.

Durante os primeiros meses, eu fazia as perguntas contando-as: "Quem sou eu?" (um), "Quem sou eu?" (dois), etc. Quando as circunstâncias me obrigavam a interromper o trabalho, anotava o número na memória ou, se a interrupção era longa, escrevia-o num pedaço de papel que levava no bolso para esse fim.

Nos primeiros dias a contagem maior era mil. Mais tarde, consegui sete mil e até maior número tomou-se fácil. Quando aprendi a preencher todos os momentos com *Vichara*, com exceção dos intervalos para falar ou alguma ocupação mental obrigatória, a contagem foi considerada desnecessária, pois então a mente tinha aprendido a lembrar a *Vichara* automaticamente. **A parte importante não era repetir** a *Vichara*, mentalmente, e sim saturar cada pergunta de um **desejo intenso** (sem palavras) de conhecer "Quem sou eu?".

E os resultados eram: Paz da mente e o poder de utilizá-la à vontade como uma força separada do indivíduo "Eu". A maioria dos homens crê, em sua ignorância, que seu corpo, suas emoções e sua mente constituem ele mesmo. O discípulo instruído por um Mestre sobrepõe-se a essa ilusão. E esse é o ponto de partida de seu desenvolvimento espiritual, sendo essa condição *sine qua non*{31} para seu progresso no caminho. Sob o domínio da mente o homem é um escravo. A Realização não é possível para os que são escravos da mente ou dos sentidos.

O aspecto espiritual da *Vichara* é claro. Ao praticá-la, estareis buscando vossa legítima herança, tendo como alvo a verdadeira fonte da vida. Outras experiências possibilitadas pela prática da pergunta "Quem sou

eu?” são dadas em outros capítulos deste livro. O problema todo da Vida está envolto na *Vichara*. Todas as religiões e todos os Mestre espirituais afirmam que a vida em sua essência e eterna e indestrutível. *Mas o que é essa vida*?

Maharshi revela, e seu discípulo compreende, que a vida eterna nada mais é do que a Consciência Ininterrupta.

Alcançar esse estado significa alcançar a imortalidade do espírito, a Realidade. Essa é a meta da aspiração suprema. Não há outra. Meditai sobre isto, e a Verdade se tornará clara, mesmo para a mente externa.

Tal é o céu prometido aos justos e aos santos, do qual nos falou Cristo. Para eles não há mais morte. E como são claras, então, as palavras dos grandes Mestres da Humanidade!

Sob outro aspecto, é claro que, para o ser humano não desenvolvido, há e deve haver interrupções periódicas na consciência, aliadas a sofrimentos e medo da morte.

Se o nível de consciência no homem não transcende o da mente (e isso se dá com a maioria dos homens), então esse próprio fator implica em encarnações na matéria (*Maya*) e morte, conhecida como transição em formas diferentes, acompanhadas de trevas temporárias inevitáveis e vácuos na consciência.

Mas quando nossa consciência alcança o campo supramental, o reino do perene e imutável Espírito-Eu, a Realidade eterna, então a morte é sobrepujada simplesmente e já não existe. Agora pode ser compreendida a verdade das palavras do Grande Vidente quando nega a reencarnação no reino do espírito, mas por outro lado fala nela como fato estabelecido.

Desse ponto de vista, morte e reencarnação são ambas apenas ilusões que não atingem o Eu Real, tal como nosso corpo não é afetado pelas mudanças de roupa. A *Vichara* lança luz sobre todos os caminhos.

XV.

“Ó MARTA! …”

> … Ó Marta, Marta! Tu te preocupas com muitas coisas, mas uma só é necessária… Maria escolheu a parte boa e esta não lhe será tirada (Jesus Cristo).

A influência da luz invisível, porém a mais eficiente emanada de Maharshi, traz a modificação total e apreciações de todos os valores da vida terrena. Após algumas semanas de estada aqui, vejo claramente o vácuo trágico das atividades sociais da maior parte das pessoas, que apenas ocultam o vazio interior e a futilidade total da sua existência.

Lembro-me de ter perguntado, a muitas dessas criaturas, o que consideravam o fim principal de sua vida, e quase todas as respostas coincidiam, como se essas criaturas tivessem sido moldadas na mesma forma. A quintessência das suas respostas eram mais ou menos esta: “O fim principal de minha vida é servir à nação; ajudar o progresso da Humanidade; auxiliar a evolução e o progresso cultural de meus descendentes; dar boa educação e princípios de moral aos meus filhos — e outras frases insignificantes e dissimuladas. Eu preferiria que dissessem francamente: ‘‘Meu alvo é o prazer; desejo gozar bem a vida enquanto é tempo”.

Compreendo agora que aquele que não sabe quem “ele é”, não pode ter julgamento justo, nem qualquer ideia de coisas que transcendam sua personalidade. Compreendo que, enquanto os seres humanos não alcançam o autoconhecimento, todos, sem exceção, são conduzidos por um movimento automático a que chamam “vida”, aspirando a alvos terrenos mais ou menos limitados.

Um político, ao trabalhar, conforme crê, pela prosperidade de sua nação e estado, nunca pergunta se a existência dessa nação ou desse estado é necessária para o bem do Universo como um todo, ou se desaparecerão depois de algum tempo para dar lugar a outras entidades semelhantes. E também não pensam que todo o nosso planeta não é eterno que tudo o que foi criado nele através das idades, pelas inumeráveis gerações de seres pensantes (como gostamos de chamar nossos irmãos em evolução), tornar-se-á pó, sem deixar de si o menor vestígio, tal como não há vida na Lua, o globo "morto" mais próximo de nossa Terra.

É verdade que essa *compreensão* não se apresenta de forma definida, em sentenças já preparadas, como as que escrevi acima. Mas não encontro nenhuma outra forma de expressar essa realização que em sua essência pura, vinda talvez da intuição, ultrapassa todas as palavras. Por isso é que falha inevitavelmente toda a tentativa de expressar o significado dessa compreensão nascida do silêncio espiritual.

Todas as variadas atividades humanas descritas aqui têm sua fonte na personalidade ou no ego. Sabemos que ambos, ator e ação, são igualmente ilusórios e não têm existência real, a não ser nas poucas dezenas de anos desta vida efêmera do corpo físico. Se compreendermos esse fato, veremos toda a irrealidade de nossas ações e alcances no plano físico, as quais são a base de nossa personalidade. O homem que renuncia à sua personalidade pelo Real cessa de ser o escravo de suas ilusões e não crê mais na utilidade das mesmas, bem como não pode admitir que sua sombra possa existir independente de seu corpo físico.

"*Vanitas vanitatum et omnia vanitas*" ("Vaidade das vaidades e tudo é vaidade").

Estas palavras tiradas do Eclesiastes e citadas por uma inspirada autoridade cristã, o autor do maravilhoso livro *Imitação de Cristo*, são mais uma prova de que "todas as estradas conduzem a Roma" — em outras palavras, no campo espiritual, todos os esforços para encontrar a verdade, sem referência a qualquer credo, conduzem à mesma meta final.

Há cinco anos, quando entrei em contato com os ensinamentos de Maharshi, senti a sua semelhança com os de Tomás a Kempis, há muito

conhecido por mim. Agora, na presença da Luz em forma visível, compreendi mais claramente a unidade básica de todos os Mestres espirituais da Humanidade.

O homem profano enterrou em túmulos de dogmas e mandamentos transitórios as verdades espirituais vivas dos ensinamentos deles.

A crença na “superioridade” de qualquer religião não existe para aquele que se senta aos pés de um verdadeiro Mestre de Sabedoria. Maharshi fala também sobre a “Última Verdade”, mas isso transcende todos os credos e poucos o podem alcançar.

XVI.

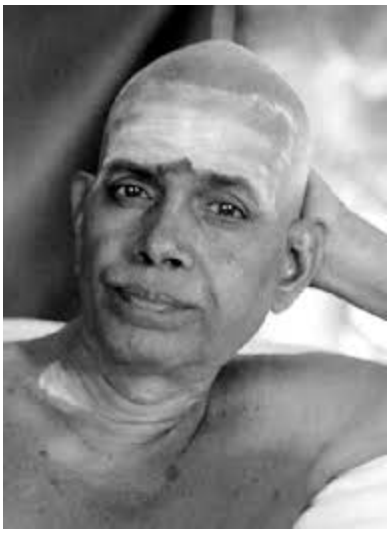
Os Últimos Retratos do Mestre

Nos últimos dias de vida de Maharshi, diversos fotógrafos vieram para tirar fotografias do Mestre.

Maharshi obedecia a todas as solicitações desses especialistas (feitas de maneira reverente e delicada) e tomava as diferentes posições que lhe eram solicitadas, sempre com o seu sorriso bondoso e indulgente.

Eu, naturalmente, supunha que todos soubessem que estes eram os últimos meses que Maharshi ficava entre nós. Daí desejarem obter uma fotografia da forma física do Santo, antes que fosse tarde. E essas fotografias são de fato maravilhosas. Sua fisionomia, durante estes últimos anos de sua vida terrena, tem uma expressão de bondade e amor quase divinos, que se apresentam até mais predominantes do que a expressão de sabedoria e de poder tão proeminentes em suas fotografias anteriores.

Alguns bons retratos do Mestre podem ser adquiridos. Talvez o mais conhecido deles seja o que foi tirado há uns dezesseis anos. Apresenta a sua face sobre o fundo de uma espécie de cruz luminosa, formada por reflexos de luz. Outra bem conhecida apresenta-o em sua posição clássica de iogue, sentado de pernas cruzadas sobre uma plataforma coberta com pele de tigre. Esta é bem conhecida de todos os leitores das obras de Maharshi. Provavelmente foi tirada após ter ele feito a barba, o que se dava mensalmente, pois a foto está sem a barba branca, o que reforçou tanto a expressão da pureza das linhas como as de poder, mais do que em outra fotografia.



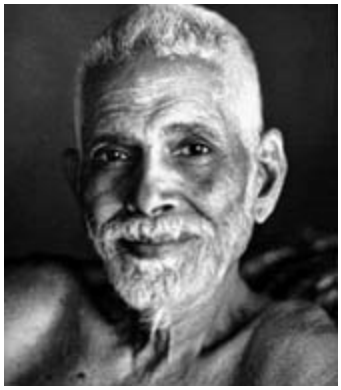
Ao contemplá-la, notamos certa gravidade na fisionomia do Santo, que há muito tempo deixou atrás de si todas as imperfeições, fraquezas e misérias que ainda reinam entre nós. Ela nos mostra aquele que transcendeu para sempre toda a ignorância e agora encarna a Realidade Suprema, onde nem duvidas nem medo podem existir. Tive o privilégio inestimável de contemplar as feições da própria forma viva, em suas linhas claras, essa cabeça maravilhosa rodeada por sutil fragrância de incenso, do aroma ainda mais sutil da intensa devoção e amor de centenas de corações.

Também percebemos nessa fisionomia aquela qualidade tão rara entre nossos irmãos-homens: a infinita compreensão. É difícil explicar, mas quando estamos na presença do Santo, temos a certeza de que todo o nosso ser está aberto e desnudo diante dele e que ele vê suas profundezas. Isto, naturalmente, não poderia ser muito agradável nem confortante para a maioria das pessoas, se acontecesse estarem diante de olhares diferentes dos de Maharshi. Mas em sua presença não podem existir segredos, nem temos o mais leve receio de crítica.

Ele é como o mais alto tribunal de nossa consciência, e Pai-confessor cuja presença nos purifica de todos os pecados, como foi dito, quarenta anos atrás, por um amigo de Maharshi, o santo hindu, clarividente, Seshadri *Swami*.

A terceira foto bem conhecida apresenta a fisionomia do Mestre num

halo de barba e cabelos brancos, com um sorriso suave e cheio de inefável ternura.



A missão de Maharshi nesta terra aproxima-se do fim. Os ensinamentos orais foram transmitidos, transcritos e publicados por discípulos e amigos fiéis. Um grupo de ‘'iniciados” ficou para continuar a espalhar as palavras de Sabedoria entre aqueles que podem escutá-las e aceitá-las. Resta apenas a cruz do martírio final cuja extensão e fins são desconhecidos e inexplicáveis para nós… Não tive o privilégio de ver suas últimas fases no plano físico.

Disseram-me que os sofrimentos físicos de Maharshi foram terríveis para aqueles que o rodeavam. A Providência sábia conhece melhor os limites de nossas forças e de nossa paciência em qualquer fase de nossa vida.

Essa terceira fotografia do Sábio que contemplei diariamente durante toda a minha estada no *ashram*, ficou comigo, gravada em meu coração, de maneira mais profunda do que somente em sua aparência exterior.

Antes do fim de abril de 1950 o Mestre disse aos que o rodeavam: “*Dizem que estou morrendo, mas estarei aqui mais vivo do que nunca*”. Na verdade, o espírito de Maharshi ficou conosco.

As fotografias de Maharshi são conhecidas agora em todo o mundo. Mas quantas pessoas conhecem a luz que foi trazida por elas do reino da felicidade absoluta, do país do mais alto espírito, caminho que é ainda para

muitos de nós estreito e difícil?

Por que somos tão cegos? Por que não podemos ver a paz e a felicidade, a sabedoria e o amor tão claramente expressos mesmo nas feições físicas daquele que para sempre habita esse país? Quanto mais resplandecente deve ser essa luz lá onde não existe o véu do veículo da matéria, lá onde brilha o sol sem ocaso, cujos raios luminosos são o sonho dourado que toda a criatura aumenta nas profundezas de seu coração!

XVII.

Nova Intervenção Cirúrgica

Durante vários dias correram rumores no *ashram* de que nova intervenção cirúrgica deveria ter lugar para extração do tumor que, crescendo assustadoramente no braço do Sábio, enfraquece todo o seu corpo. Ontem à noite chegaram diversos médicos de Madras trazendo todo o necessário para a operação. Estiveram presentes à meditação da noite e trocaram algumas palavras com o Santo, antes de se retirarem do *hall* do templo.

Esta manhã, Maharshi não estava no seu lugar habitual e os membros da diretoria do *ashram* dizem que a operação será ao meio-dia.

Todos os ocidentais estavam alerta, muitas pessoas rodeavam o templo e andavam de cá para lá, nas proximidades do dispensário, onde se procede à operação…

Somente à noite soubemos que a operação havia terminado e que Maharshi, muito fraco, não deixaria o dispensário. Ele está sentado numa poltrona, na varanda do edifício branco, rodeado pelos médicos e pela diretoria, e nas proximidades formou-se grande fila de pessoas ansiosas por ver o Mestre. Os presentes, um por um, avançavam silenciosamente, subindo os poucos degraus, chegavam à frente do Mestre, saudavam-no e imediatamente desciam pelo outro lado.

Mas eu não fui lá. Fui ao templo, sentei-me no meu lugar usual e mergulhei na meditação, sem pensamentos, nem formas mentais, na quietude daquele silencio, que é mais eloquente do que palavras.

Que maravilhosa é a paz de tal silêncio! Não pode imediatamente ser

interpretado em palavras, devido a uma certa relutância que sentimos em quebrar o silêncio pelo pensamento. Palavras ficam para mais tarde; daí terem sido escritas estas páginas depois de algum tempo. Geralmente eu as escrevi nas horas livres que se seguiam ao almoço, enquanto todos costumavam fazer repouso; a vida do *ashram* parecia ficar suspensa até às 15 horas, e não havia ninguém no *hall* do templo. Quase todos dormiam das 12 às 15 horas, menos eu, pois era nesta hora que atendia à minha correspondência particular, que era grande. Recebia cartas de vários pontos da Terra, em diversas línguas e de pessoas de diferentes naturezas, temperamentos e níveis de desenvolvimento mental.

O calor dificulta todo o movimento físico, mas as funções superfísicas permanecem independentes e a mente trabalha normalmente. Quando terminei minha correspondência naquele dia, escrevi algumas páginas do meu diário ou *Recordações da Índia*, no qual estou tentando usar uma forma conveniente ao homem comum. Não gosto muito deste trabalho e passei para ele com pouco entusiasmo. A crítica é inevitável e muitos verão neste trabalho apenas um tipo de descrição vulgar. Outros, ao contrário, o acharão exagerado e parcial. Tudo isso não pode ser remediado.

Poucos dias depois da operação, Maharshi aparece no *hall* do templo. A princípio por algumas horas, depois por um período mais longo, até que finalmente a rotina normal se restabeleceu por certo tempo.

Discípulos e devotos, bem como admiradores, chegam de todas as partes do mundo, provavelmente para despedir-se do Mestre e receber seu *darshan* final. Entre eles há indianos e ocidentais de todas as nações e raças. Todos são pessoas de meia-idade e vieram, talvez, para se demorarem poucos dias. Há entre eles figuras sérias, outras, de algum modo grotescas. Um dos discípulos de Maharshi, o famoso iogue Ramiah, ficou no *ashram* quase dois meses. Todas as manhas e noites sentava-se literalmente aos pés do Mestre. Silencioso e calmo, envolto em suas roupas brancas, aí ficava quieto e imóvel.

Depois da operação, Maharshi continua fraco, mas é visível uma ligeira melhora. E rumores otimistas se espalham entre as pessoas que o rodeiam. Alguns esperam um milagre. Outros têm esperança em melhores resultados de novos métodos de tratamento.

Eu não ouso cismar no futuro. Estou concentrado no presente, deixando a possível tristeza guardada para quando o Mestre não estiver mais conosco — isto é, em corpo físico.

Mas eu sei que o estou vendo em forma física pela última vez.

XVIII.

A Visita às Cavernas

Enquanto Maharshi está ausente do *hall* do templo, eu emprego o tempo em visitar lugares sacros na vizinhança. Minha primeira visita foi à sagrada colina Arunáchala, que se eleva alto muito acima do *ashram*, como que apontando para o céu com seu agudo pico. Visito todas as cavernas onde o Sábio viveu em sua mocidade. Uma das mais famosas é chamada a caverna Verupaksha. Ali o jovem *Swami* Ramana passou muitos anos em meditação e disciplina ascética. Dizem que, em tempos antigos, um grande iogue foi enterrado nessa caverna.

Encontrei facilmente um pequeno caminho na subida de Arunáchala que conduzia a essa caverna. Vi uma grande pedra saliente, e embaixo dela uma pequena varanda com soalho de concreto rodeada por uma grade de ferro, vendo-se ao fundo pequenas portas, fechadas com fechaduras enferrujadas, mas ainda usáveis. Não havia ali outro sinal de vida. Andei ao redor da caverna, colhi algumas flores vermelhas dos arredores, e depois sentei-me tranquilamente numa grande pedra aquecida pelo sol.

Quando já me decidia a voltar, um hindu magro, de meia-idade, que subia a colina, aproximou-se da caverna. Saudou-me pelo costume hindu, ao que respondi juntando as palmas das mãos na altura do peito. Ele abriu o pequeno portão de ferro e entrou, convidando-me, com um sorriso e um gesto bondoso, a segui-lo. Tive de abaixar-me quase até o chão para passar pelas pequenas portas, que davam para a cela de nove pés quadrados, cavada na rocha, no centro da qual havia pequeno altar em forma cúbica de cinco pés de altura, todo coberto de guirlandas de flores silvestres amarelas. No centro do altar estava uma lamparina acesa e flores azuis espalhadas.

Sobre uma prateleira, cavada na rocha, havia um pote de barro para água e ali o meu amigo, o *sannyasin*{32}, colocou uma pequena vasilha que continha o alimento que ele trazia. Nada mais havia para se ver na caverna. Sentei-me no soalho, que tinha sido varrido, perto da pedra do altar, e o hindu fez o mesmo. Entendíamo-nos sem necessidade de palavras. Ele sabia qual era o fim da minha visita e eu compreendia bem o que significava para ele essa ermida silenciosa e afastada.

No mesmo dia, de tarde, fui a outra caverna situada num ponto mais alto da colina e chamada Skand*ashram*. Outro lugar em que Maharshi esteve antes de descer a este *ashram*, no qual posteriormente foi feita a sepultura de sua mãe e onde o templo e todos os edifícios foram construídos.

Como na caverna Verupaksha a plataforma na rocha está rodeada por uma grade, um bosque de palmeiras e um pequeno jardim; há alguns degraus talhados na rocha, que conduzem à grande varanda que dá entrada para vários quartos. Aquele dia era de festa religiosa hindu e várias mulheres e crianças, com trajes festivos, estavam na varanda à sombra agradável das palmeiras. Um jovem indiano, com expressão inteligente e bondosa no semblante, veio ao meu encontro. Mostrou-me pequena porta que conduzia ao interior. Essa caverna era semelhante à anterior, mas parecia mais rica: um pequeno altar idêntico ao outro, enfeitado de flores, a lamparina sempre acesa, e sobre o altar uma velha fotografia de Maharshi em atitude de meditação, provavelmente tirada cerca de quarenta anos antes. Alguns tapetes com desenhos coloridos estavam estendidos no chão.

O jovem asceta aproximou-se, juntou as mãos e inclinou a cabeça diante da fotografia de Maharshi. Perguntei-lhe se esse era o quarto onde o Sábio tinha morado, anos atrás, pois havia outras celas pequenas nessa ermida. Ele fez-me sinal de assentimento e saiu por um momento, voltando com uma bandeja contendo cinzas e um pequeno vaso com pó vermelho chamado *kum kum*, usado no ritual hindu durante a puja.

Com o pó vermelho é feito um pequeno sinal entre as duas sobrancelhas; depois três batidas na testa com a cinza. O primeiro era fácil, mas no segundo fiquei indeciso, sem saber ao certo quantas batidas devia dar e como dá-las sem errar. O *Swami*, que segurava a bandeja,

compreendeu minha situação e veio em meu auxílio com gestos delicados, mostrando-me que as três batidas devem ser com três dedos.

Segui o seu exemplo e. depois do ter-me submetido a esse antigo ritual ariano, sentei-me tranquilo no canto da caverna perto da cela que Maharshi havia ocupado, e desprendi a consciência de todos os objetos, afastando tudo do seu campo. A princípio foi desaparecendo o colorido das saias das mulheres que estavam sentadas à minha frente; depois o murmúrio de um asceta de cabelos brancos que repetia seu *mantram* junto de mim.

Quando retornei ao mundo visível, ouvi à distância, no *ashram*, o som do gongo que anunciava a ceia. De noite, aqui se ouve o som claramente, à distância de muitas milhas. Saí silenciosamente do interior de Skand*ashram* e desci os degraus de pedra. E nessa tarde, pela primeira vez sentei-me no refeitório com os sinais de um *sadhu* hindu, que indicava uma pessoa dedicada à vida espiritual. O lugar de Maharshi estava vazio…

No lugar oposto ao meu, sentou-se a família de um Maharajá recentemente chegado, sua esposa e dois jovens, filho e filha. Ao lado esquerdo era o lugar do iogue Ramiah, e a direita o dos discípulos mais antigos no *ashram*. Pareceu-me que a família do Maharajá lançava olhares um tanto invejosos a minha colher, com a qual era tão confortável comer, especialmente em caso de líquidos; pois, por boa educação, eles tinham de seguir o costume comum de comer com a mão, costume esse que provavelmente já haviam abandonado por muito tempo.

XIX.

Arunáchala Vista de Dia

Arunáchala significa “colina da Luz”. De acordo com um costume antigo, no dia de *Shiva*, chamado o “Dia de *Kartikai*”, é aceso um grande fogo com *ghee* (manteiga derretida), pelos sacerdotes do grande templo de Tiruvannamalai no topo da colina. O clarão é visto a muitas milhas de distância, pois a colina se ergue solitária numa planície. A festa é celebrada todos os anos em novembro.



Fogueira em Arunáchala à noite

A lenda diz que, há milhares de anos, o próprio *Shiva* apareceu na colina em forma de uma coluna de fogo e desde então é celebrada a festa de *Kartikai*. Esse é o lado físico e visível da festa, mas a significação esotérica é muito mais rica e profunda.

Maharshi considera Arunáchala como o reflexo do Absoluto que concede a libertação àqueles que se esforçam sinceramente por obtê-la. O Sábio diz também que ela representa o nosso Eu verdadeiro, a Realidade essencial, o espírito e a meta final de nossa existência, ou o *Atman*,

afirmando claramente que, apesar de ser Arunáchala uma colina insensível, sob o ponto de vista material — pois é “uma massa de rochas e de pedras” —, compreendida em seu aspecto real, ela é o símbolo do Altíssimo.

Não pretendo apresentar aqui os detalhes sobre a mitologia da colina sagrada e transcrevo apenas algumas palavras significativas do Mestre:

> “*Descobri que o simples pensamento sobre Arunáchala seu aspecto mental, faz parar os movimentos do princípio pensante, dando paz àquele que se volta para ela”*.
>
> “*Há no mundo uma poção maravilhosa para aqueles que compreenderam a natureza efêmera das coisas terrenas e desejam abandonar essa forma de vida. Essa poção rara não mata o corpo físico do homem, mas destrói a personalidade separada e falsa daquele que consegue voltar seu pensamento para ela… Saibam que essa poção nada mais é do que essa sagrada colina Arunáchala”*.
>
> *“Aquele que pergunta constantemente: “Quem sou eu?” “Qual é a origem de meu eu?”; aquele que mergulha nas profundezas de seu ser e que encontra as raízes de sua mente no coração, torna-se senhor do Universo, ó Arunáchala, oceano de felicidade… “*

Estas palavras místicas do Sábio têm significação profunda e também sugestão prática, mas apenas para aqueles que aspiram à libertação conscientemente. Para estes, o véu das palavras é levantado, e somente então podem sentir a mística luz de Arunáchala penetrar em seus corações.

Começo a compreender a significação das palavras: “Todos os movimentos da mente são sustados por Arunáchala”. É difícil transmitir isto, a não ser àquele que experimentou o fenômeno.

O fato é que apenas a lembrança de Arunáchala, quando estamos longe dela, ou mesmo a fotografia da forma estranha da colina da luz, vista por nossa mente, induz a uma concentração que não é o começo, mas a condição certa de nosso adiantamento para a meta única.

Hoje, aproveitando a ausência de Maharshi do *hall*, decidi explorar o aspecto físico da colina, isto é, escalá-la. O tempo era propício, pois o céu está nublado, e por isso a temperatura não é elevada. O vento forte, quase fresco, auxilia esse intento, que não é fácil, pois não conheço o caminho, e

as escarpas são íngremes e agrestes. Há dificuldade em achar o caminho e, além disso, as coisas vistas à distância são completamente diferentes. Lugares que, olhados de baixo, parecem fáceis de escalar, ao aproximarmo-nos apresentam-se inacessíveis. Essa era a maior dificuldade da minha aventura.

Lancei o olhar para o topo da colina e segui uma linha mais ou menos reta, partindo de Tiruvannamalai e do *ashram* e em geral subi por um ângulo de 45 graus. Tive de pular de uma pedra para outra, evitando os arbustos densos que cresciam profusamente entre as rochas, pois que podia haver alguma serpente ou escorpião escondidos ali, o que é frequente nessas regiões.

Em breve, a cidade, o templo com suas torres e os edifícios do *ashram* eram vistos como se fossem brinquedos, e os pastores que olhavam para mim de lá de baixo da colina pareciam formigas.

Notei que a descida seria bem mais difícil do que a subida, pelas pedras, porque, polidas pelas chuvas e pelo vento durante séculos, tinham tomado forma arredondada e não se achavam fixas no solo e, de vez em quando rolavam colina abaixo.

Após meia hora de subida, alcancei uma rocha que, vista debaixo, parecia ser o meio do caminho, mas ao olhar dali para o pico da colina, vi que a distância a vencer era ainda mais duas vezes a distância já deixada para trás. Além disso, a rocha era tão íngreme, que não havia possibilidade de escalá-la apenas com o auxílio da vara de bambu que eu tinha na mão. A rocha se atravessava no caminho escolhido; era impossível transpô-la, ou cortá-la para prosseguir viagem.

Compreendi que eu não havia seguido o caminho certo, e lembrei-me das palavras de um farmacêutico de Tiruvannamalai de que o melhor caminho ficava do lado oposto ao templo de *Shiva*, ao norte. Mas já era tarde para procurar este caminho. A única coisa a fazer, se eu quisesse continuar, era seguir um pequeno trilho, quase invisível, entre os arbustos, ao lado esquerdo da rocha. Deixei de olhar cuidadosamente onde ia pisar, conforme tinha feito até então, pois tomava muito tempo, e pensei: ‘'Se uma cobra venenosa tiver de me morder, nenhum cuidado de minha parte poderá

evitá-lo”. Fixei minha atenção no Arunáchala e, passada uma hora, cheguei ao pico.

Sentei-me numa pedra próxima ao lugar onde é aceso o famoso fogo, que era fácil encontrar pelas manchas pretas de manteiga queimada — e lembrei-me do conselho de Maharshi, de como devemos olhar o lado material da vida, sem permitir que isso possa interromper a nossa incessante busca da luz. “*Levantai vossa cabeça para o Alto. Fixai vosso olhar à distância até que possais ver a esplêndida realidade. Não olheis para baixo, para o mar tormentoso da vida transitória, pois que este pode envolver-vos com suas ondas lamacentas*”.

Lembrei-me de que a Humanidade está sempre em busca da felicidade e da luz, e procura “novos” ensinamentos, “novos” mestres. E quantas verdades maravilhosas estão à sua disposição, em todas as religiões do mundo, nas palavras dos místicos e dos mestres, não sendo suficiente uma só existência para conhecê-las.

E na realidade uma Única máxima, se for posta em prática, é bastante para guiar-nos no caminho exato.

XX.

O Poder em Nós

> Enquanto a Verdade Suprema permanece desconhecida, o estudo das Escrituras somente é inútil; e, quando a Verdade Suprema é compreendida, o estudo das Escrituras se torna supérfluo. (O estudo da letra somente, é inútil; o espirito deve ser procurado pela intuição).
>
> *Viveka Chudamani*, verso 61
>
> *Sri* Shankaracharya

Essas palavras de *Sri* Shankaracharya são de grande valor para aqueles que se sentem desanimados ao ler muitos livros e artigos com definições e termos de filosofia oculta. Se tentarmos aprender só com a mente-cérebro, nossa memória ficará sobrecarregada, e o estudante jamais obterá o que procura intuitivamente — a verdadeira iluminação espiritual, a sabedoria do Eu.

Aqueles que estão progredindo realmente no caminho sabem que o processo exato é o inverso. Quando alcançamos o campo da Realidade ou do Espírito, então todos os termos e sistemas se tornam claros, mas nunca ANTES. A vida de *Sri* Maharshi é um excelente exemplo.

Quando jovem, antes da sua iluminação, ele quase nada sabia sobre as escrituras hindus. Mas depois compreendeu tudo facilmente e pôde dar-nos incomparáveis explicações baseadas em sua própria sabedoria espiritual. Este é o único processo natural. Algumas vezes a comparação é esclarecedora. Uma pessoa que conhece apenas a língua inglesa não poderia ler e pronunciar outra língua, a francesa, por exemplo, se bem que escrita

com as mesmas letras. Essa pessoa teria de aprender a língua, a fim de empregá-la corretamente. Assim se dá com as escrituras. Elas falam outra língua, ainda que empreguem as mesmas palavras que nós.

Isso não quer dizer que a leitura das escrituras seja inútil. Quando a sabedoria interior desperta em nós, achamos grande apoio nas escrituras, as quais descrevem aquilo que estamos experimentando. Elas nos dão autoridade e certeza do caminho. Quanto mais o discípulo avança no caminho, menos complicada se torna sua mente, e então ele é capaz de expressar-se em forma e com palavras simples, compreensíveis a todos, o que antes somente podia fazer em discursos preparados e cheios de termos técnicos.

Lembramos a completa simplicidade das palavras do Cristo e de todos os grandes mestres da Humanidade. Comparemos as palavras do Cristo, de Buda e de Maharshi com as dos filósofos modernos, tanto do Oriente como do Ocidente, e veremos claramente onde há verdade o onde há somente a teoria da verdade.

A fim de passar desta vida de sonho de uma personalidade-ego separada, para a existência real do Eu, necessitamos da luz da própria verdade, e não apenas a sua descrição, que não pode auxiliar-nos.

Sri Maharshi, ao dar-nos uma orientação na vida, dentro da forma moderna da *Vichara*, põe em prática a antiga verdade de que, mesmo se uma única máxima, de um verdadeiro Mestre, for posta em prática, será suficiente para guiar, o aspirante à bem-aventurança, à meta final.

Um poder onipotente e desconhecido jaz latente em todos nós. *Sri* Maharshi falou sobre isto muitas vezes, principalmente em suas ***Instruções a F. H. Humphreys***, anos atrás. Esse Poder deve ser descoberto, pois sem ele nada se poderá obter.

Esse Poder não se manifesta uniformemente e aparece ao discípulo (mas não ao Mestre) em diferentes aspectos — *bhakti*, *jnani*, etc. Alguns de nós sabem que nada há que possa ser comparado com a graça da presença do Mestre para fazer com que esse Poder universal se apresente. E o auxílio indireto de sua graça tem sido experimentado por muitos dos que se esforçam por conhecer a última verdade, isto é: entrar no mundo interior de

seu amado guru{33}.

Esse Poder capacita o homem a dominar sua mente irrequieta, causa principal dos seus problemas, tanto exteriores como interiores. Dá-lhe afinal essa admirável certeza interior, da qual surge o silencio e a paz. Aqueles que despertam em si esse Poder, sabem que alcançarão a união suprema, e através dela a imortalidade. A melhor forma de auxílio ao aspirante é não fatigá-lo com muitos ensinamentos, dogmas e definições exteriores. Há um método melhor, pela palavra, pelo olhar ou pelo silêncio (em raríssimos casos pelo toque das mãos), que põe o aspirante em tal atitude que lhe permite encontrar a solução de seus problemas. E essa solução será a própria sabedoria necessária para viver.

É só isto que tem importância na escola da vida humana. No prefacio do livro ***Maha Yoga*** por Who, esse autor aconselha-nos a esquecer nossa ciência relativa (que na realidade é ignorância), antes de podermos entrar no caminho.

Evidentemente é uma condição, e devemos saber por que e como.

Mas não é fácil. A maioria das pessoas tem grande dificuldade em abandonar suas teorias e seus conhecimentos anteriores. Por que juntar coisas inúteis, se temos de nos desfazer delas mais tarde? *Sapienti satis*, como diziam os romanos (para um sábio, é suficiente).

Muitos aspirantes sérios ficam tristes por não poderem adquirir todo o conhecimento sobre religiões, iogas, diferentes sistemas de ocultismo, etc. Para esses, o conselho de *Maha Yoga* é:

> O processo de ‘desaprendizagem’ do conhecimento relativo, não é esquecê-lo para sempre e sim, armazená-lo na mente-cérebro, guardando a chave no bolso; pois, quando for necessário, poderá abrir e usá-lo à sua vontade.

Mas não passeis a vossa vida toda inspecionando indefinidamente as vossas posses temporárias.



É melhor não nomear aqui esse Poder Universal. Será encontrado a seu tempo e não há possibilidade de engano. Ele é único, misterioso e está bem perto de cada um de nós. Podemos confiar nele para realizar qualquer tarefa.

Encontrá-lo-eis pelo vosso esforço. Nada há separado dele, pois ele é o verdadeiro coração do nosso ser — o supremo, a meta sempre presente, o único amigo, verdadeiro e eterno…

O Grande Vidente, certa vez, falou a um ocidental sobre esse assunto: "*Quando alguém, pela primeira vez, reconhece o seu verdadeiro Eu, então, das profundezas do seu ser surge Algo… E esse Algo toma posse dele e está do outro lado da mente. Esse Algo é infinito, divino e eterno*"…

Os fenômenos que vemos são curiosos e surpreendentes, porém o mais maravilhoso dentre eles, nós não o compreendemos e consiste na ÚNICA força sem limite, que é responsável:

— Por todos os fenômenos que vemos;

— E pelo ato de vê-los.

> "*Não fixeis a vossa atenção nas coisas mutáveis da vida, como a morte e os fenômenos. Nem penseis no ato de ver ou perceber os fenômenos, mas somente naquilo que vê todas essas coisas, AQUILO QUE É RESPONSÁVEL por tudo*"…
>
> "*Experimentai conservar a mente inabalavelmente fixada NAQUILO que vê e que está no interior de vós mesmos*".
>
> "*Essas coisas que vemos ou sentimos, são apenas cores dispersas do único espírito ilimitado. O Mestre, quando em meditação, se bem que seus olhos e ouvidos estejam abertos, fixa sua atenção tão firmemente NAQUILO QUE VÊ, que ele nem sente, nem ouve, nem tem consciência física ou mental, mas somente espiritual*".

Estas palavras de Maharshi são a melhor explicação do Poder em nós. Nada podemos acrescentar-lhes.

XXI.

No *Ashram* de *Sri* Aurobindo

Informou-me um amigo que, dentro de algumas semanas, haveria *darshan* (audiência) no *ashram* do *Sri* Aurobindo. Essa audiência se realiza apenas duas vezes por ano.

Eu já sabia algo sobre os seus ensinamentos» através de várias obras que fizeram sucesso no Oriente. Anos atrás, em Paris, comprei um desses livros intitulado *Selected Thoughts and Aphorisms* (Pensamentos e Aforismos Escolhidos), cuja leitura me havia agradado; então, pelo arrojo e clareza das suas concepções, baseadas em profunda sabedoria. Esta escola ocultista de Pondicherry tem como alvo a unificação espiritual e cultural do Ocidente e Oriente, e a preparação de um grupo de líderes espirituais esclarecidos e capazes de assumir a direção das futuras gerações da Humanidade. Devido a isto, o *ashram* de *Sri* Aurobindo tem sido chamado pelos leigos “Escola de Magia”.

Para ser admitido à audiência, era necessário requerer permissão por escrito. Haviam-me dito que não era fácil conseguir essa permissão, especialmente a quem não tivesse influência com o pessoal da diretoria. Entretanto, consegui ser admitido sem dificuldade, e no dia 14 de agosto tomei o trem que me levaria a Pondicherry.

A viagem levou mais tempo do que era de prever, devido às formalidades aduaneiras ao entrarmos na colônia, que levaram duas ou três horas.

Ao deixar a estação, verifiquei que toda a cidade estava engalanada com bandeiras francesas e indianas. Era o segundo aniversário da

independência da República da Índia. O governador francês, consoante sua perspicácia política, para não melindrar a população indiana, havia mandado hastear as bandeiras dos dois países nos edifícios públicos e o povo seguiu com ardor o seu exemplo, dando à cidadezinha um aspecto festivo. Havia também numerosas patrulhas de soldados franceses negros, em bicicletas provavelmente senegaleses da África. Um desses soldados indicou-me o caminho para o *ashram*, num francês bastante tolerável.

Os departamentos do *ashram* estão localizados em diferentes edifícios, sendo a sua organização, ao que parece, bem eficiente e suave.

Longas filas foram organizadas a fim de tirar ficha para refeições e acomodações, e tudo correu com presteza.

A audiência estava marcada para às 3 horas da tarde. Ao meio-dia estava eu sentado numa das grandes salas de uma casa de campo, onde eram servidas refeições aos visitantes. O almoço vegetariano era bem preparado o servido quase à moda americana, com pão e coalhada para os que o desejassem. Essa mistura de costumes meio indianos, meio europeus tem um quê de bizarro; armados de facas e garfos, estavam os visitantes sentados no soalho, sobre asseados tapetes, diante das mesinhas. Entre os hóspedes havia muitos ocidentais, alguns deles residentes no *ashram*. As ruas mais próximas estavam cheias de automóveis dos tipos mais modernos e, como fazia muito calor, os milhares de visitantes esvaziaram rapidamente os bares de refrigerantes.

Minha sede, porém, não era somente essa, que pudesse ser saciada com água. Após uma vista d'olhos no pequeno porto de Pondicherry, onde diversos navios se achavam ancorados, recostei-me debaixo de uma árvore para a sesta, mas a proximidade do mar não refrescava a atmosfera.

Às três da tarde, o portão do *ashram* foi aberto e a fila de cerca de 2.000 pessoas, de quatro em quatro, parecia não ter fim. Toda Índia e muitos outros países estavam ali representados. Após esperar muito tempo na fila, cheguei afinal junto da casa do Mestre.

Atravessamos aleias e corredores e chegamos à sala de audiência. Fotografias de *Sri* Aurobindo e de seus colaboradores mais próximos, e de sua companheira, uma senhora francesa que tinha sido atriz de grande

beleza em sua mocidade, estavam penduradas nas paredes. A senhora francesa é agora conhecida como “Mãe” e dirige a organização do *ashram* com grande energia e habilidade. O Mestre Aurobindo não se envolve na administração da Escola e leva uma vida estritamente contemplativa. A “Mae” dirige cerca de duzentos discípulos, aparentemente sem grande esforço. Os discípulos, uma vez aceitos, dão todas as posses ao *ashram*, que então passa a mantê-los.

Não tendo mais preocupações materiais, os membros dessa estranha comunidade obedecem às ordens da “Mãe” em trabalhos do *ashram*, que se mantem com sua própria renda, tal como um convento ou mosteiro. Há horário determinado para o trabalho, para o estudo e meditações.

Andando vagarosamente na fila, vi que havia nas paredes observações dizendo que a atitude mais apropriada era a de meditação e silêncio. Ouvi dizer que a “Mãe” é clarividente e que alguns visitantes eram, às vezes, mandados embora, sem que vissem o Mestre.

Quando nos aproximamos do local, vimos o Mestre e a “Mãe” sentados na espaçosa sala; de ambos os lados havia caixas para receber flores e dádivas. A fila movia-se lentamente e assim pude observar à vontade o estranho par.

Eles estavam sentados em profunda meditação, sem qualquer movimento. *Sri* Aurobindo era um homem de ótima aparência, de cabelos brancos, e sua fisionomia era mais de um europeu do que de um indiano. A larga testa demonstrava inteligência, olhos penetrantes fixavam o espaço. Tive a impressão de que poderosa força mental vibrava ao redor do par. A face da “Mãe” estava parcialmente coberta por um véu preso ao sári Não pude ver seus olhos, toda a sua figura expressava concentração intensa. Ela parecia mais velha o que o Mestre, que então tinha 74 anos, conforme fui informado por pessoa do *ashram*. Quando cheguei à distância de uns doze pés, senti algo estranho na garganta e no pescoço; era como se estivessem rígidos e paralisados.

Certamente, nesse momento eu não poderia ter pronunciado uma só palavra ou feito qualquer movimento, a não ser caminhar na fila. Entretanto, minha mente estava funcionando com sua nitidez habitual; pensei em uma

esfera astral protetora em que alguns ocultistas se envolvem. Não sou absolutamente suscetível de sugestão hipnótica e jamais pude ser hipnotizado. Não se anuviou a minha consciência.

Somente pareceu-me que meu corpo físico estava ligado por uma força invisível. Essa sensação durou até que andei mais uns doze passos além do par. Então, tudo voltou ao normal e poderia falar, se isso fosse o meu desejo; porém, completo silêncio reinava na fila que passava diante do Mestre e da "Mãe".

Isso foi tudo o que senti na presença de *Sri* Aurobindo. Não havia o menor vestígio daquela sublime atmosfera espiritual que eu sentia na presença de *Sri* Maharshi ou daquele contato interno e daquela inspiração viva que irradiava do *Ríshi*.



Não tenho intenção de fazer comparações, pois falei com alguns discípulos que olhavam o Mestre Aurobindo com grande veneração e amor. Não tenho dúvidas sobre a influência benéfica que eles sentiam aos pés de *Sri* Aurobindo. Mas cada tipo de homem necessita seu próprio Mestre. Isto é tudo o que posso dizer.

Mais tarde visitei a bem sortida livraria do *ashram*, como também a biblioteca, e admirei-me por encontrar, além das tão conhecidas obras do Mestre, muitos livros amigos meus do passado — obras populares de filosofia e de ocultismo ocidentais e orientais, e sobre desenvolvimento de poderes ocultos no homem. Eram, a maior parte, escritas em francês ou inglês. Havia obras sobre meditação e concentração, e até sobre hipnotismo.

Mas agora todas essas coisas fascinantes perderam o encanto para mim. Compreendi que tinha perdido todo interesse em tudo que não se ligasse ao meu caminho. Parece que o conhecimento do Caminho Direto, mostrado por meu Mestre, subconscientemente excluía todos os outros. Isso quer dizer que os desejos da mente, sempre ansiosa por investigar tudo, começavam a desaparecer. As *Vásanas*{34} — até certo grau — tinham perdido o seu poder sobre mim. Agora compreendo de onde veio esta paz

da mente que procurei durante tantos anos. Essa comparação entre o passado e o presente foi a última desta espécie e foi talvez o único proveito que tirei da minha visita.

À tardinha tomei parte nas meditações realizadas na grande sala do *ashram*… Tudo correu harmoniosamente e com significação profundamente simbólica. Diversos discípulos vestidos de branco enchiam a enorme sala. O Mestre e a "Mãe" apareceram durante algum tempo. Em concentração austera e poderosa, suas faces aparentavam expressão de solenidade e inspiração.

Apesar disso, meu ser real estava a centenas de milhas rumo ao Ocidente, num templo construído de granito indiano. Pois lá, entre alguns discípulos devotos, através de leves ondas de incenso, via-se sentado aquele que ainda por poucos dias estaria nesta Terra e a quem a Divina Providência me havia guiado neste venturoso período de minha vida.

É ele que emite ao seu redor uma luz mística invisível que revive dentro de nós a memória de idêntica luz oculta nas profundezas de nossos corações.

Essa luz está além de todas as teorias e de todos os ensinamentos mentais. Aquele que se senta diante do Sábio do Arunáchala busca nessa luz o auxílio para tudo o que necessita e aí lhe é permitido obter todo conhecimento que pode ser expresso pela linguagem da mente.

Essa luz constitui a fonte de toda a iniciação; sem ela nenhuma escritura pode ser compreendida convenientemente, nem mesmo a paz real pode ser alcançada, pois essa luz é o centro, e dela surgem todos os raios que atravessam a escuridão do mundo material.



Parecia que os discípulos de *Sri* Aurobindo nada tinham contra o "*ashram* do mato", como era chamada, algumas vezes, a morada de *Sri* Maharshi. Além disso, muitos discípulos de Pondicherry visitavam Tiruvannamalai, sentavam -se aos pés do Grande Vidente e falavam com

ele.

Isso foi lembrado em diários de alguns residentes do *ashram*, e valiosos artigos foram escritos por dois discípulos de *Sri* Aurobindo, para a obra ***The Golden Jubilee Souvenir***, publicada pelo *ashram* de *Sri* Maharshi, por ocasião da passagem da data em que se completavam 50 anos que o Mestre vivia aos pés de Arunáchala.

XXII.

A “Corrente-EU”

É esse um dos mais místicos fenômenos — à exceção do próprio Maharshi. É difícil descrevê-lo em terminologia comum.

Se aceitamos o fato de que não há perda de energia na natureza, então poderemos compreender que as forças espirituais emanadas das meditações e radiações do Mestre, quando em *samadhi*, devem criar um reservatório de energia espiritual. Os discípulos mais últimos de Maharshi já sabiam disto, uns trinta anos atrás.

Eles chamavam esse processo a “Corrente-Eu”, e atribuíam a esse poder superfísico os diferentes fenômenos que ocorriam no *ashram* — curas espontâneas, iluminações espirituais e mudanças repentinas de direção em suas vidas. Maharshi raramente falava sobre qualquer fenômeno mencionado por seus devotos. Parecia até ignorá-los.

Por lei natural, o poderoso magnetismo espiritual criado pelo Grande Vidente não podia deixar de produzir efeito sobre nossas consciências, quando harmonizadas com sua poderosa irradiação.

Um dia estava eu buscando um método — à parte do *Vichara* — para facilitar a harmonização com meu verdadeiro Eu, pois nessa ocasião a mente e as emoções me dificultavam a entrada no silêncio. E tive uma Ideia: “por que não experimentar atrair a Corrente”? Mas como? Concentrando toda a minha atenção no problema, intuitivamente comecei a repetir, como um *mantram*, as palavras: — *Corrente-Eu*. *Corrente-Eu* — sem saber o que me induzia a isto. Imediatamente, uma corrente de poder penetrou em meu ser preenchendo exatamente aquilo a que eu aspirava.

E então tudo mudou. A resistência da mente desapareceu O mundo físico retirou-se da tela da minha visão, como um filme que se partira. E então veio o estado de consciência que descrevi em outro capítulo.

Mais tarde compreendi que não era necessário usar a corrente mística somente para os fins acima mencionados e que o seu uso para coisas menores também poderia ser proveitoso. Toda inquietação da mente pode ser tranquilizada pela corrente. Mas a intuição aconselha-me que não faça uso deste reservatório muitas vezes e sem discernimento.

Quais são as condições necessárias para entrarmos na Corrente-Eu? O conhecimento de que a corrente existe, crer em sua eficiência como parte das atividades do Mestre e o desejo de servir a alguma coisa nobre.

Jamais falei ao Mestre sobre isto. Pareceu-me coisa muito trivial para falar-lhe, visto seu trabalho ser em um nível mais elevado. Contudo, serviu para esclarecer os métodos pelos quais os que nos precederam executavam suas tarefas.

Essa Corrente-Eu é uma realidade. Constitui a grande fonte de poder que podemos utilizar para conseguir finalidades elevadas. É a bendita herança que nos foi deixada pelo grande amigo da Humanidade.

XXIII.

O Túmulo do Santo Muçulmano

Um amigo convidou-me para ir assistir a uma cerimônia religiosa na mesquita de Tiruvannamalai. Ali contaram-me a história estranha de um indiano do Norte. Sanho Muhamadan, conhecido geralmente por “Haji”. Além do fato de ter ele manifestado sua estranha vontade de permanecer para sempre, após sua morte, junto de Arunáchala, mais interessante ainda foi seu “testamento”, deixado para todas as gerações futuras.

Poucos dias antes de sua morte, disse ele aos seus discípulos e fiéis: “*Quando eu deixar a minha forma física, meu espírito permanecerá convosco. Todos aqueles que vierem ao meu túmulo, qualquer que seja o seu credo ou posição social, e sempre que necessitarem de auxílio e expressarem seus desejos claramente, como se estivessem diante desta forma visível, eu certamente escutarei e transmitirei o que pedem ao Altíssimo, que os atenderá por causa deste seu servo*”.

E disseram-me ainda, que inúmeros foram os casos em que tal assistência foi concedida, independentemente dos credos a que pertenciam os visitantes. Poucos dias depois de eu ter visitado as cavernas, numa bela tarde, fui ver o túmulo de Haji. Era uma cabana modesta. Não havia, na ocasião, visitantes; apenas o velho guarda da mesquita, que morava nas redondezas, e ia ali para trocar as varetas do incenso que queimava constantemente no túmulo. Este era muito simples, de forma arredondada. Duas pequenas lamparinas estavam acesas no parapeito da varanda que rodeava a cabana. De um lado da cabana viam-se as brancas paredes da mesquita e dos outros lados, planícies de grama seca.

O silêncio e a paz reinavam nossa morada modesta. O sol já tinha

desaparecido no horizonte. Era, pois, boa hora para meditação e dentro de alguns instantes verifiquei que o lugar era o mais conveniente possível para isto.

A atmosfera psíquica da Índia é muito diferente da de muitos outros países. Pode-se dizer que uma atitude contemplativa está no próprio ar, e isto é fácil compreender se admitimos que nenhuma energia se perde na natureza.

Milhões de seres humanos dotados de extraordinários poderes espirituais, e, por isso mesmo, de poderosa influência irradiativa, desde tempos imemoriais, lançaram na atmosfera da Índia correntes de energia geradas de suas meditações. E mesmo por estarem os pensamentos de inúmeros habitantes em aspirações superfísicas, o magnetismo criado é peculiar, principalmente nos lugares chamados "sagrados", como o *ashram* e suas imediações.

O túmulo do Santo maometano é um desses lugares magnéticos, conforme verifiquei. Em poucos momentos, após ter eu excluído a minha consciência do mundo visível, percebi a presença de Haji. Apresentou-se como uma pessoa delicada e bondosa em extremo, que me perguntava quais eram os meus desejos no momento e incitava-me a expressá-los, clara e francamente, sem qualquer acanhamento. Mas naquela ocasião não me ocorreu outra coisa a não ser o único pensamento que sempre estava em minha mente, mesmo na presença de Maharshi.

É difícil explicar o que era, mas, para os que conhecem a terminologia filosófica da Índia, a comparação com a corrente *dhyana* é a melhor. Naquela noite essa corrente levou-me mais longe do que eu pensava.

Durante as semanas subsequentes voltei diversas vezes a esse santuário silencioso, e, então, com alguns problemas difíceis de resolver. Um deles parecia totalmente sem esperança, sob o ponto de vista das possibilidades físicas. E três dias depois do meu pedido de auxílio ao Haji, uma solução feliz e inesperada se apresentou sem minha intervenção.

Os leitores que vivem na superfície das coisas poderão julgar esta história de modo mais divertido do que sábio, dizendo: "Oh! Isso foi mera sorte"…

Certa vez pedi a alguém que acreditava em sorte, que me fizesse a gentileza de explicar a significação exata da palavra “sorte” e que classe de acontecimentos ela abrangia. Mas nem o meu interlocutor, nem outra pessoa se prontifica a dar-me uma resposta lógica, se bem que todos se percam em palavrório, dizendo: “… isto é tão claro que qualquer pessoa o compreende”.

E até agora nunca ouvi explicação adequada. Na verdade, nem me interessa.

XXIV.

Na Ausência do Mestre

Seguindo mais uma espécie de intuição do que de curiosidade, estou fazendo excursões e viagens a lugares circunvizinhos. Visitei diversos templos antigos, alguns já quase em ruínas, outros abandonados, e os que estão sendo ainda centros de atividades.

Em primeiro lugar, visitei o famoso templo de *Shiva* na cidade de Tiruvannamalai e vi o lugar onde Ramana *Swami* (agora Maharshi), então com 16 anos, passou sua mocidade em meditação e ascetismo. Depois visitei os pequenos sepulcros ao lado da colina, bem como os antigos e abandonados que se acham de ambos os lados da estrada principal, perto do *ashram*, e que são na verdade interessantes.

Fui também em peregrinação a Pondichery na praia do oeste, perto de Madras, onde havia então o *darshan* do famoso Mestre *Sri* Aurobindo.

Depois passei dois dias no Norte, em visita a um templo antigo, longe da estrada de ferro e dos caminhos trilhados por turistas, para visitar os templos de danças, atualmente raros na Índia, devido a ordens proibitivas expedidas tempos atrás. Ali podem ser vistas as jovens dançarinas profissionais nos templos, chamadas *dancing-girls* ou *devadasis*. E nos grandes festivais que ali se realizavam, milhares de peregrinos entregam-se a danças muito interessantes, sendo que as mais famosas são as de Malabar executadas por dançarinas tradicionais de grande habilidade.

Visitei Vellore, a cidade dos faquires e encantadores de serpentes. Estas práticas estão em declínio atualmente, devido à queda do padrão de vida pelo enorme aumento da população, bem como pela importação de

outros divertimentos, alguns vindos do Ocidente, como o cinema, que se tomou o passatempo favorito do indiano, que prefere gastar alguns *annas* para ver filmes novos a admirar a dança das serpentes e outras façanhas do faquir.

Passei algumas tardes na cidade de Tiruvannamalai, observando a sua vida simples e primitiva. Gosto também de ir ao templo de *Shiva* à noite. O templo é iluminado pobremente, se bem que à eletricidade. Debaixo de suas enormes torres e inúmeras colunas dormem peregrinos e mendigos.

As lojas permanecem abertas até altas horas da noite e as ruas continuam movimentadas. Na minha volta, junto às altas paredes do templo, vejo, às vezes, silenciosas figuras envoltas em *sáris* e. quando me aproximo, apesar da escuridão, devido à longa distância entre as lâmpadas da rua, vejo suas faces escondidas nas dobras do *sári*. Mas algumas palavras ásperas em tâmil, a língua local, pronunciadas por meu companheiro, as faz desaparecer dentro da noite.

Certa vez, acompanhei um enterro cuja procissão seguia ao som de um tambor. O cadáver, coberto de flores, é estendido em bambus. Era um homem de meia-idade, com bigodes. Provavelmente por ser ele moreno não me pareceu estar morto.

Também assisti a um casamento da classe média. Permaneci algumas horas, apenas, pois a cerimônia dura muitos dias. Muitos convidados falavam inglês.

A rádio vitrola funcionava dia e noite e, entre as melodias indianas reconheci o som de alguns jazzes americanos e outras músicas ocidentais. Os noivos pareciam indiferentes um ao outro. Estavam sentados à mesa com expressão de fadiga em suas faces jovens e quase infantis…

Afinal, Maharshi retomou seu lugar no *hall* do templo e já era possível a meditação em sua presença.

XXV.

O *Darshan* Restabelecido

Somente o *samadhi* pode revelar a verdade.
Maharshi's Gospel

É hora da meditação da manhã… O vestíbulo do templo está cheio. Vejo muitas fisionomias novas, não somente de indianos, mas também de outras nacionalidades. Neste ambiente peculiar da Índia é fácil compreender os sentimentos de todos os que se reúnem ao redor do Santo, que está de partida.

E aventuro-me a dizer que não seria difícil "ver" os pensamentos de cada uma das pessoas no *hall*. Uma coisa é clara. Estamos nos despedindo de Maharshi, cada um de acordo com sua própria capacidade, e a forma da despedida não tem importância. Estamos todos unidos aos pés do Mestre em adoração e… silêncio.

Ao meu lado está um europeu de meia-idade, vestindo somente camisa e short azul-marinho e com um rosário ao redor do pescoço. Ele, provavelmente, já está há muito tempo na Índia, pois sua pele está de cor uniformemente bronzeada; tem os cabelos e bigodes grisalhos. Sua fisionomia delicada é algo triste. Olha para o Mestre com certa imobilidade, como se estivesse experimentando gravar suas feições para sempre na mente, pois parece estar bem certo de que é a última vez quo lhe é possível contemplar a fisionomia do *Guru*. Durante as refeições costumava sentar-se no canto do *hall*, possuía seu próprio talher e pratos, comia pouco e tomava leite como eu.

O iogue Ramiah, imóvel em contemplação, com a face que parecia de

granito, sentava-se muito perto do Mestre, a seus pés; a seguir estavam os brâmanes e diretoria do *ashram*.

Uma senhora, que se acha à minha frente, fita Maharshi atentamente, com uma expressão de devoção sem limites, mas com desespero e uma espécie de revolta interior, como se não pudesse aceitar a inevitável certeza de que em breve não veria mais o Mestre em seu corpo terreno.

E Maharshi? Após a última operação, está ainda mais magro; suas faces, transparentes, de cor mais bela, como se já nada mais de terreno houvesse nele. Uma estátua, abstração encarnada, se esta expressão tem algum significado. Não, é o espírito que, da esfera da matéria, retorna ao seu próprio reino, e é somente de modo difuso e sutil que vemos o corpo físico do Santo.

Sua paz nos envolve e permeia todas as coisas ao redor de nós. Não há mais problemas insolúveis nem desejos insatisfeitos, nem movimentos em minha consciência. Está claro agora que não há necessidade de pensamento — conforme parecia antes — e que o pensamento é uma coisa desnecessária e inútil. O que me interessa agora? O que está acontecendo comigo? Onde está aquele homem que tinha nome e muitos pensamentos? Tudo isto parece agora estar tão longe de… “mim”.

Oh! Se eu pudesse permanecer a todo custo neste estado, e não retornar ao mundo de sombras e de ilusões! Se eu pudesse ao menos ficar nesse silêncio onde não há “eu” nem “vós”, nem tempo nem espaço. A luz jorra agora em tal abundância que tudo é inundado por ela. Os olhos abertos nada mais veem do que luz… Sei que a forma que me é agora tão estranha parece não respirar mais. A respiração perturbaria a paz da eternidade? Não sei.

Nesta luz os limites do “passado” e do “futuro” vão-se desvanecendo; ambos são agora como dois campos abertos. E o espanto momentâneo que nos empolga antes de ser aberto o grande portal, dá lugar, agora, à felicidade da percepção de que o tempo não existe mais. Como um relâmpago me vêm à memória as palavras do Apocalipse de São Joao: “Já não havia mais o tempo…”

Sim, compreendi agora que a vida verdadeira é independente do

tempo e, se estamos ainda vivendo no tempo, não estamos na vida real. A ressureição, esse mistério insondável, torna-se uma verdade realizada, aqui *nesta luz invisível*.

Todas as coisas se ajustam e se unem, enlaçando-se umas nas outras, em perfeita harmonia. Mas palavras são insuficientes para expressar o que vemos. Meros fragmentos ficam no cérebro, que serve de meio para reuni-los e transformá-los em pensamentos e palavras coerentes. Mas então não estamos mais "ali"…

Quanto tempo dura esse novo estado não sei, pois não pode ser medido em horas, nem mesmo em segundos. Nesse estado não há pensamentos sobre tudo isso, e a certeza intuitiva de que voltarei para onde não desejo, assim que eu permita que um pensamento sequer penetre em minha mente, auxilia-me a permanecer neste estado contemplativo. Mas não consigo lembrar claramente esse estado, depois provavelmente devido ao contato com a mente. Daí não permanecer a ponte de ligação.

Encontro-me agora sentado próximo a uma das colunas e olhando quase com espanto tudo o que me rodeia. Meu primeiro pensamento é "Poderei repetir este mergulho no silencio? Não esquecerei o caminho que conduz a esse Pais? … Mas a mente não recobrou ainda a sua agilidade usual, e eu não anseio absolutamente por voltar a ela; ao contrário, o estado de felicidade do silêncio e da paz interior ainda permanece. Então, da fumaça violácea do incenso emerge, diante de minha vista, a face de Maharshi.

O mesmo olhar imóvel fita a amplidão, com uma diferença, porém: parece agora que ele olha além, ao mesmo tempo o meu ser interior e o que experimentei há poucos momentos. Sim, estou certo de que ele sabe tudo. Quem mais poderia ver, a não ser Maharshi? Eu devo ter estado como hóspede, por um momento, no País onde ele habita permanentemente.

E uma prece mais intensa partiu de todo o meu Ser: *Oh! Leva-me para ali. Permite que eu possa viver para sempre naquele País bendito! Não me interessa mais este mundo ilusório. Caminharei alegremente e atravessarei o portal da morte, se isto for necessário.*

Vejo que o Mestre me olha fixamente, e a resposta está pronta em

seus olhos luminosos. A desarrazoada erupção está extinta. Reconciliei-me com o inevitável, mas sei que tudo é, e deve ser pelo melhor. Tudo virá a seu tempo, tal como o tempo é necessário para o amadurecimento da fruta ou para a transformação da crisálida em borboleta.

Ouvimos o som do gongo. Todos se levantaram, quando Maharshi se levantou com a ajuda de seus auxiliares e se dirigiu para a porta. Era a hora da refeição do meio-dia.



No plano físico Maharshi é exato na perfeita igualdade. Nas refeições do *ashram* insiste na perfeita distribuição dos alimentos. Testemunhei diversas vezes sua intervenção pessoal, quando a parte de um de seus inúmeros hospedes lhe parecia menor do que a dos outros.

Certa manhã, em que nos foram servidas frutas, além do costumeiro bolo de arroz — uma banana, pedaço de laranjas e maçã — o Sábio quebrou seu silêncio habitual durante as refeições e disse algumas palavras ao servente, em tom quase severo. Então, vi a tremenda significação que a mais leve sugestão do Mestre tem para os que são considerados seus companheiros no *ashram*.

O pobre garçom correu para o meu lado e, pedindo licença, apanhou o meu prato e levou-o para mostrar a Maharshi. A princípio não pude entender o que isso significava; logo, porém, compreendi que o Sábio estava contando as frutas do meu prato e verificando se não tinha diferença, em número, das que haviam servido a ele. Logo que se certificou de que a quantidade era a mesma, dirigiu-se mais delicadamente ao servo brâmane, fazendo um gesto em minha direção. O homem respondeu algumas palavras, visivelmente confortado, por ter podido justificar-se diante do mais alto tribunal, e então trouxe meu almoço da volta.

Para aqueles que testemunharam esta pequena cena e que não conhecem o Mestre pessoalmente, isto nada mais é do que um detalhe insignificante, e até ingênuo.

Mas Maharshi conhece os corações humanos com todas as suas fraquezas e imperfeições. É por isso que os remédios que ele administra, quando os julga acertados, nunca falha em seus resultados. Que poderia ser mais encorajador e confortante do que ver tal gesto, simples e amigo, da parte de um gigante espiritual como ele? Somente mais tarde pude compreender o sentido de tudo isto.

Apesar da atitude invariável, extremamente bondosa e amiga do Santo, sentimos um certo acanhamento em sua presença, principalmente no princípio, e isso poderia se tornar obstáculo à nossa aproximação interior.

Nossa intuição interior nos segreda a enorme diferença que há entre nós e ele. Maharshi, porém, afasta essa atitude egocêntrica, sem palavras, mostrando, pelo próprio exemplo, qual deve ser nosso comportamento para com os outros.

XXVI.

Iniciações

Quando em presença do Mestre, nossa mente deixa de ser um obstáculo à visão da Realidade, denota a alvorada de uma nova compreensão intuitiva de todo o ensinamento espiritual, dado no passado remoto, bem como em nossos dias, por aqueles que realizaram a Verdade.

Noto que, inesperadamente, problemas e questões que algum tempo antes era ininteligíveis, por postos de lado para serem solucionados em outra ocasião, resolvem-se por si mesmos.

Em primeiro lugar, o desejo do “reconciliar”, intelectualmente esses ensinamentos desapareceu. E vejo agora quão fútil é o desejo de julgar ou comparar sistemas e seus alvos particulares, dados em diferentes épocas e diferentes raças da Humanidade. Anteriormente, era essa, por assim dizer, a minha mania: desejava achar, a todo custo, uma síntese definida e cômoda e a ela me agarrava para satisfação própria.

Verifico agora que isso não conduz a lugar algum, é pura perda de tempo, e um vagar na escuridão, pois tal síntese objetiva não pode existir. Por outro lado, vejo que há tantos caminhos, quantas são as diferentes consciências manifestadas em uma outra forma de existência. Certa vez, um amigo expressou a opinião de que há muitos caminhos para a aproximação do Ser Único e que toda a lição conduz afinal à Verdade. Vejo também a base da confusão trágica.

O que é que temos de conhecer? São as inumeráveis verdades de formas materiais ou nossas reações individuais a elas? É claro que tal processo de adquirir conhecimento jamais pode satisfazer, pois cada forma

manifestada corresponde a um pensamento e cada pensamento é acompanhado de nova forma, outro assunto para nosso exame e nosso conhecimento.

Por que as pessoas não podem compreender essa simples verdade? Não há, não pode haver esperança de adquirir conhecimento objetivo de todas as formas de existência, e seria um esforço inútil e sem fim. A meta se afastaria cada vez mais e não chegaríamos ao fim.

Maharshi diz: "*Tentar conhecer as formas que existem, no espaço e no tempo, seria tanta loucura como a do homem que, ao barbear-se ou cortar os cabelos, meditasse no destino de cada fio desses cabelos*". Eles serão atirados na caixa do lixo ou queimados. Em ambos os casos não haverá mais contato entre eles e seu antigo possuidor.

O passado é também uma ilusão da imaginação passageira de nossa mente e nunca voltam a ter significação para os que foram seus atores. E por esse fato descobrimos por que e como os seres humanos aumentam tanto a tristeza e o sofrimento de sua vida. Ruminam indefinidamente o bocado das experiências do passado, que já não existe, perdendo assim a significação do Agora. Vivem no passado, em vez de mergulhar no presente e vivê-lo plenamente.

O autoconhecimento ou Realização interrompe esse vaguear sem desígnio. Sei que o tempo e o espaço não existem para o Sábio que ora contemplo, e por esse fato sinto alegria e esperança. Isto é uma iniciação.

Conheço a vida de Maharshi em todos os detalhes, conforme descrição feita em várias obras por seus seguidores mais íntimos. Antes de deixar sua casa paterna, o jovem Ramana lera a história dos Sessenta e Três Santos do Culto Saivita, e brotou-lhe no coração, espontaneamente, a determinação de tornar-se um deles.

Do mesmo modo, quando fitamos Maharshi, o único desejo que permanece em nosso coração é o de nos tomarmos como ele. Um poder que não pode ser comparado com nada no mundo impele-nos a ver a mais elevada meta final na união com a consciência do Sábio. Por um momento, esta visão se toma Realidade. Pois o silêncio tudo envolve, e toda a vida mergulha nele, bem como tudo o que está além desta vida — a imutável e

infinita felicidade sem qualidades, e, portanto, sem limitações.

São verdadeiras as palavras de um dos místicos ocidentais, quase desconhecido, quando diz que Deus, a Verdade, é tão simples e ao mesmo tempo tão deslumbrante que, se Ele quisesse se manifestar em todo o seu esplendor, *nenhum planeta resistiria, mas tornar-se-ia cinzas no mesmo instante.* Isto pode parecer uma alegoria, mas sei que contém uma verdade mística. É uma iniciação.

Aqui, aos pés do Sábio, fiz as pazes com o mundo, que deixou de ser um gigante estranho e incompreensível, em suas infindas complicações. E os que vejo como homens já não me parecem seres estranhos e separados, pois o mesmo princípio interno e imutável que habita em mim, também reside em meus irmãos.

Esse sentimento foi despertado pela prática das instruções de Maharshi: "*Quando encontrardes alguém na estrada, pensai profundamente: É Deus que habita nesse corpo*". E então, virá a iniciação para sempre.

XXVI.

Um Concerto

Observei hoje que junto de uma das colunas do vestíbulo, em frente à poltrona de Maharshi, havia duas caixas de madeira cobertas com mantas indianas. Duas pessoas trajadas à moda dos indianos do Norte, ali se achavam.

O bibliotecário do *ashram*, um velho brâmane, com quem eu tinha mantido palestras na biblioteca, informou-me que haveria, à tarde, um recital de músicas sacras na presença de Maharshi, e que os artistas que ali se achavam tocariam em pequenos harmônios feitos por eles mesmos.

O *hall* do templo naquela tarde estava movimentado, o que era acontecimento raro. Os artistas, após a usual reverência diante do Sábio, deram início ao programa, principiando por uma melodia executada por um menino num instrumento maior, enquanto o outro o acompanhava. Era um misto estrando de motivos clássicos, com interpolações puramente orientais, algo semelhante aos cantos dos discípulos de Maharshi, nas meditações da noite.

Maharshi estava sentado, como de costume, numa espécie de profunda concentração em algo infinitamente distante, e não parecia estar escutando a música com muita atenção. Após uma hora, mais ou menos, o recital terminou, e outra vez os artistas de prostraram diante de Maharshi e foram sentar-se em silêncio entre os outros devotos.

Interessou-me intensamente a maneira pela qual os artistas tangiam os seus harmônios. O primeiro como que não tocava as teclas, enquanto o seu companheiro parecia mover os dedos por cima da caixa, na qual,

aparentemente, não havia teclas — pelo menos eu não as via do lugar onde me encontrava. Ouvi falar, certa vez, num harmônio elétrico, que emitia sons à simples aproximação dos dedos dos artistas; a maneira dos movimentos dos dedos e sua distância determinavam os tons produzidos. É possível que esses artistas indianos tenham usado tal instrumento? Mas não vi fio algum que ligasse esses instrumentos a correntes de energia elétrica.

Terminada a meditação da noite, fui abordado por um jovem assistente de Maharshi, que me informou da exibição de um filme após a ceia e pedia que eu convidasse os outros europeus e americanos que ali se achassem. Às 20 horas, havia no *hall* grande atividade. Foi colocada a tela num dos ângulos e no outro um pequeno projetor.

Meus amigos ocidentais chegaram cedo. Escolhi para mim um bom lugar junto de uma janela e de uma amiga de *Bombay*[{35}], senhorita Nalini, com a qual conversei muitas vezes durante sua estada no *ashram*. Uma mocinha de 15 ou 16 anos, filha de uma família aristocrata de Calcutá, também se sentou ao nosso lado.

Notei a presença das autoridades de Tiruvannamalai, isto é, o superintendente da polícia, em seu uniforme caqui, o médico diretor da Saúde Pública e diversos juízes e advogados do Tribunal de Justiça local.

Terminados os preparativos, começou a exibição. Os filmes se referiam exclusivamente à vida de Maharshi, e o apresentavam em diversas cenas — subindo a colina de Arunáchala, andando no *ashram* ou tomando parte nas atividades deste. Os filmes coloridos apresentavam a figura do Santo em cores naturais. Reconheci diversas pessoas que o rodeavam, como o Superintendente da Polícia, que ali se achava, e alguns brâmanes da diretoria do *ashram*… Via-se também um grupo de escoteiros indianos fazendo sua refeição na presença de Maharshi. Uma senhora americana, admiradora fervorosa do Sábio, era vista em vários filmes caminhando atrás dele.

Maharshi olhava para o filme com um sorriso amável, quase imperceptível, em sua face séria. E eu não pude deixar de pensar: “Assim, a figura do Santo já foi imortalizada para as gerações futuras”. Mas isso jamais poderá compensar a sua presença viva, essa benção que agora temos

conosco por tão pouco tempo.

XXVIII.

Folhas Esparsas

As páginas que se seguem refletem diferentes sentimentos e estados da mente, por mim experimentados durante a minha estada no *ashram*. Lendo-as agora, após quase um ano, vejo as modificações que estavam e ainda estão se operando no ser chamado Eu. Reuni esses fragmentos num capítulo, por serem breves e de um caráter esporádico e fugaz.

Toda a minha atitude para com o mundo e os seres humanos mudou grandemente, conforme já fiz menção, mas essas modificações foram espontâneas e quase inconscientes.

A princípio notei que meu comportamento, em certas situações, era outrora completamente diferente, e que agora as mesmas situações se me apresentam sob outra luz. O anseio por uma síntese tornou-se agora a nota predominante dos meus sentimentos. Era o desejo de obter tal estado de consciência, onde me fosse possível ver tudo em sua luz verdadeira, isto é, sem colorido pessoal.

Sinto que isso é possível e desejo alcança-lo a todo custo. Sei também que esse estado não pode ser encontrado no campo da teoria mental, pois ela sofreu constantes modificações durante os longos anos de minha busca. Essa busca por uma síntese seria, provavelmente, dolorosa e acompanhada de intenso conflito interior, se fosse empreendida fora do *ashram*. Mas aqui, a presença do Santo põe fim a todo obstáculo intelectual. Aqui, nossa rota é simplesmente, caminhar para a Verdade. As preocupações religiosas, as teorias ocultas se desvanecem por si mesmas, e o campo da visão, ao redor do Eu, clareia;

Ainda hem recentemente, devido a hábito antigo, quando soltava meu pensamento para Cristo, excluía *Shiva* e em minhas meditações sobre o Eu não havia lugar para Buda. Depois seguiu-se um período em que a figura de Maharshi superava tudo o que podia ser conhecido pela mente crítica. Esse estado durou várias semanas e foi um tempo de paz sem nenhuma preocupação. Provavelmente era necessário, como uma preparação para experiências mais sutis e abstratas.

Quando terminou essa fase, notei que muitas barreiras mentais tinham sido dissolvidas e passei a um novo estado, no qual não havia contradições. Foi então que visitei o túmulo do Santo maometano, ao pé da colina Arunáchala, e cheguei a saber que ali ou em outro lugar se encontravam as mesmas possibilidades e assistência para escapar do cativeiro de nossa personalidade importuna.

O tom do primeiro estado, que é, por assim dizer, uma introdução à experiência subsequente, pode ser algo diferente, mas logo que se rompe a cadeia dos pensamentos torna-se idêntico. Eis por que Maharshi repete que todos os caminhos, devidamente compreendidos, conduzem à mesma meta.

Como expressar em palavras o que trazemos do país do silêncio? Como transmitir todas as modificações que se operam no experimentador? Por exemplo, sentimos subitamente uma certeza da unidade de tudo que existe, e nessa luz o medo da morte parece um absurdo. Essa espécie de dissolução no Todo, ou identificação com o Tudo, é acompanhada de uma grande sensação de felicidade, que se assemelha a uma ressurreição.

Compreendi imediatamente que não há outro caminho para a Vida senão o de libertarmo-nos da ilusão de uma existência separada, seja em forma física, seja em outra forma qualquer. Sei que todas as mudanças que constituem o elemento básico da vida — ou da consciência limitada pelas formas — não são reais, e sim ilusão, e por isso devem ser acompanhadas de sofrimento, espécie de antídoto do vinho forte e embriagante de *Maya* (matéria).

Isso traz a convicção inabalável de que toda a atividade executada com apego forja novas cadeias de existências em forma, e daí novas ondas de sofrimento. Compreendemos que nada é absolutamente necessário e que

todas as ansiedades relativas ao futuro da Humanidade, suas raças ou nações, são simples desperdício de energia, e que a nossa principal tarefa consiste em conhecer o nosso próprio pequeno mundo e descobrir o nosso verdadeiro Eu real.

É verdade que podemos ser instrumentos do Grande Plano que é realizado pelo Altíssimo, de acordo com Sua própria vontade e desígnio; mas, pensar que *nós* executamos alguma ação é pura ilusão. Lembramos que a palavra *nós* significa NOSSA PERSONALIDADE, isto é, o conjunto da forma, mente, nome, etc. Quando *nós* nos aproximamos do Eu Real, vemos que *nós* somos *um* com o Criador.

Quantos passos e fases há neste caminho! Quantas iniciações temos de atravessar!

XXIX.

Os Olhos de Maharshi

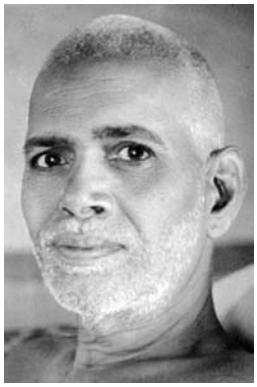
Durante o *darshan* no vestíbulo do templo, entre mim e o canapé de Maharshi não há, geralmente, ninguém. Isso significa que eu posso contemplar seus olhos sem obstáculos, pois ele costuma olhar reto para a frente. A princípio, eu não tinha a coragem de fitar o Sábio diretamente. Esse acanhamento era talvez o último vestígio desses hábitos terrenos que não permitem a pessoas bem-educadas olhar insistentemente nos olhos de outrem.

Também pode haver outra razão para isso. A intuição estaria falando baixinho que aqueles olhos viam infinitamente mais do que os olhos humanos comuns, o que significava que todo o conteúdo do meu ser estava totalmente aberto diante deles. E algum tempo se passou sem que eu pudesse abandonar esse acanhamento que, no mundo católico romano, torna tão difícil a confissão a algumas pessoas.

Mas, esse esforço teve de ser feito; em poucas semanas todos os obstáculos desapareceram, e a "confissão" muda, porém mil vezes mais eficaz, tornou-se prática diária no meu contato interior com Maharshi. Tive de aprender absoluta "franqueza", pois, sem essa qualidade, não pode haver nenhuma aproximação espiritual direta com o Mestre.

O olhar de Maharshi parecia ser sempre o mesmo, pois eu não vi nele modificação alguma de expressão devida à emoção ou ao pensamento. Mas isto não quer dizer que seu olhar seja destituído de um intenso fulgor de vida. Ao contrário, luz e vida fluem constantemente de seus olhos, com uma majestade e vividez nunca imaginada por aqueles que não os viram.

As pupilas grandes e negras estão sempre resplandecentes de luz. Até nas suas fotografias essa extraordinária intensidade de luz em seus olhos é notada por todo o observador atento, mesmo que não saiba quem a fotografia representa.



Uma corrente de paz, poderosa, mas suave, flui desses olhos. Refletem com uma perfeita compreensão todas as fraquezas, defeitos e dificuldades interiores dos que os contemplam. Pessoalmente, notei também nos olhos de Maharshi um leve, quase imperceptível sorriso de indulgência para com o mundo que o rodeia e todos nós que somos aqui os representantes da Grande Ilusão.

E quando eu encaro, quase por acaso, os olhos de algumas pessoas que se encontram na sala, vejo que eles não refletem, mesmo no mais leve grau, um fragmento sequer da luz que brilha nos olhos de Maharshi. Comparando-os, eles parecem quase sem vida, e não posso deixar de ter essa impressão — ao menos no momento não posso controlá-la, embora eu saiba que não devo fazer tais comparações nem julgar os outros, pois cada um é exatamente o que pode ser, nem mais nem menos, e a vida é a mesma em cada um de nós. Contudo, se bem que aceite esta verdade em teoria, não posso deixar de sentir a diferença sempre que fito os olhos do Santo e me acontece fitar outro olhar. Esse pensamento, não obstante errado e injusto, penetra em minha mente e ali permanece até que eu o convide a sair por meios bem conhecidos (autoinvestigação ou *Vichara*).

O Altíssimo se manifesta em tudo, e em todo ser vivo, mesmo nos níveis que nos pareçam os mais baixos. Ele está presente nas plantas e nos

insetos, nas serpentes, no animal e no homem. A diferença consiste apenas no grau de perfeição da sua manifestação. Evidentemente, só poderemos perceber uma parte infinitesimal do Absoluto manifestado.

As formas mais elevadas de sua revelação estão além do alcance de nossa consciência limitada. E ainda nesse limite de nossas faculdades e possibilidades perceptivas, deve haver algo que reflita com toda a perfeição o olhar de Deus…

Uma corrente nova e poderosa despertou em minha consciência.

É com uma espécie de expectativa que eu procuro prender toda minha atenção acima do oceano dos pensamentos inconstantes.

Parece-me ouvir murmurar: "*Persevera, e encontrarás a resposta*". Subitamente, vem a luz. É como um relâmpago de tremendo poder. Por um momento, em face da Realidade, fico deslumbrado, amedrontado.

De fato, não há possibilidade de transmitirmos esta visão por meio de palavras. Mas agora estou autorizado a dizer:

"Sei QUEM olha através dos olhos de Maharshi".

XXX.

“Asperges-me com Hissope”

ASPERGES ME HYSSOPO ET MUNDABOR, LAVABIS ME AQUA ET SUPER NIVEM DEAL-BABOR.[36]
“Asperges-me com hissope e serei purificado. Lavas-me com água e ficarei mais branco que a neve.

DURANTE trinta anos Maharshi cumpriu sua missão — executou-a aqui neste tranquilo e pouco conhecido recanto da Índia, não através de palestras ou conferências sobre a verdade espiritual, que ele realizou em grau maravilhoso, mas pela sua própria presença. Qual excelso farol, cujos raios apontam o caminho seguro a todos os que se encontram em alto-mar, buscando o porto, assim esse grande vidente da Índia espalha luz sobre aqueles que têm olhos para ver e ouvidos para ouvir.

Pleno de silêncio e paz, de que são possuídos apenas aqueles que atingiram o mais alto alvo espiritual, está ele aqui no *ashram*, dia a dia, ano por ano, a maior parte do dia à disposição de todos os que o procuram.

Esses pensamentos se precipitam, em minha mente, como um riacho, cujas fontes nas altas montanhas desconhecemos. Não procuro descobrir as alturas que, provavelmente, teria procurado atingir outrora. *Por que buscarmos luz quando estamos diante de sua própria fonte?* Essa luz penetra cada vez mais em nosso ser e ilumina todos os erros e imperfeições de nosso ego, nossa pequena e insignificante personalidade.

A presença da fonte toma possível seus raios penetrarem nosso ser, naturalmente, e de modo infalível, de DENTRO, por dizer, e não de FORA. Assim, não há perigo de uma imposição ou sugestão de coisa alguma vinda

de fora. E então começa o processo lento da purificação, que principia pela contemplação do exemplo vivo.

Noto que alguns de meus erros e “pecados”, que pareciam ter formado raízes profundas durante os anos de minha vida anterior, se tornaram agora anacronismos, realmente impossibilidades. Certas disposições internas, antes tão frequentes, e que provocavam muito sofrimento e conflito, extinguem-se agora como uma neblina distante.

E a incerteza, tão comum nos seres humanos, e que é sua companheira do berço ao túmulo, uma incerteza coberta por todas as espécies de teorias, práticas religiosas, sociedades de diferentes organizações fundadas e orientadas por homens tão cegos como eles mesmos, tudo isto vai desaparecendo lentamente da minha consciência e dando lugar à alvorada de uma vida nova.

Todos os dias permaneço, tanto quanto posso, aos pés do Sábio, não tenho tempo nem desejo de analisar cuidadosamente as modificações que se vão operando em meu ser. Sei que, aconteça o que acontecer, deve ser assim. Sei também que tenho de lutar contra todos os obstáculos impostos pelo mundo irreal, que parecem puxar-me para trás, tentando desviar-me e obrigando-me a percorrer estradas que já deixei.

Mas tudo em vão. Uma vez compreendido claramente que esses caminhos eram desvios, não posso retornar a eles. Minha personalidade naturalmente não se sente feliz com tudo isso, pois tem de conservar-se silenciosa durante essas horas, sobre as quais, outrora, dominava poderosamente.

O pensamento de “salvação”, que obscurece a vista daqueles que buscam egoisticamente o céu, parece agora ridículo. A “salvação” real virá quando desaparecer o próprio objeto que procura salvação.

A atividade do perverso veneno mental que se manifesta na comparação entre nós e os outros também está morrendo. E a significação real das palavras de todos os grandes Mestres da Humanidade, repetidas desde eras imemoriais em diferentes formas, parece abrir-se diante de minha compreensão. Por que o mundo não pode perceber esta única e mesma essência dos ensinamentos deles? Por que o mundo dá sua própria

estreiteza à interpretação das palavras deles, para satisfazer sua própria conveniência o evitar esforço?

Certa vez, Maharshi, quando interpelado sobre “Que é o pecado original, referido por uma das grandes religiões do mundo”, respondeu: “*É a ilusão de uma existência pessoal separada*”.

Esta é, de fato, a fonte e a raiz de todos os erros e sofrimentos. Na verdade, que se pede esperar de nosso enclausuramento dentro de um círculo de vida pessoal egoísta? Somente uma inevitável destruição do homem, que coloca a espada na mão da morte, cujo dever é aniquilar aquilo que realmente não é mais do que o nada.

Vejo que escrever estes fragmentos de minhas meditações toma muito mais tempo do que minha consciência necessitou para compreendê-los no tempo de minha experiência atual. É algo semelhante a um filme: São necessários apenas segundos e minutos para apanhar as fotos, mas para assistir a um filme na tela gastamos diversas horas. E eu penso: “Para que ver todo o filme”?

A noite, quando deixei a sala após a meditação, parei nos degraus do templo e olhei o caminho estreito que liga o *ashram* à estrada principal. No espaço infinito do céu estrelado inumeráveis universos espalhados olham para a nossa Terra, sempre a mesma, sempre distante, todavia tão perto agora…

Essas imensidades, esses espaços infinitos, não despertam em mim agora o sentimento do nada, que eu sentia nos tempos em que acreditava na realidade de sua existência. Era a ilusão criada quando olhamos tudo do ponto de vista de nossas próprias formas físicas instáveis.

Mas, quando a crença na realidade de nosso corpo se desvanece, todo o filme cósmico parece ser nada mais do que realmente é — um jogo de luzes e de sombras.

XXXI.

Arunáchala à Noite

Esta noite, depois da meditação no *hall*, saí para a colina, e ali sentei-me numa pedra que, provavelmente, rolara do alto da montanha de *Shiva* pelo riacho, cujas águas correm precipitadamente na estação das chuvas. A noite estava calma e quente. Para o lado do Oriente, no céu, nuvens de chuva, vindas do oceano, moviam-se lentamente na direção de Tiruvannamalai.

Os contornos do pico de Arunáchala viam-se claros e pontiagudos contra o céu. A parte inferior, o corpo maciço da colina, permanecia invisível, envolto na escuridão da noite. Nunca deixei de sentir a estranha influência magnética de Arunáchala, mesmo na sua forma visível.

A princípio eu não sabia explicar racionalmente a relação que poderia haver entre Maharshi e a colina, pois eu sabia que o Sábio estava além de todas as crenças e que ele considerava todo o mundo visível uma ilusão, como um jogo dos sentidos físicos. E era inegável que, mesmo em suas obras, ele mencionava Arunáchala com a mais alta reverência e amor. É misterioso, ao menos para aqueles que não penetram no simbolismo dessa estranha colina do sul da Índia.

Nessa silenciosa meditação da noite decidi empregar o método recém-descoberto de penetrar naquilo que é imperceptível pelas faculdades mentais comuns.

Esse método consiste em uma purificação preliminar da mente, afastando todos os pensamentos, deixando apenas a intenção de entrar em contato com o “interior”, por assim dizer, com o desejado objeto de

conhecimento. É então o que pode ser traduzido para a linguagem da mente e transmitido a ela. Em outras palavras, a intuição tem de fornecer sua luz onde a mente não pode chegar.

O magnetismo poderoso de Arunáchala toma mais fácil todo o processo. Logo que eu mergulhei na meditação, afastando todos os objetos de minha vista, comecei a ver aquilo que sempre buscava.

Antes de tudo se torna clara a bem conhecida lei oculta de que "*Tudo tem sua correspondente forma de manifestação, em diferentes mundos*". Daí a essência espiritual de Arunáchala poder ter seu reflexo no plano físico, tal como o que constitui o homem real tem sua correspondente duplicata no plano visível, nesta forma chamada "homem", que é apenas ilusão.

Evidentemente, algo tinha de ser criado nesta Terra que fizesse lembrar aos seres terrenos, a sua herança imortal, na única esfera real, que é a do Espírito.

Os hindus, de acordo com as suas concepções, chamam a esta herança "AQUILO", a forma de *Shiva*, etc. Dizem que em tempos remotos, quando a Humanidade estava no começo de sua existência no globo terrestre, o próprio *Shiva* apareceu no pico de Arunáchala como uma coluna de fogo vivo.

Por que não deveria eu aceitar esse símbolo como a significação de que o espírito-vida a seu tempo irrompe do veículo mortal onde estava escondido? Sempre pensei na soberana necessidade da ressurreição. Assim, o símbolo desta colina, essa massa imóvel de matéria física, de cujo pico se arremessa aos céus uma faísca de fogo, revela-me sua significação real. Para mim, e para muitos, Arunáchala era, e é, o posto sinaleiro no caminho.

Mais tarde, gastei também muito tempo tentando compreender o que o próprio Maharshi expressou em seu estilo breve e conciso sobre a qualidade de Arunáchala.

Interessantíssima era a sua afirmação de que *mesmo a imagem mental da colina sagrada é suficiente para sustar o giro fatal dos pensamentos incessantes, que torna impossível a nossa aproximação da Verdade e da Realização*. Nessa mesma noite, por experiência própria, obtive a prova de

que essa afirmação era exata.

Outra declaração de Maharshi: "*Arunáchala destrói o apego às coisas terrenas, isto é, aos objetos da ilusão fís*ica". Isto foi por mim sentido. Depois, tive oportunidade de obter prova, por experiência, quando compreendi que em todas as épocas Arunáchala era considerada ou descrita, por aqueles que a olhavam, como sendo o seu farol. Senti que esta ilusão terrena desaparecia dos meus pensamentos e caía na sombra da irrealidade, sua verdadeira fonte.

Cedo compreendi também que não se deve aceitar somente aquilo que pode ser traduzido na linguagem da mente. Todo o homem, para suprir o estoque de energia física do seu corpo, para reconstruir suas partículas gastas e assegurar o desenvolvimento, deve ingerir certa quantidade de alimento, mas não é necessário que rememore o conteúdo químico de cada bocado que engole.

E até a ciência afirma que quanto mais natural é o comer, quanto mais inconsciente e sem interferência da mente, tanto melhor será o resultado para o nosso corpo.

Se Arunáchala pode ser de grande auxílio, um poderoso impulso para o nosso progresso espiritual, que importa que não me seja possível uma análise exata do processo? Os processos mais importantes do Universo, bem como em nossa própria consciência, cumprem-se de maneira simples e natural.

Não é isto indício e uma lição para todos os que buscam a Verdade, não por curiosidade ou paixão empírica, — termos que, neste caso, não se aplicariam — mas simplesmente porque não podem deixar de buscar a Verdade, de vez que ela se tornou sua própria vida?

O pico de Arunáchala aponta para o caminho que conduz ao alto, sempre o mesmo caminho imutável através das idades. E ele nos fala nessa linguagem do silêncio tal como faz Maharshi. Qual o elo e relação entre eles? Sei apenas que a misteriosa atmosfera da colina sagrada — para usar este termo mundano — fez-me experimentar a realidade das influências espirituais, que sempre vêm a nós no tempo oportuno.

Sem experiências definidas dessa classe, não poderíamos ter nenhuma certeza do caminho. As teorias ficam reduzidas a pó no primeiro teste, ou serão esquecidas simplesmente, pois não nos podem auxiliar em nossa luta. Elas têm a mesma fonte da mente, a qual, de acordo com o Sábio de Arunáchala, “não passa do uma aglomeração de pensamentos”.

Em que eu me concentraria ou onde encontraria minha vida se não tivesse tido, antes, experiências que transcendem os limites da consciência individual terrena? Pois tudo o que posso sentir ou pensar através do meu corpo físico, terá de ser abandonado juntamente com ele, pois constitui a sua fonte. Sim, agora está perfeitamente claro.

Mas serei capaz de me lembrar disso sempre e não me submeter aos acontecimentos externos, nem permitir que me afastem da verdade que uma vez contemplei? Serei capaz de não me desviar da única linha direta, durante a longa fila de dias semelhantes, no porvir?

Uma voz interior, na qual devo confiar, diz: “Não, ainda não…” Isso significa que ainda estarei à mercê de subidas e descidas, de voos e de quedas, de luz e de trevas. É o que acontece a todos os que frequentam a grande escola da vida. Quem alcançou o estado de união ininterrupta com a Verdade ou mergulhou na Verdade, esse é um Mestre, um super-homem. Ele é uno para sempre com a fonte de sua inspiração, esse misterioso Arunáchala. Aos pés de um desses grandes seres tenho agora o privilégio de estar.

Nada acontece sem um fim, nada acontece a esmo. A luz de Arunáchala mostrar-me-á os degraus seguintes da subida, como já me revelou o significado da mais enigmática de todas as verdades. *Para viver devemos perder-nos a nós mesmos*” — isto é, nosso “ego transitório”. Maharshi físico.

“*Saiba* — diz Maharshi a seguir — *que não é aos que reconheceram o caráter ilusório de sua personalidade, auxilia-os a afastá-la e até destruí-la sem destruir o seu físico*”. “*Saiba* — diz Maharshi a seguir — *que não é outro a não ser esse grande Arunáchala*” …

E eu olho mais uma vez esse corpo maciço da colina sagrada. A luz está agora mais próxima do horizonte e as sombras estão muito mais

escuras, devido às nuvens negras que vieram do lado do mar do oriente. Deve ser tarde, pois já não se veem luzes no *ashram* ao pé da colina.

Nenhum ruído dos passos, nenhuma voz se percebe na estrada que circunda Arunáchala.

Tudo é silêncio e paz. Sopra agora a brisa fresca do Oriente…

XXXII.

Separado da Mente

> A mente é a causa da escravidão do indivíduo e também da sua libertação. Quando a mente está manchada pela paixão, é a causa da escravidão, e quando está pura e livre de paixões e da ignorância, ela é libertadora.
>
> *Viveka Chudamani*, verso 176
>
> *Shri* Shankaracharya

Em volta do templo do *ashram* há um largo terraço de concreto e de pedras. Às 9 horas da noite reina quase silêncio no *ashram*. No próprio templo já não há luzes. Maharshi dorme na sala, que é separada do templo por um portal de ferro, artisticamente trabalhado em estilo indiano. Junto do Mestre há sempre um ou dois auxiliares que não o deixam e estão prontos a prestar qualquer serviço. Isso se toma mais necessário agora, pois sua saúde é muito precária.

Às vezes, à noite, quando o luar espalha sua claridade sobre as alamedas silenciosas do *ashram*, eu saio de meu quarto e sento-me no terraço, sempre muito limpo. Silenciosas figuras de visitantes do país, reclinados na areia em frente da sala do Refeitório, adormecidos, e o lago do *ashram* com suas águas tranquilas oferecem-se à minha vista

O local era apropriado para meditação. Talvez a percepção da presença do Mestre a poucos metros de distância, aumentasse a solenidade de meus pensamentos. Dentre muitas coisas aprendidas a seus pés, há uma de suprema importância e que desejo explanar melhor.

Quatro anos atrás, ao ler a descrição de Paul Brunton sobre um êxtase de consciência que ele experimentou na presença do Grande Ríshi, considerando-o como separado da mente pensante, tal estado era quase um enigma para mim. Como poderíamos estar separados e independentes de nossa própria mentalidade?

Agora o considero possível, por experiência.

Já disse que após minha chegada ao *ashram*, interrompi todos os meus exercícios anteriores. Isto porque sentia com absoluta certeza que o tempo precioso passado aqui com meu Mestre devia ser aproveitado de forma mais sábia. Os exercícios poderiam ser executados mais tarde, se fossem necessários. Aqui e agora eu devia aproveitar a oportunidade de aprender o que em outras circunstâncias poderia ser impossível.

Após as experiências descritas no Capítulo 22{37} compreendi que podia ficar separado do aparelho pensante e que minha consciência (ou certeza de ser) estava longe de ser obliterada. A vida fluía sem embaraço, embora a mente estivesse sem pensamento. Eu sabia agora que a Corrente-Eu é independente do pensamento, ainda que todo o processo do pensamento seja produzido por ela.

Esta é uma das mais altas iniciações por que passamos, quando em presença do Mestre.

Há alguns anos, após longas e fatigantes instruções de que a mente deve ser dominada, antes que qualquer raio de luz possa alcançar-nos, comecei intermináveis exercícios nesse sentido; porém, com sentimento de pena e de incerteza. Agora sei por que isso se dava.

A região para além da mente era, para mim, então, um país inexplorado — um vácuo. É que me achava então completamente desprovido deste poder de autoconsciência, cujo apercebimento surgiu com a ajuda misteriosa de Maharshi.

O método anterior de usar a mente era como a situação perigosa de um homem que se encontra com o encargo de dirigir um motor que está esquentando, sem saber onde está o interruptor para fazê-lo parar. Poderá um homem comum parar a máquina de seus pensamentos quando deseja?

Usa o homem uma máquina que ele não pode controlar? Que está fazendo a Humanidade?

A mente, esse poder essencial e sutilíssimo que possuímos antes de descobrir nosso Eu verdadeiro, permanece descontrolada e seu interruptor desconhecido. Leva-nos aonde quer, muitas vezes, às cegas por vales e atalhos.

Mas o nosso verdadeiro Eu sabe tudo. Os primeiros raios de sua luz deram-me o controle desse misterioso interruptor. Agora a dúvida e a incerteza desapareceram.



Agora meus olhos estão abertos e eu vejo as brancas nuvens flutuando no céu, a lua surgindo entre elas e a água prateada do lago do *ashram*. Meus ouvidos exteriores ouvem o grito abafado das corujas, mas tudo isto está do lado do fora de minha consciência.

Sei que meu corpo físico está em contato com o mundo exterior, mas no interior o verdadeiro "Eu" reina em silêncio. Eu não trocaria toda a riqueza do Universo por esse silêncio…. Sei que ele é o alicerce que não se perde, quando o mundo dos sentidos for reduzido a pó.

Nessa quietude não há desejos. Ela é independente de tudo. Quando toma conta de minha consciência, tudo que eu pensava que fosse "eu mesmo" desaparece. Não podemos vê-la, pela simples razão de que nesse estado nada existe, a não ser Ela.

As palavras "mergulho" e "submersão", usadas muitas vezes para descrever esse estado, são impróprias, porque dão a ideia de algo separado, que penetra no desconhecido. A experiência é completamente diferente. Somos, então, esse Silêncio e nada mais. Somos então despidos de todos os véus e somente permanece a Essência.



Estranha condição começa a desenvolver-se em mim. Eu olho o Mouni Sadhu como um objeto, e essa casca exterior não é de modo algum a coisa mais importante: ele senta-se, respira e o sangue circula em suas veias. Vejo muitos pensamentos em volta da mente como um enxame de abelhas tentando entrar na colmeia, mas a quietude, o silencio proíbem a invasão.

Sei que o próximo estado de consciência será o que faz o mundo visível desaparecer. Alguns meses atrás, esse desaparecimento invariável trouxe-me um vislumbre do apercebimento da vida fluindo em mim. Agora é diferente. Sei, agora, que não posso mais perder jamais a consciência desta Corrente-Eu em mim.

Tudo poderá passar, e passará, mas EU SOU! Sem nome sem forma, somente o espectador — EU SOU! EU existo!

Não há esforço para persistir nesse estado, mas é estranho: eu sei que para a minha duplicata visível há grande esforço e é sobretudo para a minha mente-cérebro. Sinto que meu cérebro está literalmente gemendo sob o impacto vibratório dessas novas e até agora desconhecidas correntes consciência.

Compreendo agora por que não posso permanecer para sempre nesse estado. Minha forma externa sobretudo meu cérebro, não pode suportá-lo. Por isso tenho de regressar dessa zona do silêncio, mas a experiência que tive dela, embora vaga e imperfeita, ainda persiste após esse retorno.

O apercebimento dessa corrente é a força que torna possível a transmissão dessas experiências além da mente e sua expressão no papel. Esse fato é difícil de transmitir, mas o conhecimento de que a mente não sou Eu é a fonte verdadeira dessa habilidade. Se eu posso ordenar que o pensamento involuntário pare, e vejo o fato executado, então quem dá a ordem sou EU. A equação está resolvida. A misteriosa quantidade X desconhecida foi encontrada.

Durante as noites seguintes experimentei encontrar a mim mesmo durante o estado físico do sono. Conforme eu supunha, era bem mais difícil

do que as minhas tentativas do estado acordado, pois então eu poderia controlar a mente independentemente do corpo físico ou do cérebro.

No sono, minha duplicata física está em diferentes condições, que ainda não tiveram disciplina. Nesse tempo, não pude encontrar diretiva de como isso deveria ser executado. Mas às vezes, quando acordava, lembrava-me de que deveria ter tido certa percepção do Eu, enquanto dormia. A intuição — essa voz sem som — segredava-me que a solução viria a seu tempo. Assim, não há necessidade de acelerá-la prematuramente.



A presença do Mestre é sentida agora, mesmo que eu não possa vê-lo — quando estou fora da sala. Como pode ser isso? O processo de busca, enquanto a mente está tranquila, transmite-me a Verdade, e eu a vejo como num relâmpago.

O Mestre não é o corpo que eu vejo todos os dias, no canapé do templo. Ele está no silêncio — o próprio silêncio no qual eu me percebo a mim mesmo. Esse conhecimento traz-me a paz imediatamente, pois não é o conhecimento da mente, é a própria Verdade.

A descrição da Verdade não pode auxiliar-nos. Ela deve ser vivida e experimentada. E por isso que perdi todo o interesse em livros escritos por quem não tenha experimentado a Verdade e apenas constrói teorias baseadas em concepções mentais. Para mim elas são sem vida e sem proveito.

Verdade é vida. Elas nunca se separam. Está claro para mim que onde não há Vida não pode haver Verdade. Assim, devo dizer adeus a meus antigos companheiros, os livros; pois eles já não podem auxiliar-me.

Os poucos que contém experiências reais estão sempre em minha memória. Eles confirmam o que ora experimento e, para ser-lhes grato, transcrevo essas experiências em meu diário. Eles auxiliaram-me a seu tempo, e poderão auxiliar os leitores.

Cerca de meia-noite voltei para meu quarto. Um gato indiano esperava-me na escura alameda do parque do *ashram*.

Eu costumava dar-lhe alimento, quase sempre arroz com leite, e acariciar seu pelo cinzento e curto. Aparentemente, sou o único a quem esse pequeno animal meio selvagem permite tal intimidade, pois foge de outras pessoas.

Como gratidão, ele inspeciona cuidadosamente meu quarto e devora as desagradáveis aranhas vermelhas que multas vezes vêm cumprimentar-me durante a noite. Assim, somos bons amigos.

XXXIII.

Deus

O pensamento sobre Deus ocorreu-me depois de muito tempo em que eu estava no *ashram*, no fim do período do silencio (chamado ***Mouna***).

Crenças ocidentais — que nos foram impostas e que assimilamos desde nossa infância, tais como a ideia de um Ser Supremo antropomórfico — não se transformam facilmente em concepções mais profundas e menos ingênuas.

Embora desde alguns anos antes de minha vinda à Índia, eu já me tivesse despojado das formas mais grosseiras de preconceitos religiosos — refiro-me ao aspecto formal e não, ao conteúdo espiritual que há em toda religião — essa rejeição provou-se totalmente insuficiente na atmosfera de Maharshi.

Junto dele sentimos a presença de Deus como uma realidade — argumentos ou provas são desnecessários. É extremamente difícil expressar em palavras o que a mente jamais pôde compreender… O Sábio repete constantemente que Deus não pode ser conhecido senão subjetivamente e nunca como algo fora de nós mesmos, mas antes, como sendo a nossa própria vida real, nosso íntimo cerne e nosso ser.

Felizmente, numa de minhas meditações aos pés do Santo, antes de fechar as portas da minha mente para a exclusão de todos os pensamentos, lembrei-me das palavras do Mestre:

> "*Todas as religiões e sistemas filosóficos conduzem apenas a um certo ponto — sempre ao mesmo, isto é, à concepção mental-emocional de Deus. E o mais importante — e que merece o nome de*

verdadeiro alcance —, está além disso, na Realização”.

“E então, não pensamos sobre o Ser Supremo como habitando algures nos céus, ou como sendo a Causa Primária ou Começo de todas as coisas, o Princípio de ação que cria o Universo, ou outra concepção mental agradável, pois todas essas especulações não nos aproximam da Realidade.

“Deveríamos ter experiência de Deus de modo mais realista, todos os dias, todos os minutos, todos os segundos. Em outras palavras, deveríamos sentir que estamos NELE, pois isto é a Verdade. Ele é a única Realidade, o princípio básico de tudo o que vemos e experimentamos”. Palavras de Maharshi.

A mente é incapaz de alcançar esta verdade simples de que Deus está realmente em tudo e não somente em algumas formas escolhidas, em alguns fenômenos físicos, mentais ou emocionais; que Ele habita tanto em Maharshi como em todos esses aldeões primitivos que o rodeiam no *hall* e cujo processo de pensar é inteiramente infantil, comparado com o do brâmane que medita junto dele. Que Deus está na brisa fresca da tardinha e está igualmente nos mosquitos negros que me importunam mesmo no *hall* do templo. Que todas as espécies de monstros do mar, que se devoram uns aos outros, bom como as preces silenciosas dos devotos sentados aos pés do Sábio, respiram a mesma Vida do Altíssimo; que nada, literalmente coisa alguma, está fora de Sua Consciência! Daí ser tudo assim como deve ser; nada pode contrariar Sua Vontade ou existir fora d’Ele.

A imperturbável paz do Mestre, a calma jamais alterada, não tem a sua origem no conhecimento consciente desses fatos? Sim, deve ser isto.

Se isto é verdade, então nada neste mundo pode ser “alheio” a mim, nem eu jamais posso estar “só”. E é geralmente essa solidão que tanto apavora a gente. Descubro agora a explicação daquela arrebatadora felicidade que a gente sente na meditação, bem como aquela experiência de imortalidade que penetra nossa consciência, lentamente, gradualmente, imperceptivelmente, mas com inabalável certeza.

Se eu sou tudo o que existe, como poderei perder a Vida, que é na verdade o coração de tudo?

Todos esses pensamentos e essas deduções, não obstante a rapidez com que passam pela minha experiência, começam a ser fatigantes. Será que sempre é necessário provar a nós mesmos e repetir indefinidamente, agora que estamos aos pés do Mestre, que dois e dois são quatro?

Desejo VIVER, plenamente, no sentido real da palavra. Maharshi diz com grande insistência e ênfase que "*a verdadeira vida começa somente quando eliminadas todas as FORMAS, quando todos os pensamentos forem transcendidos e restar apenas o Eu Real*".

Mas esse Eu nada tem de comum com aquilo que é chamado ‘‘eu" no plano físico da existência. Esse "eu" ilusório está sentado, abandonado, ao pé da coluna; sua vida, por algum tempo, assumiu forma vegetativa, quando o grande sopro se volta para o interior do Eu. E o Eu Real é algo infinitamente maior, mais sutil e mais livre.

Ele está em Tudo e Tudo está nele. Isto é Deus.

Quando compreendemos isto, começamos a ver que na verdade todo o ser procura sua Fonte, que é o Altíssimo, ainda que inconscientemente. E nossos olhos abrir-se-ão à significação de muitas palavras inspiradas de grandes poetas e místicos, e veremos o secreto asseio de estarmos sempre voltados para o interior, para a mesma e Única Fonte.

Ó mundo! Por que, no meio de tua terrível existência irreal, não podes ver a verdade de que não há nem pode haver nenhum outro ALVO?

O Amor e a devoção pelo Altíssimo, o Único, nascem então espontaneamente, sem perguntas nem pesquisas, mas com inteira compreensão de que essa é a ordem natural das coisas, que tudo é o que deve ser, de que todos os seus designíos são sempre justos e corretos e somos incapazes de compreender esse fato.

Não é culpa do sol, que espalha seus raios sempre e por toda parte, mas é culpa dos cegos que não querem vê-lo. A capacidade de ver o sol nasce no coração, não no cérebro. Essa visão nada tem de comum com a percepção terrena, como "eu estou aqui e ele está lá". Tal concepção mental é um obstáculo definido para a meditação, que pode dar-nos os primeiros vislumbres dos raios do sol.

Não devemos puxar o sol até nós — tentativa vã — ao nosso nível pessoal, mas, ao contrário devemos sair de nossos pequenos “eus” e irmos ao encontro da luz. Essa comparação, embora grosseira e extremamente inadequada, pode refletir algo da atitude com a qual temos de iniciar nossa luta pela vida.



Tudo o que pode ser dito sobre os degraus de nossa busca de Deus está contido plenamente no SILÊNCIO. Fora desse silêncio podemos apresentar muitos aspectos e definições que inevitavelmente serão todos imperfeitos por não nos darem ideia adequada da essência do processo.

Provavelmente seria mais sábio mergulharmos no silêncio em vez de escutarmos as experiências de segunda mão daqueles que, em maior ou menor grau “aprenderam” essa arte do silêncio. Deus nos fala no silêncio, mas nos raramente permitimos que o silêncio se aproxime, nem escutamos a Sua voz. Pois… ainda não sabemos.

Em nossa ignorância não gostamos do silencio, ele nos entedia não podemos imaginar a vida sem pensamentos. Mas essa existência ilusória não é vida, absolutamente, é antes a morte — pois a morte é o inevitável fim de todas as formas, principalmente no caso de tão imperfeita forma, como é o nosso pequeno ser, nosso “ego”.

Fechamos os nossos olhos e não queremos ver essa Verdade evidente e algo terrível. É em vão, pois essa atitude não nos leva a parte alguma. Como a folha que cai da árvore não retorna a ela, assim nossa forma transitória jamais expressará nosso Eu Real. Um grande Mestre disse: Não podeis servir a dois senhores a Deus e às riquezas.

Na meditação podemos perceber ocasiões de intervenção de Deus, mesmo em nossa vida quotidiana; coisas que antes não notávamos tornam-se claras. E nossos corações se enchem de um amor imenso de devoção e de gratidão. E então, aproximamo-nos do estado que Maharshi definiu como sendo “uma comunhão diária com Deus — alvo o zênite da nossa vida”.

Mas, em nosso futuro imediato, é provável que só possamos conseguir algumas résteas de luz de vez em quando e não nos seja possível habitar permanentemente nela.

Compreendo perfeitamente que o Santo, diante do qual me encontro, permanece ininterruptamente na esfera da luz. Essa luz é inteiramente diferente de toda luz física que conhecemos. Ela está fluindo mesmo através das pálpebras fechadas.

“Aquilo” que foi deixado por “mim” nas colunas do templo tem seus olhos fechados e, certamente, nada pode ver. Ê mudo e surdo como um cadáver. Mas há a certa e fagueira esperança da Ressurreição…

Ouço, como que à grande distância, o gongo do *ashram* …

XXXIV.

Recordações

Hoje, antes do meio-dia, Maharshi disse-me que se lembrou de ter-me visto na fotografia do Grupo Arunáchala do Brasil, que lhe foi enviada em 1937, de Curitiba. Perguntou-me quem havia escrito o pequeno livro publicado ali, em 1948, e se eu era seu autor. Pediu a seu assistente que lhe trouxesse um exemplar do referido livro da biblioteca do *ashram* e inquiriu sobre o seu conteúdo.

Expliquei-lhe quanto pude com o auxílio de um de seus assistentes brâmanes. Disse-lhe que eu era o autor, que eu mesmo havia datilografado o original, que fora traduzido para o português e publicado no Brasil. Fui apanhar na minha cela um exemplar encadernado quo continha a fotografia do Maharshi, e do Grupo Arunáchala brasileiro dedicado a ele. E então fiquei admirado, pois Maharshi começou a folhear o pequeno livro — cerca de 100 páginas — tão cuidadosa e lentamente como se o estivesse lendo nessa língua, para ele desconhecida.

De vez em quando olhava para mim com seu olhar penetrante e voltava a examinar o livro. Afinal colocou o livro sobre os joelhos e falou em tâmil ao seu assistente. Logo que terminou de folhear o livro, o brâmane aproximou-se de mim e disse que era desejo de *Bhagavan* (nome dado a Maharshi por seus devotos e que significa "*O Bendito*") que eu explicasse em inglês quais os trechos da obra de Shankaracharya e da Imitação de Cristo que eu havia inserido no livro. Chamou-me com um gesto e eu aproximei-me e tomei o livro de suas mãos.

Para satisfazer o desejo de Maharshi, tive de trabalhar vários dias na biblioteca do *ashram*, onde tive a gentil cooperação de uma senhora

americana, grande devota de Maharshi. Tive de fazer as anotações em letra de fôrma, a fim de facilitar a leitura do Santo, porque a minha escrita é pouco legível. Finalmente entreguei-o ao Mestre.

Tanto eu como o grupo de ocidentais, principalmente uma senhora que residia no *ashram*, estamos admirados do interesse de Maharshi em conhecer os detalhes mencionados acima. Havia razão para estarmos surpreendidos, pois, conhecendo a habitual indiferença do Mestre a tudo que acontecia, certamente não era de esperar que ele prestasse tão viva atenção a alguma coisa.

Aproveitei a oportunidade para falar a Maharshi sobre os dois grupos, um em Paris e o outro no Brasil, cujo objetivo principal é o estudo de seus ensinamentos, bem como do trabalho daqueles que têm grande reverência e admiração por ele. Maharshi perguntou, então, quais eram os pontos principais de seus estudos e por quem haviam sido organizados esses grupos, e assim por diante.

O sorriso que acompanhava essas perguntas era maravilhoso; parecia encorajar-me, e isso era deveras necessário, pois como poderíamos falar-lhe do mesmo modo que falamos a outra pessoa?

A intuição dizia-me que não devia ser usada palavra alguma que fosse lugar-comum e toda e qualquer palavra devia ser digna dos ouvintes. Foi por isso que, no princípio de cada conversação, nós nos sentíamos um tanto acanhados, o que, todavia, desaparecia logo que olhávamos para dentro de seus olhos.

Duvido que muitas pessoas tenham tido a oportunidade de ver um olhar com tanta simpatia, sabedoria e compreensão ou com tal bondade e amor como o que irradiava do olhar de Maharshi quando nos falava.

Há poucas semanas, quando eu ainda não sabia como dirigir-me ao Sábio, seguindo o exemplo de outrem, escrevi algumas frases, levei-as comigo e entreguei-as a ele após a meditação da manhã. Não eram questões, apenas certa pergunta, que eu também repeti na véspera da minha partida da Índia, quando me despedi do Santo.

Essas palavras encerravam o epítome de tudo o que eu estava e estou

necessitando para seguir o Caminho apontado pelo Mestre. Conheci isso quando tive a prova de que esse meu único pedido fora atendido. Nada mais pedi.

O fato de que esse pedido transcendia os limites desta nossa vida e que era possível fazê-lo somente para quem estivesse além do que chamamos vida e morte, dava-me a certeza de que dessa vez eu não linha errado.

É bem sabido que Maharshi não faz milagres, e que até graceja algumas vezes (sem condenar) dos chamados poderes ocultos ou *siddhis* dos iogues e outros pretensos "super-homens", que usam seus poderes psíquicos para exercer influência imediata ao seu redor.

E como explicar as mudanças que se operam na consciência dos discípulos que buscam a Verdade com maior sinceridade, quando estão na sua presença? Como explicar a estranha mudança_ quase inacreditável, muitas vezes acompanhada de modificações de nosso estado interior de consciência? Ou os casos de auxílio imediato, quando nos parecia que não havia mais solução?

Bem pouco foi dito sobre isso, razão porque pouco sabemos a respeito. Aqueles que experimentaram tal auxílio raramente conversam sobre o assunto, a não ser com seus mais íntimos companheiros de jornada rumo a Verdade.

A ausência de qualquer atmosfera misteriosa à volta de Maharshi, sua extrema simplicidade e naturalidade criam o sentimento de que, mesmo que algum "milagre" extraordinário e inacreditável ocorresse no *ashram* ou sob o teto de bambu da biblioteca, não provocaria maior curiosidade do que os desenhos sutis da fumaça do incenso que se eleva lentamente dos pés do Santo até o teto do *hall*. O maior milagre é o próprio Maharshi.

Sei que nem todos podem sentir isso, nem mesmo adivinhar. Tais milagres somente podem ser conhecidos pelo mergulho no silêncio e nas profundezas de nosso Eu. Nem todos podem fazer isso, embora todos possam sentir a benéfica influência do Grande Vidente.

Esta manhã teve lugar uma solenidade de algum Santo hindu. As

estátuas de pedra das vacas sagradas estavam engrinaldadas e pintadas com pó vermelho, uma das quais também se acha no *ashram*, perto da cerca do lado da estrada principal que circunda a colina. Maharshi estava sentado numa poltrona em frente ao pequeno altar durante a cerimônia e ao seu redor todos cantavam *mantrans*. Ele, como sempre, plácido e tranquilo, sem demonstrar nenhum interesse pelas atividades ao seu lado.

Mais tarde pensei ter compreendido a causa dessa indiferença. É que o Sábio não crê na realidade deste mundo visível: sabe que o mundo é uma ilusão. Permanecendo sempre no plano que envolve a existência TODA, como poderia se interessar por pequenos fragmentos de acontecimentos, que são tão efêmeros como a fumaça?

Parecia-me que uma análise precisa da existência, no tempo e no espaço, tornaria evidente o que acabo de escrever. Ao mesmo tempo, via qual a diferença entre a *concepção mental e a compreensão* desta Verdade. Certamente é bom ter uma concepção mental exata, pois ela pode auxiliar-nos a evitar erros. É fácil admitir que existe um ponto de vista pelo qual a estrela mais distante e a mais pequenina formiga, que se move aos nossos pés, estão igualmente perto ou igualmente distantes para a nossa consciência. Mas é muito diferente viver nesse mundo interior que tudo envolve.

Se eu não estivesse aqui aos pés daquele que realizou tese estado de consciência, certamente não teria tido ideia de semelhante possibilidade. Mas agora a esperança se transformou em certeza pela PRESENÇA do Exemplo Vivo que espalha a luz ao seu redor.

A segunda parte da cerimônia teve lugar no templo. Bandejas com cinzas sagradas e pó vermelho foram trazidas, e todos nós pusemos na testa o sinal deste símbolo antigo, cujo significado espiritual é atualmente lembrado por poucas pessoas.

XXXV.

Correspondência

Em cartas recebidas da América muitas vezes encontro as seguintes perguntas:

"Quais as instruções sobre meditação dadas pelos antigos filósofos indianos, que são consideradas no *ashram* como mais identificadas com os ensinamentos de Maharshi"?

Ouvi ainda: "Qual deveria ser a nossa atitude para com nossa própria personalidade, quando tentamos seguir o caminho do autoconhecimento"? etc.

As respostas que achei podem ser úteis a outras pessoas para solucionar os mesmos problemas. Por isso, darei neste capítulo excertos de minha correspondência.

Maharshi aprecia muito as obras de Shankaracharya, *Viveka Chudamani* ou "*A Joia Suprema da Sabedoria*". Muitos hindus consideram o Sábio de Arunáchala como uma reencarnação do autor desses tratados os quais atingem o mais alto ponto de concepção filosofia oculta.

Escolhi desse livro alguns versos para minha meditação diária, que cito aqui. A palavra *Brahman* significa a mais alta Divindade. Para *Brahman* significa o Absoluto. A significação do Logos corresponde ao "Criador do Universo ou Demiurgo"{38}:

Verso 409: O homem sábio, em *samadhi*, percebe em seu coração esse algo

que é conhecimento eterno, felicidade pura, o supremo limite incomparável, eternamente livre, passivo, tão ilimitado como espaço, puro, sem distinção de sujeito e objeto; e é o todo-penetrante *Brahman* em essência.

Verso 255: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman* (Ser) que está além das castas, dos conhecimentos terrenos, família e tribo, sem nome, sem forma, qualidades e defeitos, além do tempo e do espaço e dos objetos da consciência.

Verso 256: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, que é supremo, além de toda ordem de palavras, mas que pode ser conhecido através do olho da sabedoria pura. É a consciência pura e absoluta, a substância eterna.

Verso 257: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, que não é atingido pelas seis enfermidades humanas (fome, sede, cobiça, ilusão, morte e decadência), que é realizado no coração dos iogues em *samadhi*. Não pode ser percebido pelos sentidos e é imperceptível pelo intelecto ou mente.

Verso 258: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, sobre o qual repousa o mundo, criado pela ignorância, isto (*Brahman*) é autosustentado, é diferente da (relativa) verdade e da inverdade, indivisível, além da representação mental.

Verso 260: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, que é cessação de toda diferença que nunca muda sua natureza e é imóvel como um oceano sem ondas, eternamente incondicionado e individido.

Verso 261: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, que é a única Realidade, a causa da multiplicidade, a causa que elimina outras causas, diferente da lei de causa e efeito.

Verso 263: Compreende que tu és "Aquilo" — *Brahman*, essa Realidade que se manifesta como muitos através da ilusão de nomes, formas, qualidades, mudanças, mas que é imutável como o ouro, nas várias formas de joias.

Verso 264: Compreende que tu és "Aquilo — *Brahman*, o único que brilha, que está além do Logos, todo-penetrante, uniforme, verdade, consciência, felicidade, que não tem fim, indestrutível.

Que altura de concepção espiritual, que se eleva em direção ao reino do Infinito, onde a Verdade reina suprema!

O estudioso do autoconhecimento começa a compreender que sua personalidade o foco, ou fulcro, por assim dizer, através do qual flui e brilha a luz da vida, que é Deus.

Mas ele próprio é esse foco. Deve o estudioso ter cuidado em manter este foco em perfeita pureza, a fim de que possa projetar o máximo de luz. Esse deve ser o seu único cuidado e nada mais. Aí reside o mistério do desaparecimento do ego, como resultado da Realização.

Isto é que dá verdadeira libertação. Depois que o foco desempenhou a sua tarefa, é abandonado sem dor nem tristeza. Mas isso acontece somente quando a Realidade passa a ser vivida e deixa de ser simples teoria. E isto é a mais alta iniciação.

De qualquer modo, uma coisa é verdade: somente uma mente equilibrada e unipolarizada conduz a região da Verdade — ao *samadhi*. Interrupções do estado de *samadhi* provam que a mente não está completamente dominada, ela volta à atividade escapando ao controle ainda imperfeito.



Qual deve ser a atitude na presença do Mestre?

Nada nos auxilia mais, na presença de um Grande Ser, do que a quietude da mente. Esse silêncio abre a porta do nosso coração e permite que o Mestre possa entrar.

A proximidade de Maharshi faz com que o esforço para tranquilizar a

mente se torne mais fácil do que em outro lugar. Muitas vezes, mesmo pela oração, de acordo com a fé, o resultado pode ser o mesmo. Na presença de *Bhagavan* Maharshi podemos encontrar, intuitivamente, a atitude conveniente.

O Eu e o Mundo Visível

Ampla explicação foi dada pelo próprio Maharshi em seu Evangelho. Assim nada mais há para acrescentar. No entanto, como o leitor necessita de uma analogia "física", darei aqui uma, se bem que grosseira:

Suponhamos que um pianista esteja tocando com as mãos enluvadas; veremos apenas o couro de que são feitas as luvas com a forma de mãos humanas. Não podemos ver como são realmente os dedos. Uma pessoa ignorante poderia crer que o couro das luvas formasse parte integrante das mãos do artista.

Do mesmo modo, as pessoas que nada sabem do Eu são incapazes de ver algo além do lado físico das coisas.

Mas aquele que vê a Realidade sabe que é a mão que fere as teclas e executa a música; que, sem a mão viva dentro da luva, esta nada mais é do que um mero invólucro ou veículo sem vida.

O inadequado desta analogia é que, na verdade, nunca podemos ver a mão dentro da luva, pois seriamos a "própria mão".

"Ver Deus é ser Deus". (Do Evangelho de Maharshi).

Sociedades Iniciáticas

Perguntais: "Que dizer das inúmeras sociedades iniciáticas que

existem no mundo moderno”? Não nos enganemos. Se desejais dar-me um copo d‘água para mitigar a sede, deveis ter esta água para dar.

A menos que os líderes de tais organizações sejam verdadeiros Mestres — homens perfeitos —, seus ensinamentos e seus livros dificilmente poderão ser melhores do que qualquer especulação mental do leigo. Os ensinamentos devem ser alicerçados na vida desses Mestres, dando-nos, assim, um exemplo de verdadeira Realização.

Vosso próprio Eu jamais aceita outra coisa. Eu nunca vi um Mestre dirigindo uma organização ou um negócio. Pensai nisto, e a resposta virá naturalmente.

Obstáculos à realização do Eu

‘‘Obstáculo é a vossa mente erradia e os perversos caminhos da vida”, diz Maharshi no seu Evangelho. “O egoísmo e a identificação de vós mesmos com o corpo físico são as raízes da ignorância: elas impedem que entreis no caminho e que realizeis a *Vichara* — a autoinvestigação: ‘‘Quem sou eu?”

“Eu sou este Sr. Fulano, de tantos anos, com tal aparência e posição na sociedade, profissão, etc. Nasci e devo morrer”. Tudo isto deverá desaparecer para poderes obter resposta à vossa *Vichara*.

Disse um iogue:

“O Eu do aspirante que se rende à Verdade está mergulhado no grande Eu Infinito”.

Este é o caminho,

Orações

Dizeis: “Sou cristão e crente não sei meditar, somente sei rezar. Que poderei alcançar?

O alcance é o mesmo para todos. Mas os caminhos que levam a ele podem ser diferentes. Se estudardes as vidas dos santos de todas as crenças, sem dúvida vereis que todos são uníssonos no amor e na compreensão de Deus.

Exigem que as nossas orações sejam despidas de egoísmo. Lembremo-nos sempre de que o Senhor sabe melhor do que nós governar o Universo. Portanto, Ele não necessita de nossa sugestão no assunto. Experimentai aperfeiçoar o que é realmente vós — a vossa própria consciência. Esta é a única meta. Transcrevo aqui um belo exemplo de prece mística de São Francisco de Assis:

> *“Senhor, fazei de mim um instrumento da vossa paz. Onde há ódio, que eu semeie o amor. Onde há ofensa, que eu semeie o perdão. Onde há dúvida, que eu semeie a fé. Onde há desespero, que eu semeie a esperança. Onde há trevas, que eu semeie a luz. Onde há tristeza, que eu semeie alegria.*
>
> *“Ó Divino Mestre! Concedei-me a graça, para que eu não procure tanto ser consolado como consolar: não tanto ser compreendido como compreender: não tanto ser amado como amar; pois é dando que recebemos; e perdoando que somo perdoados. É morrendo que nascemos para a vida eterna”.*

A Graça do Mestre

Maharshi escreveu em seu Evangelho: “Esta graça é demasiadamente sutil para ser descrita”.

Ele sabe isso melhor do que nós. Portanto, todas as tentativas para explicar, com palavras, o que palavras não podem explicar é inútil. Maharshi sempre se refere à graça como trabalho próprio do nível da

Realização espiritual, e nós ainda insistimos em obter uma resposta em palavras, o que significa que sofremos ainda as limitações impostas por nossa mente…

Podemos estar certos de que “a atenção” dispensada pelo Mestre a seus discípulos pode ser considerada como uma das características de sua relação com eles.

Portanto, sejamos dignos de sua atenção.

Submissão

Submissão é o estado de consciência quo constitui condição do discipulado. Quando o discípulo compreende que seu ego ou personalidade é apenas uma pequena onda na superfície do oceano infinito do EU — ou Super-EU — que é a Realidade, então ele começa deliberadamente a desviar sua atenção do seu ego para mergulhá-la no TODO, que geralmente toma a forma de um Mestre.

Eis por que submeter-se ao Mestre é um passo necessário para atingir a última meta; pois esta significa a Realização do verdadeiro Eu ou Deus.

Amor

Não me lembro quem descreveu o amor como o poder universal de atração mútua da gravitação, atuando por toda parte entre os átomos, que representam o véu material do Universo, bem como entre diferentes manifestações da consciência.

Talvez haja alguma verdade nessas palavras, embora quando expressas no mundo da relatividade, elas não possam deixar de ser imperfeitas. Mas, falando praticamente, amor é o único poder em que se apoia nosso esforço para passar da relatividade para a Realidade.

No árduo caminho da Realização, qualquer concepção mental sobre a meta verdadeira, embora nos pareça sublime e elevada, será insuficiente, porque está destinada a desaparecer juntamente com a dissolução de nossa mente individual, quando ela retornar ao OCEANO ÚNICO DA VIDA.

Em outras palavras, o homem que luta no caminho da Realização sabe quanto ele necessita do poder do amor para vencer todos os obstáculos. Na literatura oculta, há muitas provas desse fato.

É bom lembrar as conhecidas palavras de São Paulo: "*Ainda que eu tivesse o dom da profecia e, ainda que compreendesse todos os mistérios e tivesse todo o conhecimento; ainda que eu tivesse uma fé capaz de remover montanhas, mas não tivesse amor, nada seria*".

Somente o reflexo da própria verdade pode auxiliar-nos. O amor é esse reflexo. E a mais elevada forma de amor acessível a nós é o amor pelo Mestre. O Mestre não pode aproximar-se de um discípulo que não ama — se tal discípulo pudesse existir, tal como a luz não pode penetrar num quarto que não possui janelas.

Nada poderá auxiliar o discípulo, se ele não tem Amor. Ele deve ter uma vida exemplar e um ideal quo esteja acima de todas as dúvidas e imperfeições.

O Mestre

Dizeis que sabeis que sem o Mestre não há caminho… E perguntais-me, a mim que estou agora aos pés de *Bhagavan* Maharshi: "Como é realizada esta verdade em sua presença"?

Se pudésseis vir até aqui e sentar-vos sob esta cabana de bambu que abriga a poltrona de Maharshi, não haveria necessidade de resposta. Tendes alguma fotografia da colina de Arunáchala, mas concordareis que isso não é o mesmo que se pudésseis escalar ou ver pessoalmente esta colina da graça. O mesmo se dá com a presença de Maharshi. Encontrareis neste diário algumas das minhas experiências pessoais relativas a este assunto.

Controle da Mente

Submetei-vos a mim, e eu abaterei a mente.
(*Palavras de Maharshi*)

Estas palavras do Sábio são a melhor resposta à vossa pergunta. Ainda assim, digo que todo tempo em que estou absorto no pensamento de *Bhagavan*, nenhum outro pensamento indesejável pode introduzir-se em minha mente. Daí, não terem acesso em minha consciência pensamentos maus ou fúteis.

O hábito de receber e alimentar pensamento de intranquilidade se transformou agora em um estado de calma imperturbável e de paz da mente. Mas isso não é o suficiente para o caminho da *Vichara*, da pergunta "Quem sou eu?", ensinada por Maharshi. O silêncio completo da mente é essencial. Encontrei auxílio considerável nas longas e calmas meditações sobre:

A origem do processo do pensamento e a curiosidade como fonte dos pensamentos.

E então, reconheci que nenhum pensamento pode auxiliar-me, nem mudar o meu futuro, e assim por diante. Somos simplesmente enganados pela nossa mente, que sugere a ideia da necessidade de pensar. Esta mentira sutil é difícil de erradicar e difícil de explicar, porque praticamente somos incapazes de parar deliberadamente o processo de nosso pensamento, a menos que tenhamos atingido certo estado de consciência além do mental.

Esta consciência superior — o misterioso *samadhi* — é o verdadeiro alvo de todos os aspirantes. Conforme disse Maharshi:

"Unicamente o *samadhi* pode revelar a verdade".

Samadhi

Existem poucas descrições do estado transcendente de êxtase espiritual chamado *samadhi*. Há também diversas espécies de *samadhi*. Maharshi diz de modo breve e claro: “No *samadhi* há o sentimento de “Eu-Eu” ou “Eu Sou”, e não há pensamento”.

Mas nenhuma descrição desse estado de SER real pode auxiliarmos para o seu alcance. Quando o *samadhi* é atingido, as pessoas geralmente ficam admiradas de que suas ideias mentais sobre ele tenham sido tão falsas.



O que acabo de expor são trechos de cartas que escrevi do *ashram*, em resposta a amigos de outras partes do mundo, interessados na verdadeira busca espiritual, mas que não podem vir à Índia para ver Maharshi.

Nesta atmosfera de luz e de paz eu sinto que há, realmente, um único grande coração, do que muitas vezes fala o Sábio de Arunáchala.

Portanto, meus correspondentes, distantes em espaço, estão em realidade mais perto de mim agora do que quando eu me achava em presença física deles.

XXXVI.

Eu e Vós

Há consideráveis diferenças em meus estados de consciência, em diferentes períodos. Muitas vezes, em meditação, experimento êxtase de união absoluta, a qual desaparece quando volto à vida convencional. Isso me entristece de algum modo, mas a causa está nas dúvidas produzidas pela mente.

Por isto, esforço-me para evocar a luz do Eu Interior, a fim do exercer um impacto e construir uma base sólida, de acordo com as experiências espirituais, que são a única consciência real. Então vem a necessidade de traduzi-las, se possível, para a linguagem da mente

Sendo a mente apenas um reflexo no campo do limitado, os símbolos e as comparações são apropriados para esse fim. De fato, esse é o único meio de transmitir certas ideias.

À luz de minhas experiências anteriores, ofereço esta comparação: As personalidades individuais podem ser comparadas com as folhas de uma árvore. Elas são numerosas, mas sua vida comum é a vida da árvore. A árvore é a fonte da sua existência. As folhas crescem e finalmente morrem, mas a árvore não é atingida pelo destino de sua geração individual. Ela não tem folhas favoritas, sabe que a função das folhas é temporária… Mas será que as folhas conheceram o destino de sua mãe, a árvore, cuja duração transcende e muito, a vida de cada uma delas?

A vida das folhas só é possível enquanto elas não se separam do tronco materno. Todas elas anseiam por mais sol e mais ar. ainda que inconscientemente. Não podem por vontade própria deixar a árvore antes de

estarem maduras, e esta madureza representa a dissolução de suas formas.

Do ponto de vista da folha, sua vida é limitada, suas possibilidades circunscritas e seus esforços para evitar o destino comum são vãos. Poderia a folha compreender que a continuação da vida da árvore é a única coisa que importa e que desempenhar as suas funções, fielmente, é o único meio de aumentar a vida da árvore, da qual depende seu próprio bem-estar, bem como o de todas as suas companheiras?



É trágico crermos que a nossa separação seja real, que o que possuímos seja nosso, e por isso ficamos indiferentes às necessidades de outros. Como as folhas da árvore, em tempo determinado, nosso invólucro externo deve fenecer e morrer, e o Eu sempre-vivente mergulha na sua Fonte. À luz disto, a vida real é verdadeiramente uma *Naquilo*.

Agora minha mente se torna mais tranquila porque lhe foi dito, em sua própria linguagem, a Verdade. A Unidade realizada é a vida do espírito no reino do Eterno. A ilusão da separatividade é a morte.

A ausência de egoísmo nos grandes Seres não é baseada em sentimentalismo ou teoria. Eles conhecem a sua fonte. Quando Cristo orava pelos seus inimigos, e quando Maharshi, espancado por ladrões, lhes oferecia o outro lado de seu corpo para receber pancadas, era porque conheciam a lei. Não havia hipocrisia em seus atos. Eles sabiam que a mesma vida que fluía neles também fluía através dos atormentadores. A única diferença era que Cristo e Maharshi reconheciam a unidade, e os criminosos e ladrões não a conheciam.

Na comparação da árvore e das folhas, a única diferença é a forma e a cor temporária das folhas. Do mesmo modo, a compreensão da lei da vida nos impele a transferir nossa consciência para o reino espiritual, ainda que por um momento. Se, com a mente, compreendermos a unidade do espírito, por um momento vivemos na esfera do espírito.

Às vezes podemos compreender e realizar, em nós, o significado

místico dos ensinamentos do Mestre, mas a nossa personalidade esquece muito facilmente esses momentos tão importantes.

“O caminho é longo e eu estou longe do lar”.

XXXVII.

Réquiem

Dedico geralmente uma noite por semana à meditação como que em continuação de nossas meditações da tarde em presença de Maharshi. Não as registro aqui, porque todas elas são semelhantes e difíceis de expressar em palavras. Digo apenas que elas são uma tentativa de elevar minha consciência até a esfera onde reina unicamente a vida, sem formas e sem véus.

Na fase preliminar há sempre uma espécie de luta contra tudo o que me impede a saída do campo do pensamento; depois disso, como o filme na tela, aparecem os aspectos de meu passado e. finalmente, quase sempre de madrugada, vem o momento de paz.

Há uma noite de julho, porém, que jamais esqueço. Sua essência está expressa pelo título deste capítulo, pois foi então que sepultei definitivamente, e para sempre, meu período de vida terrena. Esta vida, que até então tinha muitas vezes reclamado minha atenção e exames retrospectivos, tranquilamente desapareceu, tragada pelo oceano do irreal ao qual sempre pertencera.

Eu ainda não havia compreendido que apenas o presente é existente e que voltar constantemente ao passado equivale a um suicídio temporário.

A princípio lembrei-me de uma passagem de um livro baseado na “cabala” hebraica, que me havia fascinado com seus mistérios há muitos anos, mas para cujo sentido real eu nunca pude encontrar a chave.

… “E o discípulo entrou no santuário de seu coração. Nele havia um altar, sobre o qual ardiam duas luzes. Ele compreendeu que essas eram as

luzes de sua própria vida. Eram ele mesmo. A chama de luz que lhe estava mais próxima era de muitas cores, vibrando na riqueza de seu colorido e emanando ligeira fumaça. Ele reconheceu serem os seus pensamentos e emoções pelo próprio ritmo familiar de suas vibrações.

"A segunda chama estava mais longe, incolor, mas seus raios penetravam tudo, até as cores mutáveis da primeira luz. Imóvel em sua prístina pureza, brilhava tranquilamente, respirando uma paz tão grande como a própria eternidade.

"Então o rabi vestido de branco apareceu, apanhou ambas as luzes em suas mãos e trocou os seus lugares dizendo: — "Deste momento em diante olharás a vida inconstante através da luz da Eternidade em vez de como estás fazendo até agora, olhá-la através da luz efêmera que torna difícil a percepção do Eterno…"

"Quem sou eu?" "Quem sou eu?" "Quem sou eu?" Mergulhei como de costume, nesta pergunta meditativa e subitamente vi toda a minha vida, desde o princípio oculta nos recessos da memória, a desenrolar-se diante de meus olhos como num filme. Olhando para ela, eu passei mais uma vez por todas estas mesmas experiências, de um modo condensado e extremamente rápido.

Senti que tinha o poder de destruir este aspecto ilusório, por um esforço de vontade, porque me oprimia desagradavelmente. Sabia também que não era aconselhável permitir que essas coisas ilusórias não existentes penetrassem em minha consciência. Mas, neste momento, uma voz, à qual eu tive de obedecer, disse-me que olhasse para o filme.

Diante de mim se desenrolaram os anos de minha mocidade, com suas loucuras e choques, a vida instintiva com seu egoísmo quase animalesco, circunstâncias e pessoas que nessa época tiveram papel importante em minha vida, amores e ódios, impulsos nobres e mesquinhos, à busca de algo que sempre me escapava, intangível, quando me parecia próximo e sempre me fugia das mãos. Momentos de desespero que pareciam insondáveis, sem esperança, sem saída, momentos de tremenda (ia quase dizer) de infinita felicidade.

Tudo passava diante de meus olhos. A minha figura física, tão bem

conhecida, modificava-se gradualmente com o correr dos anos, agora, condensada, passou diante de mim, com todas as suas esperanças, sonhos e esforços, dos quais nada resta agora… Os anos da primeira e segunda guerra, o intervalo de paz, o meu mergulho nos estudos ocultos que pareciam acenar me com as mais altas conquistas, concepções cósmicas — tudo isto cambiava gradualmente através do contato com novas teorias e seus autores…

Senti tudo isto como uma densa nuvem negra descendo sobre minha consciência, e procurava uma saída. Intuitivamente senti que essa saída deveria existir, que eu não deveria voltar para estes fantasmas, agora que estava no limiar de uma nova vida. Concentrando todo o meu poder num esforço da vontade, parei a fascinante cadeia e. de repente quando o filme jazia como coisa morta, compreendi sem uma sombra de dúvida: tudo isto — não era Eu.

Esse ator, os circunjacentes cenários e decorações, não eram, nem jamais podiam ter sido meu verdadeiro Eu. Agora já não me interessavam mais as experiências fúteis, esses loucos esforços, esses pensamentos sem rumo, esses sentimentos e emoções mutáveis e todo resto que parecia constituir o meu Eu.

Agora eu podia criticar e ajudar outros a criticarem essa “pessoa” — coisa que antes teria sentido dolorosamente, mas que agora podia fazer com toda liberdade. Pudera! Não era a mente responsável por isso, mas esta paz esse mergulho no translúcido Eu imaterial e talvez o passar da “primeira luz” para o segundo plano, de acordo com o conto hebraico.

Todas as minhas tentativas para achar as explicações agora não têm mais sentido. Perdi todo o interesse por estas definições e explicações. A vida se me provou bem diferente de todas as concepções que correm a seu respeito — sim, tive a prova de que ela é antes a negação de tudo isto.

“Todo aquele que quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e todo aquele que perder a sua vida salva-la-á”.

Essas palavras do Grande Mestre, que pareciam tão misteriosas e incompreensíveis, são agora uma verdade clara e radiante, a despeito do fato de terem sido pronunciadas há dois mil anos. Não admira que isto

evoque também o seguinte:

"Os céus e a terra passarão, mas as minhas palavras não passarão".

No silêncio que se seguiu a essa parte mais ativa de minha meditação, as horas passaram despercebidas. Comecei a ouvir os sons que vinham do exterior, as vozes de alguns animais selvagens que se aproximavam do *ashram* durante a noite, na ausência de qualquer ser humano.

Abri os olhos e vi, através das barras de ferro e da tela, uma enorme cabeça cabeluda. Era de um dos macacos que acordara com a aproximação da madrugada e tinha vindo em busca de cascas de mangas.



O dia vai surgindo, um novo dia neste recanto do mundo cheio de paz, aos pés da sagrada colina Arunáchala, escolhida pelo Mestre para sua morada. É verdade que a própria natureza aqui parece auxiliar os seres humanos em seus esforços e que a despeito de sua posição geográfica tropical, não nos embaraça nem nos desanima pelo excessivo cansaço físico.

Será pela influência do clima seco ou pelo misterioso magnetismo do qual tanto se fala? Não sei. Digo apenas que pelo lado espiritual jamais encontrei em minha vida ambiente tão conveniente e convidativo e uma atmosfera tão admirável, vibrando por toda a parte.

Começo a sentir quase instintivamente que se aproxima a hora em que não poderei mais ser beneficiado por esta maravilhosa influência imediata. Por isto estou tentando enraizar-me o mais profundamente possível neste solo espiritual, para levá-lo comigo para as minhas ulteriores peregrinações através do mundo.

Escuto com atenção as melodias das canções das meditações vespertinas, ligando-as às minhas atuais experiências interiores. Talvez possam ajudar-me, mais tarde, quando, circundado por uma atmosfera totalmente diferente, eu procurar viver a mesma vida de agora, aos pés de

Maharshi. A intuição diz que é aconselhável achar alguns pontos de apoio que sejam úteis quando, no meio do afobamento e dos ruídos do mundo ocidental, eu tiver de me retirar deles e voltar ao reino do silêncio.

Mas já não está à minha disposição o melhor de todos os meios?

E Maharshi, cuja simples recordação traz a paz — poderei esquecer a expressão de seus olhos durante as meditações no templo?

No momento em que escrevo estas linhas, em minha cela durante as horas mais quentes do dia, quando toda a vida parece ter sido suspensa nesta parte do mundo, uma simples palavra sobre Maharshi é suficiente para evocar sua figura diante de meus olhos, e todos os pensamentos param.

E com isto também eu paro de escrever.

XXXVIII.

Que é Meditação

Para que a meditação possa ser executada convenientemente, é indispensável que a mente esteja liberta de todos os pensamentos. Quase todos os estudiosos de ocultismo sabem disto, mas poucos realmente o conseguem.

Os que pertencem às sociedades místicas ou de ocultismo, creem, muitas vezes, que a meditação consiste no esforço de dirigir a mente em certos canais, de acordo com uma ideia preconcebida.

Os resultados de tais exercícios — que nem podem ser considerados como meditação — são geralmente pobres, mesmo quando praticados durante muitos anos, e não conduzem a uma purificação efetiva da mente. Geralmente, a membros avançados de tais organizações são dados métodos e regras que se revelam, muitas vezes, ineficientes.

Há duas espécies de métodos que podem ser assim classificados:

1) Meios artificiais;

2) Meios naturais.

O primeiro grupo é baseado na imaginação e nas concepções mentais. Há inúmeros exercícios, sendo alguns dos mais importantes:

a) Imaginação da posse de uma virtude que falte ao estudante. Se ele é do tipo sensual, deve pensar, durante o tempo determinado pela meditação, que é casto;

b) O estudante pode proteger-se da invasão de pensamentos exteriores pela criação mental de um invólucro astral de acordo com determinadas instruções:

c) Pelo uso de *mantrans* e encantamentos pode ele alcançar a concentração necessária ou aquiescência da mente, prendendo-a a uma ideia, por um espaço de tempo considerável

No segundo grupo (meios naturais) mencionarei em primeiro lugar as orações dirigidas Àquele que consideramos como o Ser Supremo. Se tais orações são sinceras e se estamos preparados para dar tempo suficiente à prática regular delas, o resultado pode ser satisfatório e a mente se libertará de ludo, menos do objeto da meditação. Então pode sobrevir o "vácuo" no processo do pensamento, que poderá ser preenchido com a luz verdadeira de sua Fonte — o Eu — Deus.

Se tivermos a ventura de encontrar na vida um Mestre espiritual, então tudo se tornará fácil e imediato. Muitos discípulos nessas preciosas horas de contato espiritual com o Mestre visualizam-no tal como ele é visto em seu corpo físico, e tal imagem viva e poderosa e arma mortífera contra toda estratégia da mente irrequieta. Nada é mais eficiente do que isto, com o uso da *Vichara*. Mas, para empregar convenientemente a autoinvestigação, deve-se obter primeiro alguma firmeza da mente.

As emoções também devem ser purificadas, e para isto a visão de um Mestre vivo não tem substituto. De um modo misterioso, o poder desta visão é também inerente à fotografia do Mestre. Talvez seja para auxílio daqueles que não podem vê-lo em seu corpo físico.

A experiência e a prática mostram-nos que benéficos resultados podem ser obtidos pela contemplação de tais fotos. Quando o vácuo ou vazio na consciência é firmemente estabelecido só então pode surgir a meditação, não antes. Então a consciência do verdadeiro Eu encherá o vácuo.

Nenhuma instrução mais é necessária, pois o Eu verdadeiro toma a direção e o alvo é alcançado. Em tais meditações não há visões ou sentimentos.

Maharshi muitas vezes prevenia seus discípulos contra as visões extáticas, dizendo que nossa meta é a experiência pura e nada mais. Quando essa experiência é atingida, conduz-me inevitavelmente ao *samadhi*, e isto é o verdadeiro alvo da meditação. Em outra parte deste livro, isto é chamado o despertamento do estado de sonho, que é a consciência física normal.

Há sinais que indicam que nossa meditação nos está conduzindo realmente ao *samadhi*, quando estamos libertos de todos os pensamentos do corpo e do ego e quando os pensamentos e sentimentos estão tranquilos.

O bem e o mal cessam de existir — nada mais vemos, pois não há nada para ver. Não estamos na escuridão, mas mergulhados na luz, sendo nós mesmos essa luz. Não podemos ver, porquanto nesse estado não há sujeito nem objeto. Isto pode dar apenas um indício velado do verdadeiro estado a quem não tenha ainda experimentado tal meditação, pois isto é a descoberta do verdadeiro Eu no homem.

Tudo o que conhecemos como objeto, isto é, o mundo exterior e nosso corpo visível, é como uma pintura. As cores dela são as qualidades das coisas. Nessas coisas estão contidas todas as formas materiais, sentimentos, pensamentos, o bem e o mal, o verdadeiro e o falso, tudo o que conhecemos como Universo.

São como as cores separadas da luz branca ou Eu-Deus, dispersas pelo prisma do universo material, conforme Maharshi nos ensinou. Se pudésseis imaginar a mesma foto contendo apenas a luz branca básica, sem ser dispersa pelo prisma encantado — isto seria o espírito, o Eu ou Deus, a última verdade do Ser. Por isso o Mestre nos disse: “*Nada há senão o puro Ser, único que existe, e nosso único fim na vida é realizá-lo em nós mesmos*”.

A meditação correta conduz-nos à descoberta desse grande mistério. Todos os outros meios mencionados em diferentes iogas, tais como controle da respiração, controle da mente, postura do corpo, alimentos especiais, atitudes da mente, são apenas degraus intermediários no caminho para a meta, engendrados pela nossa natureza material, quando iniciamos o Caminho Direto rumo à altura. Esse alcance torna desnecessários os degraus intermediários.

Quando o trem chega a certa estação, não voltamos para contar os quilômetros já passados. Assim, a identificação com o Eu produz por si mesmo a postura correta, a respiração conveniente, a impenetrabilidade de influências vindas do exterior.

Mas esse Caminho Direto não é ato para todos. O próprio fato de haver outros caminhos o indica.

Muitos iogues que encontrei, se bem que inteiramente cônscios da existência deste caminho sublime, continuam a seguir seus métodos peculiares, apropriados para eles nesta vida.

XXXIX.

Técnicas de Meditação

Uma das iniciações pela qual passamos, enquanto estamos na presença de Maharshi, é a verdadeira meditação. Anos de estudo da literatura oculta demonstraram-me que a meditação é a chave da consciência superfísica.

Quando eu tinha confiança na teosofia, praticava diversas formas de meditação de acordo com sua literatura. Mais tarde verifiquei que esses ensinamentos se destinavam aos principiantes. Sua finalidade consistia em dirigir a mente para certos canais de pensamentos deliberadamente escolhidos.

Havia meditações sobre diferentes temas, tais como beleza, amor, pureza, sabedoria, devoção, Deus, Criador do Universo, etc. O seu objetivo é conservar estas ideias na mente, tanto tempo quanto possível, fazendo-nos imaginar que estas virtudes estão operando em nossa consciência.

Tais meditações podem criar na mente certas correntes de pensamentos, condicionando-a a uma força positiva que ativa o raciocínio. Esses exercícios têm certa utilidade, pois foi dito que “o homem é o que ele pensa”. Em outras palavras: a maneira pela qual o homem pensa, cria seu valor. Se ele se associar a pensamentos positivos e bons, sua natureza melhorará, e, se forem maus e negativos os seus pensamentos retrocederá e cairá.

Tudo isso é verdade no campo relativo, mas é baseado na suposição de que a consciência do homem derive de seu instrumento de pensar, ou da mente.

Outrora, não me era possível conceber nada além da monto. Seu oceano era sem praias e, de cada ilha que eu alcançava apareciam outras para serem investigadas. A meta jamais poderia ser alcançada por esse processo. Sei agora que não há limite para a atividade da mente, seja pelo bem, seja pelo mal.

O homem pode elevar sua mente, como o fazem os iogues, e realizar “milagres”, como os santos de todas as religiões. A mente é um poder que, quando controlado e dirigido, adquire uma força e sutileza aparentemente sem limites. Mas apenas aparentemente, pois o poder da mente está baseado na ideia errônea de que haja um que pense e um objeto de pensamento. Esta é a velha mentira da dualidade, e seus fins não podem ser para o enobrecimento do instrumento.

O sujeito e o objeto ainda existem. Essa concepção impede a compreensão da irrealidade do mundo exterior. E julgar o mundo como real é intransponível obstáculo no caminho da realização do verdadeiro Eu no homem.

Enquanto a consciência do homem é incapaz de mergulhar no Todo, haverá sempre a necessidade de reencarnações na matéria. E o círculo mágico está fechado.

Estranhamente, desde os primeiros dias de minha estada no *ashram*, as minhas velhas meditações mentais foram esquecidas e eu não podia praticá-las na presença do Mestre. E tal ainda se dá, e não voltarei mais àquelas velhas correntes de pensamento. Cada dia aumentam as inclinações interiores de tranquilidade, de permanecer sem pensamentos, de mergulhar no silêncio. A voz interior sem som me diz que ali está a verdade.

O próprio Maharshi insiste na necessidade da meditação. E o que quer dizer ele com esse termo?

À verdadeira meditação ele chama “Silêncio”, “Estar tranquilo”. ‘‘Quietude”. De maneira que o mesmo poder que me atraía naquele tempo ainda agora me atrai.

Quando estamos imersos na água, não vemos nada acima da superfície. O mundo acima da água fica velado à nossa vista. Para conseguir

horizonte mais amplo temos de surgir de dentro da água, e só então compreenderemos quão limitada era nossa visão anterior.

Enquanto o homem está mergulhado no mundo do pensamento — o reino mental — sua consciência fica circunscrita pelas suas limitações.

O pensamento deve ter sempre um objeto, por mais sublime que seja. Assim, deve haver sempre DOIS e não UM. Portanto, o pensamento e seus processos são um beco sem saída.

O poder do Mestre libertou-me de todos os desejos de seguir esse atalho. E eu o esqueci simplesmente, conforme mencionei acima. Em capitulo anterior deste diário, afirmei que não creio em milagres. Por isso não posso considerar dessa categoria, a ajuda do Mestre e a sua atividade. Mas o fato permanece, e isto é tudo o que importa.

Dessa maneira encontrei afinal o segredo da verdadeira meditação. Esse estado, quando eu tenho experiência do meu ser, independente do processo de pensamento, pode ser chamado verdadeira meditação. Essa experiência é a fonte de toda a vida, da MINHA vida. É a fonte de tudo. Dela extraí tudo o que tornou possível e o que digo nestas páginas. O que posso expressar é tragicamente pouco.

Quando pela primeira vez compreendi a impossibilidade de transmitir qualquer coisa que não fragmentos desta fonte, pareceu-me que o resto se perderia. Após o meu primeiro mergulho no silêncio (capítulo **XXV. O Darshan Restabelecido**) eu pouco podia lembrar-me dessa experiência, e disse apenas que a ponte estava destruída.

Agora é diferente, talvez porque o cérebro-mente tenha aprendido a transmitir algo mais desse campo superior da consciência. A razão disso não importa, e sim o fato.

E como podemos entrar nesse estado de meditação supra-mental?

Analisando o processo em mim mesmo, acho que ***primeiro*** devem ser sustados todos os pensamentos. A *Vichara* amadurece a mente para que o interesse no processo do pensamento desapareça, a fim de que a tranquilidade da mente, tão difícil até então, se torne fácil.

Segundo, quando a mente está tranquila, surge forte insistência para a unidade com o Todo. Mas o que é esse Todo ainda não pode ser concebido e sinto que nunca pude obtê-lo sozinho. A melhor comparação é “fundir-se e dissolver-se Naquilo que unicamente É”. Diferente é deixar o corpo ou o ego, pois não há movimento. Permanecemos onde estamos, mas não somos o que éramos antes.

Tudo o que poderia ser visto ou sentido antes, está separado de mim agora. Nada mais pode ser dito.

Terceiro o estado de unidade com o Todo traz inabalável certeza de que somente esse estado é o real e permanente; e que é esse o último refúgio que sempre buscamos, o qual jamais perderemos. Nada há mais além disso, por — ISTO É TUDO.

A concepção de como a “morte” é destruída não significa que estamos neste estado de pensamento de uma “vida depois da morte”. O único fato que sabemos é que essa vida continuará para sempre.

Nesse estado de Ser não há a falta distinção do tempo como passado, presente e futuro.

É possível forçar a linguagem para transmitir à mente algo daquilo que trazemos de tal meditação, mas é provável que isto seja inútil ou mal compreendido.

E não há certeza de que outros chegue a essa meditação silenciosa do mesmo modo que nós. Assim, qualquer descrição pode ser apenas uma sugestão e pode até não ser o caminho apropriado para outrem.

Há uma experiência misteriosa que prova o poder de *Vichara*. O Mestre insistia que não devemos usar a *Vichara* como se fosse um *mantram*, isto é, como palavras apenas, mas que cada pergunta esteja penetrada do desejo de conhecer “Quem sou eu”?

Pelo uso de *Vichara* dessa forma, após tranquilizar a mente, a resposta em por si mesmo, sem palavras, nem pensamentos — TU SABES QUEM ÉS. E o que se segue é inexprimível.

Esse é o grande serviço que Maharshi prestou à Humanidade — ter forjado este infalível instrumento de alcance: a inspirada *Vichara*.

XL.

Os Últimos Dias

Acabo de receber carta do departamento de viajantes, em Madras, informando-me que minha passagem foi reservada em navio que deverá partir dentro de 13 dias de Colombo. Isto significa que deverei deixar o *ashram* e Maharshi em poucos dias, e que terão de terminar aquelas tardes de êxtase aos pés do Mestre, que transformaram todo o meu ser, apontando-me visões de uma vida nova e eterna.

E que acontecerá então? Haverá um retorno à vida antiga? A mente não responde — seu silêncio ê uma armadilha. Sei que lhe seria agradável restaurar seus antigos hábitos de raciocinar, duvidar e procurar atalhos. Mas os tempos mudaram. Sua vida *não é mais minha* vida, porque minha consciência agora não funciona por seu intermédio e a despeito dela.

Não é na mente que agora concentro a esperança e a confiança. Lembro-me bem das palavras de Maharshi: "*A mente tem sua função na evolução do homem, mas essa função é limitada e pode guiar somente até certo nível. Além desse ponto começa outro novo*".

Vejo que a arma mais forte da mente — a curiosidade e a paixão pela investigação das coisas transitórias — já não encontra em mim um pronto acolhimento como antes. Ela defronta-se, agora, com a crítica, nascida da firme convicção de que tal busca não conduz a parte alguma e que é apenas um círculo vicioso.

Esta reflexão é suficiente para restabelecer a paz. Sim, sei que nada pode fazer-me voltar aos caminhos anteriores, fique eu no *ashram* para o resto da minha vida ou deixe-o para peregrinar pelo mundo. Essa

experiência traz uma onda de incrível e arrasadora alegria, uma torrente de felicidade para além de todas as palavras. Parece-se, de algum modo, com a sensação de uma vida que tudo empolga e que jamais pode ser extinta.

Eu havia notado como e quando abandonei o pensamento e a crença da existência da morte, não pelo raciocínio, mas pela experiência direta. Apenas parece que me lembro de que em minha consciência houve definidas e repetidas tentativas de me imaginar enfrentando a morte, esquecendo minha personalidade, e observando então o que ficava de mim mesmo.

Esses exercícios quase inconscientes deram-me a prova de que, quando abandono o apego instintivo à forma e às condições da vida terrena, quando estou inteiramente ciente do fato de que a coisa que tem "meu nome e aparência" neste mundo condicionado é apenas um sonho, então "Algo" ainda permanece independente e autossuficiente.

A prontidão para deixar "tudo" a qualquer momento *é a porta que abre o caminho para o Infinito*. Eu não tinha notado que em quase todas as circunstâncias, nos acontecimentos da experiência de felicidade, bem como nos de tristeza, no fundo de minha mente havia sempre o pensamento oculto: "*Tudo isso não tem significação real*".

Por qual misterioso caminho as vibrações radiantes da consciência do Santo tinham penetrado nos mais obscuros cantos de minha mente, tão limitada, tão estreita e cheia de sombras, eu não o sabia, nem via qualquer razão para investigar. Compreendi bem, não pela mente, mas com todo o coração, as alegres palavras do grande poeta místico da Índia, Kabir, em resposta a seus discípulos que o interpelaram: "*Como conheceis os mistérios da vida espiritual*"? e "O que *pode ser conhecido sobre o alvo e destinos da vida humana*"?. Kabir, num arrebatamento extático, lhes respondeu:

> *"A verdade existe, quer a conheçamos quer não, tal como o sol que brilha sempre, embora o cego não o veja. Não é importante que eu '"conheça" os fatos sobre os quais fazeis perguntas, pois Ele sabe, Ele SABE…"*

Lembro-me de ter lido na biografia de Maharshi que um livro sobre a

vida de Kabir atraiu a atenção do Mestre quando ele era apenas um estudante de 14 anos, não tendo, até então, encontrado qualquer livro sobre a vida espiritual.

A dor que eu sentia, há algum tempo, apenas ao pensar na separação do Mestre, agora desapareceu. Algumas de suas palavras vêm a mim como respostas vivificantes, de modo estranho, não do exterior, como se viessem de outro homem, mas do interior, das profundezas de meu próprio ser. Empreguei expressão errônea, pois podemos dizer que há "outros homens"? Imediatamente veio a correção e eu compreendi. Como poderei expressar minha gratidão infinita pela imensa bondade e assistência que me é dada? E mais uma vez o Mestre diz, sem palavras, sem voz: "*Por que esse pensamento? Os pais terrenos esperam gratidão de seus filhos por todo o amor e proteção que lhes dedicam*"?

O mundo não conhece esses laços ocultos entre as centelhas da consciência, que tomam formas humanas no plano físico. O mundo pode até sorrir dessas coisas que estão além da sua compreensão, por não estarem contidas na esfera das três dimensões onde existem pesos e medidas. Há alguns anos, minha reação a essa atitude teria sido de revolta interior e de crítica. Hoje é o silêncio.

Esse silêncio me diz que em todo homem, meu irmão, o Mestre habita e que eu poderei vê-lo nos olhos de todos. Onde estão as "diferenças", quando habitamos o País da Realidade? Quem viu qualquer sombra nesse País?

Nestes últimos dias não nos foi permitido meditar, como de costume, durante horas na presença de Maharshi, pois ele estava muito fraco, após a última intervenção. Podíamos apenas entrar por uma porta, cumprimentar o Santo e sair por outra. Isso era feito principalmente pelos visitantes que tinham vindo por pouco tempo e pelos hindus residentes no *ashram*.

Uma tarde em que ali estavam somente um jovem brâmane e um dos seus assistentes permanentes, eu também fui ver Maharshi, ao menos por um instante. Sentia estranha ansiedade de obter sua aprovação para todos os meus esforços e as modificações que se estavam operando consciência sob sua influência. A intuição me dizia que eu não poderia ter depositado minha

confiança — essa joia rara — em melhores mãos.

Em nossa vida comum, quão raros são os que se podem gabar de ter sequer um amigo, no mundo, digno de sua incondicional e absoluta confiança, o que praticamente seria a possibilidade de unir a sua consciência com a do outro. Geralmente, gostamos de mostrar “nosso lado melhor” aos outros. Tentamos esconder as nossas desarmonias, temendo que a pessoa, cuja amizade procuramos, se afaste de nós.

Temos de tomar cuidado com as palavras e os gestos para evitar uma possível discórdia. Tudo isso não é natural, nem sincero, A hipocrisia, embora em forma sutil, oculta-se por trás de tais atos. Mas nada disso pode existir com Maharshi: estamos certos de que ele sabe e nunca julga, que sua atitude jamais se modifica, a despeito de todos os nossos pecados e imperfeições, tão claramente vistos por ele.

Este é que é o segredo de sua mágica influência, de seu maravilho modo de auxiliar-nos mais eficientemente a libertar-nos de todos os nosso defeitos e fraquezas.

Mas também sei que há certas condições que possibilitam essa mudança interior: não aceita-las é um empecilho positivo para nosso progresso espiritual.

O melhor aparelho fotográfico não pode dar um retrato perfeito, se o diafragma não se abre convenientemente. Se o diafragma ou a porta de nossa consciência permanece fechada na presença do Mestre, como podemos esperar receber a luz que irradia dele?

E aí está a explicação do fato de que dos milhares de pessoas que visitaram o *ashram* do Sábio de Arunáchala, muitas poucas foram capazes de aproveitar plenamente o privilégio da sua luz. Agora mesmo, em sua presença, eu percebo isto claramente; mas é possível que disto me esqueça, quando tiver voltado à vida no mundo, e mergulhar em circunstâncias muito menos propícias. Apresso-me, portanto, a escrever as minhas impressões agora mesmo.

Muitas vezes as pessoas não podem abandonar velhos preconceitos, teorias e crenças consagradas, e quando veem Maharshi, dão-lhe o nome de

“iogue”, de “santo” ou “Mahatma”, enxergando-o através de seus próprios óculos coloridos e rotulando-o com algum termo rotineiro, de acordo com as suas próprias ideias, que não são senão o resultado da sua própria ignorância espiritual.

O raciocínio deles e mais ou menos o seguinte: “Sim, indubitavelmente, é um Santo, mas houve no mundo outros maiores, como Buda. Cristo. Eles eram completamente diferentes… Temos os ensinamentos deles e ninguém pode negar sua grandeza”.

Outros dizem: “Nos longínquos Himalaias há iogues que operam milagres; têm vivido há séculos, controlando as forças da natureza. Não são eles maiores ou pelo menos iguais a Maharshi”? E assim, em vez de aproveitar a presença viva, estão sonhando com outros mestres…

A essas criaturas eu gostaria de dizer: ‘‘Não será de pessoas como vós que o Cristo disse: “Eles têm olhos e não veem; tem ouvidos e não ouvem”?

Eles nada sabem de outros grandes mestres a não ser por informações de segunda mão ou mediante livros escritos por seus discípulos ou por historiadores. Não viram por si mesmos esses homens durante a sua peregrinação terrestre — e por isto estabelecem comparação entre eles e a presença viva, cuja missão consiste em dar-nos a verdade eterna na forma mais condizente com os nossos tempos.

Encontrando-se face a face com a dignificante e venerável presença da Maharshi, não podem sentir sua magnitude e glória; parecem ainda insatisfeitos, esperando talvez ver algum fenômeno “sobrenatural”, alguma luz ofuscante sobre a cabeça do Sábio, curas instantâneas de seus corpos físicos, imersos no pecado e no egoísmo como estão.

E se essas maravilhas acontecessem, eles nem acreditariam e procurariam os ocultos fios elétricos de uma lâmpada, como os agentes dos supostos milagres, ou atribuiriam a cura a algum novo remédio tomado recentemente.

Tais pessoas, se há dois mil anos tivessem vivido, e visto o Grande Mestre — cuja autoridade invocam agora — quando era levado pelas ruas para uma morte aparentemente ignominiosa e terrível, teriam gritado

brutalmente com as multidões, quando o Mestre estava crucificado: “*Se és o filho de Deus, desce da cruz*”.

E é deles que o grande Mestre disse: “*Eles pedem um sinal, mas esse sinal não lhes será dado*”.

Não é que todos os milagres, quando realizados ante gente materialista, são extremamente inúteis? A razão porque os “milagres” acontecem muito raramente, e somente em circunstâncias especiais, parece-me clara: a Providência permite que aconteçam somente se o seu resultado trouxer um bem positivo

XLI.

Minha nova Concepção da Vida

Uma das tarefas mais difíceis com que me deparei, durante minha estada no *ashram*, foi a necessidade de encontrar a definição clara da nova concepção da vida como tal. Parece-me que há em mim um ponto central ao redor do qual tudo gravita em minha consciência, o meu "Eu". Esta concepção deve ser definitiva e absoluta, pois nenhuma outra será aceitável pelo meu "Eu".

Entre as centenas de definições que encontrei, nenhuma delas pareceu-me dar uma síntese perfeita. As definições condicionadas devem ser abandonadas como falsas. Às que são demasiadamente abstratas, com uma terminologia impossível de ser posta em prática, parecem-me simples acrobacias mentais, boas para professores aposentados de filosofia teórica, mas não para um homem que se esforça pela realização espiritual. Mas sei que deve existir uma definição que harmonize com as profundezas de meu ser e que não provoque nem dúvida nem ceticismo, pois estará de acordo com minha própria experiência interna.

Todos os que realizaram a verdade na vida falam dela com o maior entusiasmo, como sendo a única meta, para cujo alcance tudo mais deveria ser sacrificado, uma vez que é pura ilusão.

No entanto, todas as suas palavras não parecem ser outra coisa, senão belas e encantadoras melodias, produzidas por um instrumento desconhecido. Em minha busca, tive de abandonar tudo o que é limitado, condicionado por nome e forma. Aquilo que sobra, sem forma nem véu isso deve ser necessariamente a própria vida.

O processo da investigação — principalmente através da meditação —, demonstrou-me que quanto mais eu abandono a ideia de ser realista, do que é visível, mais próximo me sinto da minha meta.

Quais são, na pratica, os estágios desse processo? Naturalmente é impossível descrevê-los em detalhes, mas as linhas gerais são muito simples. Começando a meditar em completa paz e serenidade sobre a relação que os objetos externos tem com o meu Eu, muitas vezes me parece que atinjo a verdade: eles não significam nada para o “Eu”.

Nesse momento desponta uma espécie de visão da possibilidade de uma EXISTÊNCIA independente de quaisquer condições. Essa “visão” — a palavra não é exata nem muito própria — dura mais ou menos tempo, dependendo do grau da concentração alcançada, mas seu resultado permanece como a memória de uma coisa duradoura e certa, sem qualquer sombra de dúvida. Ela encontra expressão no pensamento: “Unicamente a CONSCIÊNCIA é VIDA”. A consciência desapegada, independente de tudo, a simples afirmação “Eu Sou”.

Mas esse “EU” não é o pequeno eu contido na transitória forma corpórea com seus sentidos, que é, na verdade, a antítese do Eu real. Esse “Eu” consciência está mais próximo do termo usado, muitas vezes, na literatura filosófica moderna, a “Consciência Cósmica” ou o “Eu Cósmico”.

Essa consciência é também a FELICIDADE absoluta.

XLII.

“Buscai primeiro o Reino de Deus…”

> Buscai primeiro o Reino de Deus e sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas.
> (*Cristo*)

Esta sentença é a chave da compreensão do destino de nosso mundo. A Providência nunca abandona aquele que realmente busca a luz. Isso, contudo, não significa que a busca espiritual traga riquezas materiais. Mas essas riquezas não são almejadas pelo discípulo da Sabedoria; ele se sente muito mais feliz e mais livre em possuir limitada quantidade de coisas, e deseja que seus meios sejam apenas os suficientes para manter o veículo físico e sua atividade de acordo com o “Grande Plano”, como dizem os ocultistas.

Estas posses materiais variam em qualidade e quantidade de acordo com o clima e a região do globo onde o discípulo habita. Maharshi pôde passar toda a sua vida sem outras posses além de um pequeno jarro para água — o tradicional *kamandulu* — e uma vara de bambu que o auxiliava a subir pelas ladeiras íngremes de Arunáchala. As roupas nesse clima podem limitar-se a uma tanga e o antigo costume da vida, tão simples, adotado pelos indianos como o mais adaptável aos trópicos, reduz ao mínimo as necessidades do ser humano.

Mas, para habitantes de outros climas mais frios, a vida não é tão simples. Nossa pele não oferece suficiente proteção contra a mudança da temperatura. Necessitamos de mais roupa e de casas apropriadas. Essas condições são necessárias nesses países frios, e isto cria outras complicações com relação ao lado material da vida. Por isso não é pecado

para nós, nem vaidade, possuirmos algo mais do que o Sábio de Arunáchala.

O problema não está na posse em si mesma e sim na atitude em face dela. Se considerarmos as posses como atributos inevitáveis da vida no plano físico, de acordo com as exigências da natureza, está tudo muito bem e isso não é obstáculo em nossa busca do reino dos céus. Mas, se constantemente passamos de um objeto dos sentidos para outro, cheios de desejo, fazendo da aquisição de posses nossa meta principal, esquecendo a visão das finalidades superiores da vida, então não estaremos procurando a justiça{39} e sim, essas outras "coisas".

E neste caso não encontraremos nenhuma delas, pois não teremos satisfação permanente nas posses materiais e, como abandonamos o nosso ser mais profundo — chamado "alma" nos evangelhos —, preludiamos, para nós, ulteriores períodos de sofrimento.

Se olhamos ao nosso redor, admitimos que, no estado atual da evolução, a maioria das pessoas existe apenas para a satisfação dos desejos de posses terrenas e não veem nada mais além. Por decreto da Providência há sempre menos riquezas do que desejos egoístas e apetites. Não será para nos manter conscientes da nossa meta verdadeira? Quando cresce o desejo de posses, aparecem as tentativas de tirá-las dos outros — geralmente dos mais fracos — indivíduos ou nações. E novas ondas de violência e de maldade aparecem com seus inevitáveis resultados — os SOFRIMENTOS.

Sofrimento, tão odiado e tão evitado pelo ser humano, é de fato o único antídoto que neutraliza o veneno da maldade em nós. Quando, sob poderosos golpes, vislumbres de compreensão de suas causas penetram em nossa consciência, então o caminho, em vez de descer cada vez mais, começa a subir e demanda a parte ascensional da curva evolutiva.

Então, começa a "busca da justiça". E quando o tempo é chegado, estabelece-se uma subida definida, e é então que encontramos um Ser que completou seu curso de evolução e adquiriu completa experiência e sabedoria. É o Homem Perfeito, chamado Guru pelos indianos, quo literalmente significa "aquele que dissipa as trevas"; pelo ocidental é chamado Santo, Mensageiro cie Deus, etc.

Todo aquele a quem é permitido pela Providência encontrar e aproximar-se de um Mestre, está por esse fato participando de sua graça. É uma formidável oportunidade de crescer e, ao mesmo tempo, é uma grande responsabilidade. De acordo com a crença de meus amigos hindus, baseada nos Vedas, não há maior erro possível nesta vida do que perder a oportunidade que se lhe apresenta para cumprir as intenções do Altíssimo.

Em torno de Maharshi há também estranhos acontecimentos. Nem todos podem suportar a força vibratória da radiação invisível da presença de alguém que é puro espírito. Há casos de perda temporária ou permanente de equilíbrio, como também, de tranquilidade mental e emocional. Há extravagâncias, loucuras e ações absurdas, na crença de que são razoáveis. Mas há também casos em que, evidentemente, desarmonias interiores são curadas na presença do Santo.

Naturalmente, os mais beneficiados são aqueles que compreendem profundamente os ensinamentos do Mestre e apanham seu secreto sentido interno. Esse sentido indubitavelmente existe, apesar da extrema simplicidade e clareza das palavras do Mestre. Nem podia ser de outro modo, pois seus ensinamentos pertencem ao campo do espírito, da Realidade e, expostos por nossa causa, são de algum modo modificados pela limitação de palavras concebidas pela mente.

O estranho processo de assimilação dos ensinamentos de Maharshi é como um processo de RECORDAÇÃO. O Sábio diz que o Eu Real, a Verdade, o Espírito e Deus — todos são diferentes nomes da mesma Realidade — estão sempre presentes em toda parte: daí estarem também em nossa própria consciência; mas a ignorância encobre a Realidade com o véu do pensamento.

“O que é necessário é remover o véu. Então, a luz brilhará por si mesma e penetrará todo o nosso ser; então, não haverá necessidade de procurá-la em outro lugar”.

O Reino dos céus está em nós, ainda que não nos lembremos. Não fosse isso, a maior tragédia da Humanidade poderia ser considerada um paradoxo ou uma gigantesca ironia.

XLIII.

A Partida

Dois dias mais e terei deixado o *ashram*. Tenho que fazer minhas visitas de despedida a alguns amigos. Outros, sabendo que minha partida se aproxima, têm vindo ver-me em minha cela.

Estive com febre durante estas últimas tardes, devido às vacinações obrigatórias que recebem todos aqueles que deixam a Índia. Nos trópicos, a febre é mais alta do que nos países frios, mas o meu corpo suportou perfeitamente o belo clima de Tiruvannamalai e esta febre, sobrevinda por causa exterior, foi a única indisposição durante toda a minha estada na Índia.

Terei de ir primeiro a Madras para passar alguns dias no magnífico quartel-general da Sociedade Teosófica, em Advar, onde já estive em rápida visita quando vim ao *ashram*. As formalidades concernentes a vistos de trânsito levarão vários dias. Depois tomarei um trem para o sul da Índia até Ceilão e, finalmente, o Oceano Índico.

Em conversações com amigos expressei minha crença — ou antes, previsão —, de que eu voltaria ao *ashram* em breve; eles também pensavam que ainda nos encontraríamos. Nada disse sobre a segunda previsão, ou antes, certeza interior — de que não verei mais o Mestre em seu corpo físico….

Escrevi esta frase quase inconscientemente e fiquei assustado ao lê-la. Isto significa que seu lugar no *hall* do templo, no refeitório, nas alamedas do *ashram*, ficará deserto e vazio…. Como poderei suportar esse vácuo e a escuridão quando essa lâmpada brilhante desaparecer, a grande lâmpada

cuja luz dissipa verdadeiramente todas as trevas em mim? E meu pérfido inimigo — o criador de pensamentos — se vale da oportunidade para lançar o golpe: “Oh! Estás enterrando o Mestre enquanto ele ainda está vivo, estás imaginando como te sentirás após a sua partida”.

Isso era demais para mim: um relâmpago negro atravessou-me o cérebro. Provavelmente teve a duração da centésima parte de um segundo, mas foi o bastante para que o Sr. X, que estava sentado ao meu lado, segurasse minha mão alarmado. “Que se está passando com você”? “O que está vendo você”? Mas já passara; no momento em que fiz a mágica pergunta: “Quem sou eu?” recuperei o equilíbrio, cuja perda momentânea poderia ser perigosa.

Além disso, vi mais uma vez quão ilusório é isso que se chama tempo.

“Mil anos valem por um dia e um dia e como mil anos…” Esta frase mística da Bíblia soa em meus ouvidos.

— Nada de importante, caro doutor — respondi tranquilamente, — provavelmente é o resultado da última vacina contra a cólera, pois foi grande a dose injetada pelo seu simpático cirurgião. Embora seja cedo e *Bhagavan* venha somente daqui a meia hora, eu gostaria de ir sentar-me no *hall*; está silencioso agora e provavelmente está vazio” — disse a meu companheiro.

Levantamo-nos. meus primeiros passos eram incertos…. Poderia eu crer nas minhas próprias palavras sobre a vacinação?

❖❖❖

Está fixado o momento da minha partida para depois de amanhã, às primeiras horas. Esta noite devo despedir-me de Maharshi e solicitar sua permissão para partir. Esse costume é uma formalidade, mas o lado mais profundo disso é muito mais importante. Estas são as últimas horas na presença do Mestre. Amigo. Protetor… e elas não se repetirão. Que conforto encontrarei, que sol aquecerá os pequeninos germes nascidos na

presença do Grande Vidente?

Há tanto silêncio em meu quarto!

O vigia já se retirou, depois de ter cumprido o seu dever — trazendo água para beber. A moça servente também desapareceu para aproveitar suas horas de folga antes da refeição — foi transportar tijolos para a construção de uma casa próxima daqui.

Fecho a porta do meu quarto por dentro, sento-me em posição de meditação, e mergulho no silencio, no reino do Eu verdadeiro, com todos os pensamentos, inquietações e sentimentos. Que estranha impressão; o desaparecimento gradual do mundo exterior é suficiente para trazer felicidade. Mesmo que esta fase preliminar não fosse seguida de outra mais elevada, constituiria uma espécie de paraíso. Mas é apenas o recinto externo. Ainda assim, para alcançar esse recinto externo foram necessários trinta anos de busca.

Alguma interferência por parte da mente está começando: “muitas coisas há para serem feitas” — diz ela — “conversações, cartas para terminar, um telegrama para Madras, isto e mais aquilo…” Mas desta vez não há luta nem esforço para tranquilizá-la. Quem está interessado nessas coisas mesquinhas? Não haverá. Alguém, que tome conta destas coisas quando eu as desprezar? E os pensamentos desaparecem por si mesmo, quando deixo de me interessar por eles.

Estou agora flutuando no “espaço” infinito, singularmente silencioso e vazio, ainda que vibrando de vida intensa. Não estou enganado em minha tentativa de pôr, em palavras, o que palavras não podem conter, pois na verdade eu não sinto movimento algum; “tudo isso” está fluindo através de mim e eu sou apenas uma testemunha.

Na fase seguinte esquecerei totalmente a minha personalidade (ego), seu nome, sua forma, sua posição; perderei a consciência do “eu” separado. Quanto mais aumenta a luz que atravessa o “foco” modesto de minha consciência, tanto menos eu sinto os laços que me prendem ao mundo. Posso, contudo, interromper o voo e investigo — sem pensamento — o que é que ainda me prende a “*maya*” (a ilusão da matéria e da forma) e do que mais deverei desfazer-me.

Mas o silêncio envolvente impede as observações de qualquer investigação de caráter exterior e as modifica por um processo de união com o TODO.

Este “espaço” é singular, é como o lado interno de todos os espaços físicos possíveis. Assim, por estar pairando neste “espaço interno”, pode-se estar perto da estrela mais distante, como da célula de sangue nas mais pequeninas veias de nosso cérebro.

Para ter a vivência dessas experiências transcendentes, uma condição é necessária — a capacidade de controlar e sustar à vontade as funções da mente, isto é, todos os pensamentos. A luz penetrante que brilha aqui mostra-me que eu ainda não compreendi a verdadeira natureza do pensamento. Apenas sei, pelos ensinamentos do Mestre, *como devo tratar* o pensamento; e o lado prático desses ensinamentos é suficiente para o alcance desse controle.

Estava eu acabando de anotar estes fragmentos de pensamentos quando uma balida na porta fez-me voltar à minha consciência comum. Era a camareira trazendo as minhas toalhas lavadas.

Ela tenta explicar-me em tâmil que já é meio-dia e que devo levar o prato para trazer-me a refeição. E meio sorridente lançava olhares cobiçosos para a minha prateleira, onde lindas bananas a estavam tentando. Ela, certamente, seria feliz em fazer a sua refeição com essas deliciosas frutas.

XLIV.

Adeus

Acabo de chegar do templo, onde possuas passam diante do leito de Maharshi, como que em procissão. Não tomei parte nela, pois estou aguardando as 6 horas, quando cessam as visitas. Das 6 até às 7 e meia o Mestre está quase sempre só. Daí ser a melhor hora de despedir-me dele.

A noite estava excepcionalmente quente, nem sequer uma brisa, nem mesmo a acostumada viração do Leste soprava. A estrada está deserta, no portão do *ashram* não há ninguém, apenas alguns automóveis vazios encontram-se no amplo pátio. O crepúsculo invade o *hall* do templo. Paro um instante à porta. Maharshi está sentado em sua habitual posição, reclinado sobre os travesseiros e olhando para o espaço. Um dos jovens assistentes está sentado a um ângulo, quase invisível, na escuridão. Ninguém mais está ali.

Maharshi me vê e sorri levemente. Aproximo-me dele, mas todas as palavras de despedida e as últimas perguntas, previamente preparadas, desapareceram da minha mente; ela se torna vazia, nem mesmo um único pensamento. Saúdo-o e paro perto dele. Ele olha nos meus olhos e eu mergulho na luz dos seus. E então não há necessidade de palavras…. Sei que o Santo lê no meu coração, ele viu todas as palavras na minha mente, antes que eu as pusesse em ordem.

Um quê de vaga tristeza vibrava nas profundezas do meu ser. Vejo pela última vez aquele que é meu Mestre e meu Amigo, e como ele jamais encontrarei alguém, mesmo que procure em todos os mundos. Mas uma sutil, porém irresistível onda de força emana dele, dissipando a nuvem e penetrando todo o meu ser. Agora, minha consciência está pura e

transparente. Sinto que assim eu desejaria estar diante dele.

Sinto que de seu belo semblante me vem uma espécie de coragem para eu me expressar em palavras. “Bem, experimentarei, se for necessário”, disse a mim mesmo.

Comecei a dizer-lhe, lenta e claramente, que tinha de deixar o *ashram*; o pedia sua permissão. Após sua aquiescência, pedi sua benção para o presente e o futuro e… para sempre. Seus olhos parecem mais luminosos; o semblante expressando bondade sobre-humana parecia tomar-se mais sério. Deu-me sua bênção.

Sei que ele vê minha próxima súplica, ainda não expressa. Não ouço uma única palavra mas sinto que ele está me perguntando se eu compreendo o significado de meu pedido. E, sem mover meus lábios, dou-lhe a resposta. E tudo é tão natural tão simples, tão real que eu poderia antes duvidar da minha presença aqui do que da minha silenciosa conversação… Seguiu-se breve silêncio. Oh! Eu poderia permanecer assim perto dele para sempre, por toda a eternidade, sem nenhum outro desejo em meu coração. Passam-se minutos, embora pareçam apenas segundos…

O último pedido que eu desejaria expressar, de acordo com os ensinamentos do Mestre, é uma espécie de concessão ao mundo visível e, portanto, irreal: *é para que o discípulo receba um sinal visível e tangível da graça do Guru, sinal consagrado por tradições seculares*. Já me haviam dito que Maharshi jamais o concede, e em sua biografia eu li o mesmo, nas respostas dadas por ele a tais pedidos.

Quer dizer que ele era cuidadoso e exato, mesmo com as coisas externas. Mas aqui e agora, quando estou diante dele com o coração aberto, sentindo tudo o que se está passando, com alegria e certeza, como poderia ser recusado? Logo que começo a falar, um tanto acanhado, seu sorriso maravilhoso encoraja-me.

Inclino a cabeça e sinto o toque de sua mão em minha testa, o delicado toque de seus dedos deslizando na minha cabeça. Corrente sutil de poder e pureza percorre todo o meu corpo.

Como um relâmpago eu percebo que o poder desse momento me

sustentará em todos os anos vindouros e sua luz brilhará para sempre em minha vida.

Não falamos mais. Saúdo-o pela última vez, ele acena à moda indiana, que denota consentimento e aprovação, e eu me retiro lentamente rumo à porta, olhando com toda a intensidade para sua face, a fim de gravá-la para sempre nas profundezas de meu coração.

Repleto de jubilosa alegria, volto para minha cela, atravessando os caminhos escuros do jardim. Alguns amigos residentes no *ashram* acompanham-me até à porta em perfeito silêncio, pois os indianos sabem como portar-se em momentos solenes.

A voz interior diz: “A separação da Mestre não é mais possível”. E assim aconteceu.

XLV.

Samadhi

Terminado este diário de minha estada na Índia, com o título atual ***Dias de Grande Paz***, alguns amigos que leram o manuscrito perguntavam sobre *samadhi*: *Que é esse estado? Como se pode alcançá-lo? Com que se parece? Quanto tempo pode durar? O que pode ser considerado como seu preliminar? O que acontece à nossa consciência física-mental quando atingimos esse estado?* — E assim por diante.

Pediram-me também que explicasse qual é o caminho quo pode guiar-nos ao *samadhi*, ou simplesmente o que devemos fazer para experimentar esse estado.

Eu apenas posso responder que o caminho mais seguro é estudar os ensinamentos daqueles em quem o *samadhi* é o estado normal de consciência. Há tais Santos em todas as religiões, e há tais Grandes Ríshis na Índia. Somente aqueles que conhecem esse estado em toda a sua plenitude podem falar dele com autoridade e sem colorido pessoal.

Há dois estados de *samadhi*: — um deles é o do ***samadhi* temporário** — quer dizer um êxtase espiritual que aparece espontaneamente, esporadicamente, ou então como resultado de esforço deliberado, porém dura apenas algum tempo. Depois, retorna-se ao estado de consciência "normal" que conserva somente alguns traços do êxtase experimentado — reflexos dele por assim dizer, tal como os raios do sol se refletem num jarro de água. Esta espécie de *samadhi* é experimentada em muitas de suas várias formas pelos Santos, Iogues e discípulos de diferentes escolas espirituais.

Tudo o que posso dizer sobre *samadhi* refere-se à sua forma

temporária. Mas isto pode conduzir ao *samadhi* permanente e absoluto, que somente é alcançado por homens que se tornaram perfeitos e que aparecem como meteoros no firmamento espiritual da humanidade. E se nada sabemos sobre esse estado supremo — chamado “estado natural’ ou “*sahaja samadhi*” por *Sri* Ramana Maharshi — somos totalmente incapazes de discuti-lo. Seria tão inútil como tentar solver uma equação com demasiadas incógnitas. Uma das características desse “estado natural” é sua continuidade, sua permanência. Maharshi alcançou esse estado na segunda metade de sua vida.

Ao ler sua biografia “*Self-Realization*” por Narasimha Swami e outras obras similares, notamos que antes de 1930, ao referir-se a si mesmo, muitas vezes dizia: “Então eu não estava em *samadhi*”; mas após esse ano ele se refere ao *samadhi* como sendo um “estado natural”, normal e permanente, sem dar lugar à consciência física-mental.

Quando esse estado é alcançado, não há diferença entre falar ou silenciar, entre movimentar-se ou dormir ou executar ações visíveis, pois que a consciência jamais desce ao nível por nós chamado “normal”.

De propósito deixo de usar a terminologia da ioga indiana, pois que tornaria mais difícil a compreensão do assunto àqueles que não a conhecem, e os indianos a compreenderão mesmo sem o uso dos termos clássicos.

O estado do *samadhi* temporário — o único do qual podemos falar — obriga, enquanto dura, a certas limitações de funções físicas. Alguns se mantêm sentados em completa imobilidade e o corpo físico permanece em uma espécie de torpor. A respiração, às vezes, quase para ou segue espontaneamente um ritmo especial.

Não me refiro aqui aos que praticam a meditação com a finalidade de alcançar *samadhi* e adrede adotam *certos exercícios de respiração* como auxílio para atingir seu propósito. Estas práticas não são recomendadas pelos Grandes Videntes. Outros mergulham em profunda meditação, ou êxtase, e perdem, nessas ocasiões, toda a consciência física, ou veem todo o mundo exterior como que através de uma neblina ou como num sonho.

Muitos procuram deliberadamente os mesmos ambientes onde tiveram experiência de tal êxtase, na esperança de alcançar outra vez o

mesmo estado. Outros oram e pedem assistência a seu Mestre. Mas é a experiência em si o que importa, e não as circunstâncias e os ambientes nos quais ela se dá.

Alguém pergunta: *Como sabemos que alcançamos, realmente, o estado de samadhi ou êxtase espiritual*?

Normalmente, conhecemos por experiência própria — comum a todos os seres humanos — somente dois estados de consciência: o estado de vigília e o estado de sono ou sonho. Analisemo-los rapidamente para depois poder compreender melhor o *terceiro estado*.

É fato inegável que no estado de sono nossas experiências são de certo modo semelhantes e ao mesmo tempo muito diferentes das do estado de vigília. O sono também difere conforme as pessoas. Em algumas, ele é vago, incerto, nebuloso. Outras, dizem que tem nele experiências claras, definidas e "reais". Provavelmente, isso depende do sistema nervoso e do cérebro e do desenvolvimento geral do indivíduo. Mas, quando acordamos, consideramos geralmente nossos sonhos noturnos como irreais, e em nosso estado de vigília somos inclinados a não lhes dar nenhuma significação peculiar. Se os sonhos são desagradáveis, dizemos: "Afinal já passou; felizmente foi apenas um sonho". Isto significa que o estado imediatamente superior exclui e faz do estado inferior coisa sem importância a nossos olhos.

Se compreendermos bem este fato, ao lermos estas linhas, nos será fácil adquirir uma compreensão mental do estado do *samadhi*.

Sua relação com *o estado de vigília é exatamente a mesma que há entre o estado de vigília e o do sono*.

Se compreendermos isto, muitos capítulos deste livro se tornarão mais claros e entenderemos mais facilmente os ensinamentos de Maharshi.

Em seu estado de vigília, você meditaria sobre o que viu em sonho? Por exemplo, se você foi "morto" em sonho, teria isto alguma influência na sua vida diária? Ou se você sonhou que tomou uma refeição, poderia isto satisfazer sua fome no seu estado de vigília? Pode imaginar tal coisa? Simplesmente consideramos irreais os sonhos, quando estamos em nosso

estado “normal” de vigília. E temos razão. Demos mais um passo.

Similarmente, do estado seguinte mais elevado, chamado *samadhi*, o nosso estado de vigília terreno é visto como um sonho. E este é o critério que devemos adotar quando perguntamos: “*Como podemos saber que alcançamos esse estado transcendental*”?

Parece que o *samadhi* tem três fases:

A primeira, quando sentimos sua aproximação. Neste estado ainda podemos falar e mover-nos como de costume. Podemos comparar esse estado com o lusco-fusco, antes do nascer do sol.

A segunda, pode ser comparada com o meio-dia. quando o sol está a pino. Então as funções mentais e físicas declinam, tornam-se como um sonho, e a *Realidade* única, independente de todas as formas e condições, desponta sobre nós e ilumina nosso ser. *E sabemos* então, *quem somos* e já não nos identificamos mais com as nossas personalidades; estamos acima e além delas. Respiramos liberdade, felicidade e sabedoria.

A terceira, que vem imediatamente depois de “voltarmos” do *samadhi,* é como o crepúsculo que precede o pôr do sol. Sentimos ainda em nós seus últimos raios, ainda nos lembramos claramente da luz, mas sua realidade viva se desvanece gradualmente, quando retornamos ao nosso estado “normal” de consciência, o estado de “vigília”.

Contudo a lembrança do *samadhi* não desaparece completamente. Não podemos por enquanto ficar nesse estado permanentemente, devido ao nosso desenvolvimento espiritual imperfeito, mas daí por diante *sabemos* irrefutavelmente que esse estado existe, e que ele é, na verdade, a única realidade.

Depois da experiência do *samadhi*, ainda que uma vez só, somos seres diferentes.

É interessante notar que esse estado tem sua própria frequência vibratória, extremamente sutil e poderosa, influencia o nosso ambiente; podemos facilmente observar o seu efeito sobre as pessoas quando experimentamos em nós mesmos esse estado, embora imperfeitamente.

Quando estamos bem no limiar do alvorecer do *samadhi* e então falamos a outras pessoas; ou no momento preciso quando emergimos do ocaso do *samadhi,* podemos verificar que as pessoas — talvez inconscientemente —, se portam de modo diferente e se dirigem a nós em outro tom que não o usual, ainda que exteriormente elas não possam ver nada a não ser nossas pessoas comuns, "normais…"

Mas, cada um tem o seu próprio *samadhi* bem no fundo do seu coração, em estado latente, que um dia se revelará. Assim, esse germe "dormente" do espírito responde às vibrações do espírito acordado.

Podemos compreender agora o auxílio formidável que é para todos, a presença de um Mestre que alcançou a plenitude do *samadhi* e em quem esse estado é normal e contínuo. Esse "magnetismo" espiritual é o mais poderoso elemento que desperta o discípulo da dormência material para a luz do Real. Se você compreender este ponto poderá compreender melhor as experiências daqueles que estiveram na presença de Maharshi.

Não conheço exatamente a lei pela qual também as palavras do Mestre, lidas ou meditadas, são de grande auxílio para o despertar de nosso espírito. Os lugares onde ele morou, a conversação com aqueles que o conheceram ou foram seus discípulos, também nos auxiliam a ampliar nossa consciência e a alargar nossos horizontes. Declaro isso como um fato, se bem que não possa explicar suas bases, nem os meios pelos quais esse trabalho se executa.

Algumas pessoas experimentaram o *samadhi* sob a influência do uma profunda emoção ou êxtase. *Sri* Ramakrishna, o conhecido santo indiano, muitas vezes caía em transe sob a influência de um impulso exterior. Certa vez, no jardim zoológico de Calcutá, ele entrou em *samadhi* ao avistar um leão e depois explicou que viu no rei dos animais o reflexo do poder do Altíssimo, e um instante desta contemplação foi o bastante para transportá-lo da consciência normal para o estado mais alto do *samadhi*.

A contemplação de grandiosas montanhas ou da vastidão do mar, ou outras formas da beleza e do poder da Natureza, também nos auxilia consideravelmente a deixar o nosso "sono físico" pelo estado mais elevado. Quem leu a biografia de São Francisco de Assis e de outros santos de

temperamento devocional e contemplativo, não pode ter deixado de notar o mesmo fenômeno que se deu na vida de *Sri* Ramakrishna.

Mas, necessitamos de exemplos e. de muitas biografias? Não estamos certos de que alguns pensamentos elevados e sublimes voos interiores podem ser despertados em nossos corações quando sentamos tranquilos numa praia, fitando o esplendor do pôr do sol, ou quando contemplamos o imenso panorama de uma montanha elevada? Podemos elevar à mais alta potência esse sentimento em nossa imaginação, acrescentando a ele tranquilidade da mente e pureza do coração e… *podemos não estar longe da compreensão de nossa meta*.

Pela música, pelo canto, pelos *mantras*, encantamentos, pode-se obter, também, o mesmo resultado e é por isso que estas coisas foram introduzidas em todas as religiões do mundo.

O *samadhi* é o *estado de felicidade absoluta*. Podemos dizer que há leves traços de *samadhi* em toda a felicidade pura e intensa que experimentamos, mesmo em nossa vida diária, e se bem que sejam pequenas "gotas do néctar", sua essência é a mesma do êxtase de *samadhi*. Sempre que sob qualquer impulso podemos escapar de nossa estreita personalidade e esquecer o "sonho de nosso estado de vigília", o germe do *samadhi* estará presente.

Mas ninguém pode alcançar esse elevado estado pela "curiosidade" ou pela chamada "paixão pelo conhecimento". Nenhum esforço poderá auxiliar se esse for o motivo de sua busca. A tentativa será vã! O *samadhi* não pode ser aprisionado nos estreitos limites da mente, pois a sua característica é precisamente a transcendência de todos os níveis mentais. Não nos enganemos a nós mesmos dizendo que quiséramos estudar esse estado ‘‘cientificamente", pois isto seria o mesmo que tentar apanhar água com uma peneira.

O único fator decisivo é aquilo *que nos move* a alcançá-lo; é o porquê do nosso esforço. Somente a intuição poderá guiar-nos. Somente quando estamos maduros para desejar de todo o coração trocar tudo o que é transitório em nós pelo que é permanente e eterno, *quando o eterno se torna mais importante* para nós do que tudo o que parece "realidade" *no mundo*

visível, só então seremos capazes e prontos para o grande esforço e somente então *nos será dada a necessária assistência*.

Alguns adeptos da ciência espiritual dizem que o *samadhi* é mais forte do que a morte, e que não podemos morrer nesse estado, pois toda a vida física está, então, numa espécie de suspensão. De acordo com esses adeptos, essa é a base da crença de que alguns Iogues, que praticam certas formas de *samadhi*, podem viver centenas e até milhares de anos. Por outro lado, são conhecidos casos de Iogues que deixaram este mundo, por não terem retomado à sua consciência normal do estado de *samadhi*.

❖❖❖

Podemos encontrar muita luz concernente a estados superiores de consciência nos seguintes livros:

"*Variedades de Experiências Religiosas*", obra clássica do Prof. W. Tames; "*Pesquisas na Índia Secreta*" e outras obras de Paul Brunton, bem como o livro Incomparável "*Maha Yoga*" por Who, publicado pelo Ramanashram em Tiruvannamalai{40}. Esta última é a obra de um dos mais avançados discípulos de Maharshi e contém os seus ensinamentos por extenão.

O caminho está sempre aberto. Depende unicamente de nós querermos segui-lo, ou não. Lembremo-nos sempre de que aqueles que o estão trilhando nos receberão com alegria. Há quem diga que a morte do Mestre toma o caminho impossível aos noviços. Nada mais longe da verdade. Não discutimos esse ponto aqui. Aconselhamos apenas a leitura da valiosa obra "*Ramana Maharshi e o Caminho do Autoconhecimento*" por Arthur Osborne, o qual esteve alguns anos na imediata presença de Maharshi.

XLVI.

Temas para Meditação

A fim de assumir atitude conveniente em face de verdades espirituais é inevitável a meditação. O imortal tratado *Viveka Chudamani* (A Joia Suprema da Sabedoria), por *Shri* Shankaracharya, é uma fonte preciosa. É uma prova incomparável das alturas a que o espírito humano pode elevar-se, e é útil como assunto de meditação.

Da meditação sobre esses versículos — não de sua leitura apenas —, surge uma atitude apropriada da mente. Essa atitude equivale a uma purificação, sensibilizando o órgão de percepção do espírito, ainda imperfeito em nós.

As concepções contidas nos ensinamentos de *Shri* Shankaracharya não são contrárias à lógica mental, mas sim à sua extensão máxima na verdade absoluta em nós.

Os versos que aqui reproduzimos são tirados de tradução feita por Mohini M. Chaterji. A todos os que não estão ainda habituados às concepções multimilenares da *Vedanta*, esses poucos excertos podem servir como uma preparação necessária.

Pelo menos, auxiliam a conduzir os leitores à compreensão de como pode proceder o ser humano que busca a iluminação, aqui e agora.

1..... Prostro-me diante do verdadeiro Mestre — diante daquele que é revelado pelas conclusões de todos os sistemas da filosofia *Vedanta*, embora desconhecido em si mesmo, *Govinda*, a suprema beatitude.

4..... Aquele que, depois de adquirir com dificuldade a encarnação humana, adquiriu, nesse estado hominal, conhecimento das escrituras e não tratou seriamente da sua emancipação pela desilusão, é um suicida, destruindo-se a si mesmo pelo fato de demandar objetos ilusórios.

6..... Por mais que alguém estude as escrituras, agrade aos deuses (por meio de sacrifícios), realize cerimônias religiosas ou tenha devoção aos deuses, nem por isso alcançará a salvação através da sucessão de centenas de *Brahma-Yugas*[{41}], se não tiver realizado a sua união com o espirito:

8..... Portanto, o sábio que busca a salvação, após renunciar a todo o desejo de gozos exteriores, aspira somente a entregar-se a um verdadeiro e grande Mestre e aceita seus ensinamentos com alma inabalável.

9.....E pela prática do reto discernimento, obtido no caminho da ioga, ele resgata sua alma — essa alma que estava afogada no mar da existência condicional.

11..... As ações servem para purificar o coração, mas não obter a suprema Realidade. Esta Realidade somente poderá ser alcançada pelo discernimento correto e jamais por atos externos, sejam eles quais forem.

32..... Entre os meios que conduzem à emancipação, o mais alto é o devotamento. Denomina-se devotamento a meditação sobre o Eu real.

33..... Devotamento é, segundo alguns, a meditação sobre a natureza do nosso *Atman*. Quem possui todas estas qualificações é apto para conhecer a verdadeira natureza do Eu.

39..... Os grandes Seres, cheios de paz, vivem regenerando o mundo, como a primavera, e depois de terem eles mesmos cruzado o oceano da existência relativa, ajudam, a fazer o mesmo, os que não têm nenhum interesse pessoal.

40..... Esse desejo de ajudar-lhes é espontâneo, uma vez que a tendência natural das grandes almas consiste em abolir o sofrimento dos outros, assim como os raios da lua refrescam a terra crestada pelos ardentes raios do sol.

46..... Ha um meio eficiente para destruir nascimento e renascimento pelo que, atravessando o oceano da vida mutável o homem consegue a beatitude suprema.

53..... Os filhos e outros podem liquidar as dívidas de seus pais, mas somente nós mesmos podemos romper as nossas próprias cadeias.

54..... Podemos aliviar o fardo dos ombros de outrem, porém o sofrimento que surge da fome não pode ser aliviado, a não ser pelo próprio homem.

61..... Se a suprema verdade permanece desconhecida, o estudo das Escrituras é inútil e, quando a suprema verdade é conhecida, o estudo das Escrituras é supérfluo. Sim, é inútil o estudo da letra somente: o espirito deve ser procurado por meio da intuição.

62.....A mente se perde num labirinto de palavras, como o homem se perde numa densa floresta. Eis por que devemos fazer grande esforço para aprender a verdade sobre nós mesmos, em companhia de alguém que conheça a verdade.

63..... De que servem os Vedas para o homem mordido pela serpente da ignorância? De que servem as Escrituras, os encantamentos ou qualquer medicamento, se nos faltar a medicina da suprema sabedoria?

64..... As doenças nunca são curadas pelo fato de pronunciarmos o nome do remédio sem tomá-lo; a libertação não é alcançada pelo fato de pronunciarmos a palavra *Brahaman*, se não tivermos experiência direta dele.

66..... Aquele que não derrota seus inimigos e não se apodera das riquezas de um vasto país, não pode ser rei simplesmente pela

declaração “eu sou rei”.

86..... Quem vive somente para alimentar seu próprio corpo, assemelha-se a um homem que cruza um rio, sentado nas costas de um crocodilo, pensando estar sobre o tronco do uma árvore.

87..... Aquele que busca a libertação sabe que os desejos do corpo conduzem à grande morte. Só aquele que está liberto de tais desejos pode alcançar a libertação.

92..... Saiba que o corpo grosseiro, no qual surgem todas manifestações externas do Ser (*purusha*), não é senão a casa na qual habita o dono.

128..... Aquele que, no estado de vigília, de sonho e do sono sem sonhos, conhece a mente e suas funções — a bondade e sua ausência —, esse é o Eu.

134..... Esta consciência espiritual imanifestada aparece no coração puro como uma alvorada e resplandece como o sol meridiano na “caverna da sabedoria” — iluminando todo o Universo.

161..... Cheio de miséria, coberto de carne, cheio de impurezas, cheio de pecados — como pode este ser o conhecedor? O Eu é diferente dele.

162.....O homem iludido considera o Eu como a massa de pele, de carne, de gordura, de ossos e de impurezas. O homem iluminado conhece a forma essencial do Eu que é a verdade suprema, destituída destes característicos.

167.....A falsa convicção de que o Eu seja simplesmente o corpo é a semente que produz sofrimento em forma de nascimento e o resto; deve o homem libertar-se desta ideia, e então a atração pela existência material deixa de existir.

176..... Depois de produzir o apego ao corpo e a todos os outros objetos, a mente individual prende-nos, como o animal é preso por uma corda; depois de ter produzido em nós a aversão destas coisas

como ao veneno, a mente se liberta desta prisão.

177.....A mente é a causa da escravidão do indivíduo, bem como da sua libertação. Quando a mente é contaminada pela paixão, está presa, mas, quando está pura e liberta de paixões e da ignorância, ela é libertadora.

178.....O grande tigre chamado mente (*manas*) erra através da floresta. O homem puro, desejoso de libertação, não se arrisca a entrar nessa floresta.

220.....O insensato vê a imagem do sol refletida na água e crê que é o próprio sol. Assim o ignorante que vê o reflexo do Logos em cada veículo de matéria, toma-o pelo Ser real.

222..... Como o homem sábio olha para o sol e não para a água ou seu reflexo, assim o sábio olha para o *Atman* iluminado pelo Eu, através do qual o mundo e manifestado.

223..... Deste modo o indivíduo, abandonando o corpo, o intelecto e o reflexo da consciência, torna-se livre de pecado, de paixão e de morte, pelo conhecimento do *Atman*, iluminado pelo Eu, que é o vidente, o eterno conhecedor, diferente tanto da realidade como tia irrealidade — sempiterno, onipresente, sutilíssimo, sem ser interno nem externo, o uno e único, residindo no centro da sabedoria.

230..... Devido à nossa ignorância, o Universo aparece multiforme, mas, em verdade, tudo é *Brahmam*, que permanece quando todos os estados imperfeitos da mente são removidos.

235.....O Senhor, o conhecedor de todos os objetos em sua realidade, declara: “Eu não estou separado deles, nem eles separados de mim”.

237..... Se este universo fosse uma realidade, seria visto no sono sem sonhos. Por não ser visto nesse estado, o universo e tão irreal como o sonho.

241..... Quando todas as diversidades criadas por *Maya* são

rejeitadas, permanece Algo, um Algo auto-iluminado, que é eterno, imutável, sem mancha, imenso, sem forma, imanifestado, sem nome, indestrutível.

242.....O sábio conhece esse Algo como sendo a suprema Verdade, que é consciência absoluta, na qual se unem o conhecedor, o conhecido e o conhecimento, infinito e imutável.

271..... Se recusastes condescender com o mundo e o corpo, recusai também a falsa concepção de que o *Atman* seja o não-*Atman*.

276..... Assim como pela mistura com água e pela fricção o sândalo emite um odor maravilhoso, removendo cheiros desagradáveis, assim o desejo das coisas divinas se manifesta quando somos purificados de desejos externos.

277.....O anseio de atingir o *Atman* é frustrado pela rede de desejos não espirituais. Mas pelo constante devotamento ao *Atman*, eles são destruídos e a aspiração divina se torna manifesta.

287..... Enquanto a ideia “eu sou o corpo*’ não for definitivamente abandonada, deveis exercer forte controle sobre vós mesmos, e com grande esforço rejeitar a falsa concepção de que o não-espírito seja o espírito.

300..... Abandonai a ideia de que o Eu seja relacionado com família, clã, nome, forma, posição social e tudo que dependo do corpo; tomai-vos a própria existência, que é felicidade absoluta.

318..... As *Vásanas* alimentadas pelo pensamento e pela ação externa produzem a vida mutável do ego. Em todas as circunstâncias, a destruição desses obstáculos deveria ser nosso único alvo.

319..... Em todos os lugares, em todos os métodos, considera tudo como sendo *Brahman*, fortalecendo em ti a percepção da única Realidade, e então, esses obstáculos desaparecerão.

320.....A extinção do apego à ação produz a extinção da ansiedade mental, e daí a destruição das *Vásanas*. A extinção final das

Vásanas é a própria libertação, chamada também *jivan-Mukti*.

329..... Se a mente é atraída pelos objetos dos sentidos e ocupa-se com suas qualidades, então é ela atraída para eles. Disto nasce o desejo, e o desejo produz a ação humana.

330..... Isto produz a separação do Eu real e quem é assim separado retrocede. Aquele que cai e nunca se levanta o destruído e desaparece.

331..... Quem possui discernimento, e conhece *Brahman* em *samadhi*, para esse não há outra morte que a ignorância. Quem mergulha no Eu real alcança o alvo supremo.

332..... Aquele que durante sua vida neste mundo realiza a união com o supremo, também o faz quando deixa o corpo. Aquele que tem consciência de separatividade, por menor que seja, é vítima de temor — assim diz *Yajur-Veda*.

370.....A primeira porta para a Ioga é o controle da palavra, depois vem a recusa de aceitar qualquer coisa dos outros, renúncia da ambição pessoal, ausência de desejo, e O ininterrupto devotamento à Realidade única.

378.....O *samadhi* pertence àquele que está liberto de paixões. Tal pessoa obtém em *samadhi* uma percepção espiritual que com nada se pode confundir. Aquele que percebe a Realidade essencial é liberto e ao *Atman* liberto pertence a realização da beatitude eterna.

387..... Considera o indestrutível e todo-penetrante *Atman* como liberto das qualidades —, tais como corpo, vitalidade, inteligência, egoísmo, etc., pois tudo isso é produto da ignorância —, como o Grande Espaço (*Maha akasha*).

391.....O *Atman* é *Brahma*, o *Atman* é Shiva, o *Atman* é *Vishnu*, o *Atman* é *Indra*[{42}], o *Atman* é todo este Universo. Fora do *Atman* nada existe.

392.....O *Atman* está no interior e está no exterior, está em frente

e atrás; está no sul e no norte, em cima e embaixo.

400..... Quando todos os atributos do mundo fenomenal que estão ligados ao ego são removidos, aparece o verdadeiro Eu, que é supremo, não dual, o *Brahman* imóvel.

448..... Pelo conhecimento de que o Eu (o *Logos*) é *Brahman*, o carma adquirido em milhares de milhões de *kalpas* (períodos de manifestação do Universo)[{43}] é extinto, assim como o sono cessa ao acordarmos.

450..... Uma vez que o homem realizou o seu verdadeiro Eu, sem apego algum e indiferente às coisas do mundo, nunca mais ele se apega a nada que possa criar carma no futuro.

458..... Similarmente, aquele que habita no *Atman* e, portanto, em *ParaBrahman*[{44}], não enxerga nenhuma outra coisa. Comer, dormir, etc., não são para o homem sábio senão lembrança de objetos vistos em sonho.

482..... Pela realização do *Atman* em *Brahman*, todo o meu inteligir e toda a minha atividade mental se apagaram totalmente; não conheço mais isto nem aquilo, nem o que seja esta beatitude, em sua extensão, nem seu limite.

483.....A grandeza de *ParaBrahman*, assim como um oceano completamente repleto do néctar da beatitude realizada, não pode ser descrita por palavras, nem concebida pela mente, mas pode ser saboreada. Assim como um granizo caindo no mar se dissolve nele, do mesmo modo a minha mente mergulha, mesmo na parte mínima de *ParaBrahman*. Agora eu sou feliz na beatitude espiritual.

484..... Para onde foi este mundo? Quem o arrebatou? Quando desapareceu? Coisa estranha! O que era percebido não existe mais.

486..... Aqui (neste estado) nada sei de ver, de ouvir, de conhecer coisa alguma. Eu sou diferente de qualquer coisa — o *Atman* é verdadeira beatitude.

487..... Eu me curvo diante de ti, ó Guru, que és bom, grande, livre de apego, a encarnação da beatitude eterna, indivisa, senhor da Terra, ilimitado oceano de compaixão.

489..... Por tua graça ou sou feliz e alcancei meu alvo; fui liberto do monstro da existência mutável, alcancei o estado de beatitude eterna, sou perfeito.

493..... Sou livre de apego, sem membros, sou calmo e sem limite. Sou sem mancha, nem idade.

498.....Não sou nem isto nem aquilo, mas ilumino ambos, sou puro e supremo. Não estou dentro nem fora, mas permeio tudo, sou o *Brahman* indiviso.

501.....Não tnho contato maior com o corpo do que o céu tem com a nuvem. Por isso como posso estar sujeito a estados corpóreos, como vigília, sonho ou sono sem sonho?

513..... Eu sou aquele *Brahman* que se assemelha ao espaço sutil indiviso, sem princípio nem fim, no qual todo o Universo, desde o imanifestado até a matéria grosseira, é conhecido como mero fantasma.

517..... Eu sou todo-penetrante; eu sou tudo e eu sou transcendente a tudo; eu sou conhecimento indiviso indestrutível, a eterna beatitude.

518.....Ó Guru, esta supremacia sobre terra e céu é atingida por mim, graças à tua compaixão e imenso favor. Diante de ti, ó Grande-alma (*Mahatma*), eu me curvo, sempre e sempre.

519.....Ó Guru, tu que, em tua grande compaixão, me despertaste do profundo sono da ignorância, tu me salvaste quando eu andava vagando por aí na floresta sonambulesca do nascimento, da velhice e da morte, criada por *Maya*, diariamente atormentado por multiformes aflições e aterrorizado pelo tigre do egoísmo.

520.....Ó Guru, eu me curvo diante de ti, tu que és a única

verdade, tu que possuis o esplendor da sabedoria, tu que brilhas na forma do Universo.

AUM! Que a paz esteja contigo, leitor.

XLVII.

Colombo

O expresso Danushkodi leva-me para o sul. Meus companheiros de cabine são três cientistas indianos, membros de uma delegação científica de Nova Delhi. Dois deles vão a Londres e o outro vai para a Suíça. Este último é médico erudito, autor de diversas obras em inglês. Pede informações sobre o clima da Europa e pergunta se o frio é muito rigoroso.

Informo-lhe que em novembro — ele chegará a Gênova nesse mês — não lhe será muito agradável e penso comigo mesmo "como me seria feliz sentir a temperatura fresca do outono do velho continente em lugar deste calor insuportável da nossa cabine"! Dois ventiladores trabalham dia e noite, mas isso não e suficiente. As paredes escaldantes do carro emanam calor por todos os lados. Felizmente meu traje é o mais leve possível — *short* e uma camisa leve.

Olho pela janela a triste paisagem, os desertos arenosos desta parte do Sul da península indiana. As pessoas parecem meio famintas. Felizmente, nas estações não há muitos mendigos a aproximar-se das portas, pois eles provavelmente veem fisionomias indianas e não esperam receber esmolas. Eu fiquei colocado a um canto atrás do ventilador e não sou visto do lado de fora.

Passamos afinal à lancha que nos conduz à outra praia: para Ceilão. Mais uma noite de trem e chegamos a Colombo. O médico despede-se de mim e dá-me um livro com uma bela dedicatória. No final do livro vi todas as obras escritas por ele.

Meus companheiros têm de esperar três dias para tomar seu navio. Eu

tenho apenas dois dias para conhecer Colombo. Após nosso desembarque, dou uma volta pela cidade e às 4 horas encontro o Sr. H. a quem trago uma carta de apresentação de Madras.

Ele é um homem culto o simpático, de meia-idade e ardente admirador de Maharshi. Após poucas palavras nos tornamos amigos, convidou-me para ir à sua casa, há cerca de meia hora de viagem de ônibus, da cidade. Ali, após o banho vesti-me a moda indiana, mais confortável neste clima e fui reunir-me ao meu hospedeiro na espaçosa varanda, onde alguns de seus amigos — todos de meia-idade, trajando linho branco —, estavam reunidos, bem como seu filho, estudante da Universidade de Colombo.

Nossa conversa tomou a direção de nossas experiências no *ashram*, pois todos os que ali se achavam haviam estado lá diversas vezes e falavam naturalmente sobre Maharshi.

Fico maravilhado com o grau de devoção e veneração a Maharshi que percebo em suas palavras. Pode o ocidental invejar esse profundo senso de reverência que leva os indianos a reconhecer instintivamente grandeza e santidade espirituais onde quer que as encontrem. Quão longe estamos nós dessa atitude! O ocidental reconhece facilmente o poder material e a fama, diplomas e certificados de erudição, e os atributos de empresas arrojadas, mas um fenômeno raro como Maharshi, esse lhes passaria quase desapercebido.

O ocidental busca soluções imediatas e decisivas para os candentes problemas de caráter social e nacional, mas, estranhamente, não enxerga ou mesmo evita os que encontraram uma resposta. E o pior ainda é que essa pressa febril e o materialismo do Ocidente têm sido transmitidos a alguns orientais, aumentando, assim, os sofrimentos e perigos em torno deles.

Nossa conversação corre suave e harmoniosamente. Ninguém pretende convencer o outro, nem impor arbitrariamente as suas próprias opiniões. Falamos simplesmente das nossas convicções e experiências, sabendo que cada um vê apenas uma parte da verdade, e ninguém pode possuí-la em toda a sua plenitude. Tentamos encontrar pontos e princípios comuns e não nos detemos em possíveis diferenças.

Acho que a base de nossa compreensão é a crença comum de que o Ser que criou este Universo — para um fim que só ele conhece — sabe também o melhor modo de o governar. Quando temos essa crença firme, desaparecem todas as ambições e desejos de modificar o mundo de acordo com nossas ideias.

Vemos que essas ambições humanas, tanto do passado como da história atual da Humanidade, não deram resultado satisfatório. Todos concordamos em que as palavras daqueles que viram causas, unindo suas consciências com a consciência do Altíssimo, pesam e valem mais do que aquelas pessoas que se agitam nas sombras dos resultados lançados pelas causas, que elas nem enxergam, nem conhecem.

Estamos ligados pela nossa comum reverência e amor a Maharshi. Todos nós vemos nele o Mestre que nos capacita a vislumbrar a verdade de acordo com a idoneidade espiritual de cada um.

Falamos nele e cada um relata suas próprias experiências. Paramos de tempos a tempos para sentir mais intensamente a sutil corrente espiritual, quando Maharshi aparece diante de nossos olhos internos. Compreendemo-nos tão bem nesses momentos como se tivéssemos sido amigos sempre. Ninguém rompe o silêncio, ninguém se cansa dele.

Oh! Jamais poderei gabar-me do nosso modo de conversação ocidental.

Nosso hospedeiro deixa-nos por um instante e sentimos o sutil aroma de incenso. Quando retoma, convida-nos. em silêncio, com um gesto sério e bondoso, a ir ao seu santuário individual. Ao pé da parede ergue-se num pequeno altar com figuras de santos indianos e deidades simbólicas ao lado. Alguns *mantras* gravados em letras douradas, pendurados nas paredes, completavam o seu singelo santuário. Havia luz e incenso diante do altar, nenhum móvel, só alguns pequenos tapetes.

Sentamo-nos em linha com as pernas cruzadas. Eu fiquei no meio com o meu hospedeiro, que tinha à direita sua esposa e seu filho. Este, a pedido de seu pai, recitou alguns versos dos Vedas. A fumaça do incenso se eleva em espiral no ar silencioso e eu penso: “*Que nossa meditação, que pode também ser chamada prece, se eleve como essa fumaça àquelas*

regiões onde as tristezas e as trevas são desconhecidas”.

Mergulhamos no silêncio. Não duvido que os meus companheiros sintam o mesmo. O que caracteriza maravilhosamente a atmosfera psíquica de alguns países orientais, é o fato de que pensamentos e, sobretudo, sentimentos interiores sejam mais facilmente comunicados aqui do que em outras partes do nosso globo. Vejo que meus vizinhos fecham os olhos para a meditação.

Faço o mesmo, embora eu tenha notado ultimamente que, quando a concentração é perfeita e a atenção se volta completamente para o interior, mesmo com os olhos abertos não vemos nada. Passado algum tempo, uma espécie de solicitação do exterior me informa que é tempo de terminar a meditação. Abro os olhos e vejo os outros fazerem o mesmo.

“Está na hora do jantar”, diz nosso gentil hospedeiro. A mesa está posta à moda europeia para quatro pessoas, mas somente o filho do Sr. R. nos faz companhia, pois sua esposa, de acordo com o costume hindu, está servindo-nos.

Após o jantar, meu hospedeiro, mostrando-me o quarto, adverte-me que coloque a cama de forma que fique a cabeceira para a varanda, para eu receber a brisa fresca durante a noite quente.



No dia seguinte, de tarde, acompanhado pelo filho do Sr. R., depois de me despedir do meu bondoso hospedeiro, dirigi-me ao cais e deixei o solo de Ceilão. O navio saía lentamente do porto e eu subi ao convés para olhar mais uma vez Colombo com suas inumeráveis luzes.

Um grande navio conduzindo emigrantes ingleses cruzou o nosso e pude ver que diversos pares dançavam no tombadilho e ouvi a música barulhenta do jazz.

E longo traço fosforescente via-se na água atrás do nosso navio.

XLVIII.

Em Alto Mar

O tempo estava maravilhoso durante toda a nossa viagem. Raros os dias em que o vento mais forte fazia o navio jogar. Céu azul e o sol a brilhar tivemos todo o tempo. Em poucos dias atravessamos o equador, e daí a posição do sol começou a mudar. Ao meio-dia tomávamos a direção do Norte e então nos parecia que o ponto exato do meio do céu estava sobre nossas cabeças verticalmente. Quanto mais navegávamos, mais se modificava nossa concepção de “sul” para o norte geográfico.

Há só uma classe no navio, e assim todos os cantos e recantos eram acessíveis a todos os passageiros. Espaçosas e confortáveis salas para ler e escrever convidam-me a escrever mais algumas páginas no meu diário, embora minha estada na Índia tenha terminado há uma semana. Quando virá a próxima viagem?

Os dias monótonos desta minha viagem de retorno estão repletos de meditação. Vejo o mesmo mundo, as mesmas criaturas a meu redor, com suas preocupações e com suas esperanças, com suas qualidades boas e más. E, no entanto… não, isto não é verdade, o mundo mudou completamente quando o comparo com o dos meus anos anteriores.

Em vez daquela entidade estranha e tão pouco amiga veio agora um aspecto do Todo, mas como se fosse um filme vago e nebuloso que se desenrola diante de meus olhos, acionado por força invisível, porém real. Nesse filme minha própria pessoa desempenha o mesmo papel de milhões de outros “seres humanos”.

^Noutros tempos estava eu identificado com o meu ego e não podia

compreendê-lo de outro modo, a não ser como sujeito, mas agora aprendi que há outros estados de consciência, nos quais estamos libertos desta existência material, limitada e condicionada.

Aprendi que há algo como a *verdadeira liberdade*, que é também felicidade real. O espectro da morte não tem poder sobre ela. Qual é a base verdadeira desse novo estado de consciência? Creio que a chave de todos estes estados superiores é a capacidade de olhar objetivamente para nossas personalidades e poder dizer: "*Sei onde está o Ser e onde está o não-ser*".

A prática da vida quotidiana consiste em uma crescente experiência de que as formas não são reais, e somente é real o que não tem forma. Mas, *não é raciocinando que podemos criar tal concepção*; ao contrário, é antes a suspensão de qualquer raciocínio, e isso é muito mais difícil do que qualquer espécie de esforço intelectual.

Parece-me que há uma lei de acordo com a qual. uma vez deixado o campo do pensamento e interrompido o funcionamento da mente, o novo estado de consciência, independente do pensamento, surge necessariamente. A muitas pessoas essa possibilidade pode parecer absurda, pois elas instintivamente se agarram às palavras infelizes — ou talvez apenas mal expressas —, de Descartes: "*Cogito, ergo sum*" ("Eu penso, logo existo").

Mas existe certamente um poder em nós que pode controlar a mente-cérebro e guiá-la como guiamos os movimentos dos dedos de nossa mão. O segredo está, sem dúvida, na capacidade de "parar" a atividade da mente-cérebro.

No princípio é uma tarefa árdua, requer esforço e luta, mas logo se torna uma fonte de felicidade. Será possível adquirir isto sem a assistência de um Mestre, de um Ser que alcançou esse resultado, e que é agora uma fonte de paz real e que a irradia em todas as direções? Não sei, não tenho certeza disto, A maioria dos hindus crê que isto não é possível sem um Mestre.

Sei que nenhum problema me preocupa agora. A própria existência dos problemas, diz Maharshi, é prova de nossa ignorância espiritual. É bem verdade, pois a própria apresentação de um problema significa uma tentativa de reduzir a Realidade ao nível mental, e isso equivale ao esforço

de apanhar água com uma peneira. Mesmo um vaso comum não pode reter uma substância sutil, etérea. A compreensão de tudo isso se dá somente quando podemos transcender as limitações da mente-cérebro; antes desse alcance, é somente repetição de palavras vazias.

Estou sentado só, num canto da sala. O sol vai desaparecendo no horizonte — o seu grande disco vermelho está mergulhando no oceano; metade já desapareceu nas águas prateadas no horizonte.

Há paz na natureza e há paz em mim. Paz é felicidade. Pois qualquer movimento prova a necessidade de mudança, e onde há mudança não há perfeição, pois a PERFEIÇÃO não necessita de *mudança*.

Sei que esta paz em mim não é definitiva, nem permanente, e pode ser apenas um REFLEXO, mas a própria existência de um reflexo prova que o arquétipo ali está. E nessa certeza está um poder que nos guia à meta e a torna atingível.

Como os sofrimentos e os prazeres do passado perdem toda a realidade e deixam de existir, assim todo o estado que não é perfeito deve desvanecer-se. O passado e o presente existem apenas na imaginação. Criados por nossa mente, que é apenas o processo do pensamento, eles devem permanecer com seu criador. É esta a razão porque, quando sustamos a corrente dos pensamentos, temos o primeiro vislumbre e contato com a imutável Realidade.

Fiz as pazes com o mundo. Que o mundo também esteja em paz. Quando cessam o bem e o mal, vem a paz imutável. Quando as vibrações mutáveis deixam de existir em nossa consciência, retornamos à paz, que é tudo. A paz existe sempre e em toda parte, mas a consciência não espiritualizada dos seres humanos — que em sua ignorância creem em existências separadas —, não vê essa paz.

Tive o privilégio de ver como é o ser humano que obtém essa paz. Vi olhos que falavam desta paz sem palavras. Sei que jamais esquecerei — é absolutamente impossível — o que a luz nos olhos de Maharshi me transmitiu E apesar de a distância física entre mim e o lugar onde eles ainda estão brilhando, aumentar a cada minuto; apesar da circunstância de que esses olhos se fecharão em breve para o mundo visível, a sua linguagem

falará nos corações de todos aqueles que uma única vez os viram e aceitaram a sua luz.

O poder do Supremo que brilha através desses seres escolhidos jamais se extinguira. Seja abençoado em nossos corações esse poder. Se essa luz se manifestasse em todo o seu estupendo poder, cegar-nos-ia e reduziria a cinzas a nossa fragilidade.

Entretanto, olha-nos com amor e bondade através dos olhos daqueles que, por seu incrível esforço, mergulharam nela a sua consciência, alcançando a *União*.

XLIX.

A Luz está brilhando

Marharshi deixou este mundo. Mas aqueles que compreenderam sua missão, sua mensagem e seu ensinamento, não ficaram órfãos. Ele ainda vive em seus corações e sua influência crescerá à medida que eles avançarem rumo à verdade.

Eles não choram a partida do seu amado Mestre e Amigo. A mesma luz continua a brilhar nos seus discípulos espalhados por todo o mundo, porque ela é também o íntimo leme de cada um deles.

Quando, há muitos anos, um de seus discípulos disse que queria permanecer a todo custo no *ashram* para estar sempre na proximidade física de *Bhagavan*, Maharshi disse-lhe: “O Ser espiritual que habita em ti é o “*Bhagavan*” real, e isto tu tens que realizar”.

Pode haver uma concepção espiritual mais elevada? Ao descobrir nosso próprio Eu real, descobrimos ao mesmo tempo nosso amado Mestre. E não há outro caminho. *Esse Eu é tudo*. E nada existe *além dele* ou *separado dele*. Assim, é inútil buscar outra coisa que não o Eu, pois tudo o mais é ilusão.

❖❖❖

Num recanto tranquilo da Índia, perto do lugar do último repouso do Sábio de Arunáchala reúnem-se todos os dias os remanescentes discípulos e devotos do Mestre. Cantam os mesmos hinos que eram cantados no templo, quando o Mestre estava vivo.

O silêncio reina em toda a sua pureza em derredor e nos corações daqueles que tiveram o privilégio de testemunhar a missão de Maharshi. Meus amigos indianos, em suas cartas, chamam ao estado atual de Maharshi *Mahasamadhi*, que pode ser traduzido como “a grande união” ou “a grande e final contemplação'’, o que expressa, pelo menos em parte, o belo termo sânscrito.

A despeito do fato de que densas e pesadas trevas estejam envolvendo a Humanidade, nesta fase crítica de sua evolução, é inegável o fato de que verdadeira beleza espiritual e grandeza irresistível atraem muitos de nós, e esta é a melhor prova de que futuras possibilidades se ocultam em todos os corações. Sempre foi assim. E assim sempre será.

Os Grandes Mestres que desceram à Terra para espalhar luz sobre os caminhos da Humanidade, sempre tiveram a seu redor um grupo destinado a ser o solo fértil no qual as sementes abençoadas da sabedoria verdadeira caíram, não para secar, mas para germinar.

O fenômeno de Maharshi é mais uma prova de que os caminhos da Providência são adaptados às fases de evolução alcançadas pela Humanidade em cada época. Agora que os habitantes de nosso planeta se tornaram, de algum modo, mais desenvolvidos, ao menos no que concerne à massa da Humanidade — não me refiro a indivíduos excepcionais —, os ensinamentos espirituais tinham de ser dados em forma adequada.

Quando muitas religiões e seitas questionavam entre si, havia necessidade de apresentar a verdade de modo que transcendesse todas as muralhas que enclausuravam as crenças particulares. E isso foi feito por Maharshi. Seu ensinamento pode ser aceito por qualquer homem que busque sinceramente a Deus e a verdade, independentemente da religião em que foi educado.

Há também o fato de que, à luz dos ensinamentos de Maharshi, as verdades contidas nas Escrituras Sagradas de todas as religiões podem facilmente serem compreendidas, e suas aparentes contradições cessam de existir para aspirantes sinceros da verdade.

O autoconhecimento, de acordo com os métodos experimentais dos grandes Ríshis da Índia, nos guia a uma síntese religiosa. Vemos que Buda,

Cristo e os mensageiros menores ou menos conhecidos, todos falaram da mesma realidade: somente o modo da apresentação varia de acordo com as necessidades da época e as possibilidades da compreensão humana. Desaparecem todo o fanatismo e intolerância, obstáculos grandes em nossa busca de Deus.

É por causa destas duas pragas que fanatismos e despotismos políticos e sociais surgem e seus efeitos devastadores aparecem em nossos tempos.

Maharshi toca na verdadeira causa de todos os crimes e desgraças que afligem a Humanidade, declarando: "*Todos os pecados e maldades surgem da falsa ideia que leva os homens a identificar-se com seu corpo. Não há pecado no qual o motivo do egoísmo e essa identificação com o corpo não possam ser descobertos*".

É evidente que todo mal remonta a esta causa. Similarmente, a afirmação oposta "*Eu não sou esse corpo; Eu sou o espírito eterno que habita temporariamente neste veículo de carne*", erradica fundamentalmente todas as causas do mal.

Esta é a essência da mensagem de Maharshi, um dos últimos grandes Ríshis da Índia, conforme pude compreender

L.

A Última Mensagem

Está quase terminada a leitura deste livro. Alguns, bocejando, o colocarão na estante, outros cismarão sobre ele, pensarão no discípulo desconhecido e em seu Mestre. Antiga tradição oculta diz que toda obra sobre assunto espiritual deve ser lida pelo menos sete vezes. E que somente na sétima leitura o estudante penetra no campo revelado.

Li a pequena obra de H. P. Blavatsky, *A Voz do Silêncio*, mais ou menos sete vezes sete e, em cada vez que a lia, mais luz fluía de suas páginas. Deu-se o mesmo com a obra *Viveka Chudamani* (A Joia Suprema da Sabedoria) de *Sri* Sankaracharya. O método se provou sadio e prático.

Se tiverdes tempo e a perseverança necessária, o silencio trazido pela *Vichara* fará vossa mente irrequieta parar e o Real se manifestará. Não tenteis apressar o processo. Este livro talvez tenha sido escrito para vós; não para vosso “eu” exterior, mas para o Eu real. Pois estes dois “eus” são um.

Muitas vezes surgem perguntas que vamos antecipar, respondendo a algumas delas.

O caminho que o grande Ríshi apresenta é apropriado para vós? Ao ler ou escutar os ensinamentos e biografias dos gênios espirituais, a quem chamamos santos ou sábios, vosso coração se enternece e sentis que mergulhais na corrente espiritual invisível; sabeis, então, que pode ser um chamado para vos. Não extingamos esses movimentos delicados da flama espiritual que está oculta no recesso da nossa personalidade. Se em tais momentos, todo o vosso ser se funde num veemente desejo de segui-lo, a esse ainda desconhecido, porem já amado Mestre, então, na realidade ele

vos está chamando.

É este o único modo como ele vos pode chamar — de dentro de vosso ser, e não de fora. Se virdes como através da claridade de uma luz toda a irrealidade do mundo visível, inclusive a forma temporária e limitada que, até então, se chamava vós, então preparai-vos para a grande peregrinação. Esquecei o passado e o futuro, os mesquinhos objetivos de vossa transitória existência física; daqui por diante somente pode interessar-vos o eterno, imutável, e glorioso presente.

Tudo o que estiver fora disto é vosso falso ego — a vossa vampiresca personalidade, a vossa *Maya* — o reino do irreal. Se não surgir em vós irresistível desejo para seguir este caminho; se não puderdes compreender o que realmente significa este caminho, então é evidente que o vosso tempo ainda não chegou, e os caminhos comuns da vida ainda serão mais apropriados para vós.

Ser honesto, bom, e sentir simpatia para com tudo é requisito necessário para o caminho direto, o qual se vos revelará por si mesmo no tempo devido.

Não quero ocultar as dificuldades que certamente encontrareis no vosso caminho. Portanto, deveis saber que criar o mal pelo pensamento, atos ou sentimentos, quando estamos no caminho, nos conduzirá ao perigo e à catástrofe. Assim disse o Senhor Buda:

"*Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer o bem, purificai vosso coração*".

Essas são as qualidades que se desenvolvem no discípulo quando se empenha realmente na *Vichara*. A *Vichara* cria essas virtudes. Isto é lógico. Quando cessais de reconhecer o vosso ego, onde o motivo de fazer o mal? Quando o ego desaparece, todo o mal se vai com ele.

O cumprimento dos três mandamentos acima produz o santo. E a santidade é o primeiro passo real para a libertação ou autorrealização. Não duvideis dessa afirmação. Há, atualmente, no mundo mais santos do que muita gente supõe. E nem todos usam roupas de monges ou têm a cabeça raspada. Podem parecer-se com homens comuns. O santo somente pode ser

conhecido quando ele mesmo quiser revelar-se. E sua vida, aparentemente, não difere da dos outros. Somente um contato íntimo com ele revelará sua santidade.

Um sábio iogue disse certa vez: "*Se a flor tiver mel, a abelha a achará. Não será a flor que irá procurar a abelha*".

Assim se dará com a vossa entrada no caminho e discipulado de um Mestre. Como a abelha encontra a flor, assim vós encontrareis o Mestre. *Sri* Ramana Maharshi disse a seus discípulos mais íntimos:

"*Não há alternativa para vós; tereis de aceitar a irrealidade do mundo, se estais buscando a verdade e somente a verdade. Pela simples razão de não abandonardes a ideia de que o mundo é real, vossa mente o buscará sempre. Se tomardes a ilusão como realidade, jamais conhecereis o Real, ainda que unicamente o Real exista*".

Estas palavras suo de grande importância para o aspirante. E como o discípulo realiza essa condição? Ela se apresentará gradualmente, irresistivelmente, à medida que a *Vichara* prossegue. Praticamente, experimentareis a sensação de estardes separados de vossa forma física visível. Andando falando e desempenhando diferentes atividades, começareis a sentir que estais além e acima da forma que atua.

É uma maravilhosa sensação de liberdade e de beatitude. Não existem mais dúvidas nem temores. Esses momentos, no início, são raros, é verdade, mas com a continuação, tornam-se cada vez mais frequentes. Esses são os primeiros raios da luz do vosso Eu verdadeiro, que é a própria felicidade.

Há alguns anos, em meditação sobre o meu Mestre, eu o concebia como sendo o Senhor da Felicidade. E, quando o vi, entreguei-me a ele para sempre. Desde então o mundo não tinha mais atrativo para mim. Perdi meu pequeno eu, que se refletia na vida convencional.

As escrituras dizem: "Em total nudez deve o homem comparecer perante o Altíssimo".

Em toda parte, encontramos setas que nos orientam no caminho. Abandonando tudo encontramos tudo. O paradoxo se realiza, a verdade

mística se verifica.

Se somos infelizes, o erro é nosso. Portanto, não acrediteis que haja circunstância ou condições responsáveis pelas trevas em nós; é a mente-ego que engendra essa mentira. Porque o verdadeiro Eu não conhece limitação alguma.

É difícil, a princípio, compreendermos que não somou idênticos à nossa forma visível, no estado de sono; pois, devido a inúmeros séculos de existências em formas separadas, adquirimos o hábito de mergulhar nossa consciência nas trevas quando dormimos. Mas, à medida que a *Vichara* prosseguir, será iluminado, a seu devido tempo mesmo, esse baluarte de trevas.

Quando mergulhais no mar, o fazeis depois de terdes tirado a roupa; quando mergulhais no Eu no *samadhi*, deveis pôr de lado vosso ego externo — pensamentos e emoções têm de ser abandonados, pelo menos temporariamente, antes de ser experimentado o *samadhi*. Muitas obras poderiam ser escritas sobre essas experiências, mas seriam de pouca utilidade sem a prática da *Vichara*; tudo virá naturalmente, conforme diz Maharshi:

"*Conhecendo o Eu por meio da* Vichara, *encontrareis vosso Mestre dentro de vós mesmos*".

Compreendemos agora por que os discípulos do Mestre estão sempre conscientes da presença dele. Todo o aspirante sincero o encontrará no seu próprio coração, ainda que não o tenha visto em sua forma física. E essa presença invisível é tão potente como era sua forma física.

Há, contudo, estranho poder e inspiração nas fotografias de Maharshi. Se assim não fosse, ele jamais permitiria que fossem feitas.

Possa a graça do Grande Ser, a quem este livro e dedicado, iluminar vossos esforços!





EPÍLOGO

A triste notícia da partida de *Sri* Ramana Maharshi, do plano físico, espalhou-se pelo mundo e chegou até mim. Não desejo louvar nem comparar o grande Ser a cujos pés o Altíssimo permitiu que eu morasse, pois, como poderíamos nós, de nosso nível inferior de consciência, descrever exatamente o Ser cuja missão foi dar-nos algo de sua luz infinita? E para uma contribuição adequada à sua grandeza devemos pelo menos estar no mesmo nível de glória espiritual.

Tudo o que posso fazer, ao receber a notícia, é tentar transmitir o que encontrei em meu próprio coração.

O fulgor desses olhos luminosos de *Sri* Maharshi ficou gravado para sempre em minha memória, antes de deixar o *ashram*. E agora a notícia de sua morte está diante de mim. Quer isto dizer que seus olhos não podem mais irradiar a sua silenciosa iniciação? Seria absurdo.

Sei que essa luz não é material, embora tenha sido transmitida através de um corpo material. É um mistério, e não um paradoxo. Não encontrei em meu coração insistência para descobrir esse mistério através da mente. Senti que o fato assim era, embora inexplicável pelo processo pensante. Por isso, sua morte não me privou da realidade.

Estava eu tranquilamente sentado, como que em preparo para meditação. Mas desta vez o processo usual foi mudado. Ele viu talvez que o coração humano, ainda não liberto de todas as suas fraquezas, necessita, às vezes, de consolo. E então, em vez de um vácuo, a tão conhecida e amada figura surgiu diante de mim.

As tardes mais misteriosas e inspiradoras no *ashram* eram as em que cantávamos o belíssimo hino “Em Louvor ao Senhor do Universo”. *Sri* Maharshi evidentemente amava esse hino pois transparecia em sua fisionomia peculiar expressão de beatitude e deleite sobre-humanos. E eu sentia que os corações de todos os presentes, nessa hora beatífica da contemplação da tarde, estavam profundamente sintonizados. Talvez a sua penetrante visão interior visse o processo benéfico em nós e sua silenciosa bênção era a resposta.

Como podemos sondar o insondável? E agora experimento mais uma vez, como se todos os outros estivessem presentes, a mesma melodia belíssima, ouvida, então, com os ouvidos externos. Era como se eu revisse um filme, E já não havia mais tristeza. E como poderia ser de outro modo? O verdadeiro legado do Mestre jamais poderia ser outra coisa a não ser alegria, essa sublime e silenciosa alegria do Ser —, não perturbada pelas ondas do ilusório mundo circunjacente de *Maya*. Foi esta a paz que nos legou.

Mais tarde chegaram cartas de devotos dele em outros países. Meus amigos distantes descreviam como a trágica noticia os havia afetado. Faziam o possível para consolar-se a si mesmos e a mim, dizendo que a partida física do Mestre não podia romper nossos laços espirituais com ele. E, no entanto, a tinta das últimas linhas dessas cartas vinha muitas vezes borrada como que de lagrimas.

Dizem que o amor é a força que criou o Universo. Talvez seja, mas para mim a força desse radiante e desinteressado amor, como o dele, é exatamente o poder que purifica nossos corações, quando todos os outros são inúteis.

Nem os exercícios espirituais, nem outro método, pode dar ao discípulo a paz que o Mestre dá.

Sri Maharshi era o centro de amor para seus discípulos. Deixou-nos seu amor, e em que outra parte do mundo poderia ser encontrada uma força purificadora como essa, para trazer paz aos nossos corações?

Os aniversários de *Mahasamadhi* de *Sri* Maharshi virão uns após outros, e algum ano será o último para mim nesta Terra.

Mas, no último momento, ele estará comigo bem como com todos aqueles que o conheceram, e convosco que suspirais por conhecê-lo, supondo-se que guardeis até o fim o seu legado de amor.



Aqueles que sentem atração intuitiva para o caminho direto do grande *Ríshi* Ramana, conforme experimentou o autor e até certo ponto descreveu neste livro, talvez se interessem pelos seguintes passos que, mais tarde, foram dados pelo autor.

Agora que, da perspectiva de alguns anos, olho para trás, vejo que o processo que começou no *ashram* de *Bhagavan* prossegue ininterruptamente, modificando toda a estrutura interna do homem. Muitas coisas externas, assim como condições mundanas e laços cármicos, antes considerados como obstáculos, vão-se tornando agora irreais qual neblina que se desvanece.

As experiências interiores estão agora tomando forma mais firme e controlável, perdendo seu antigo caráter imprevisível e um tanto esporádico; pois agora são dirigidos por uma vontade irresistível que — misteriosamente —, está ao mesmo tempo DENTRO E FORA DO HOMEM.

O processo pensante dos anos passados desapareceu, e não pode ser recuperado. Em seu lugar, surgiu a experiência da perpétua Corrente Cósmica da mente; mas ela flui SEPARADA de minha consciência, exceto quando seleciono dela aquilo que necessito.

Isto significa que a antiga compulsão invencível de pensar incessantemente lá se foi para sempre e em seu lugar surgiu uma recém-nascida tendência, inteiramente natural, para permanecer no silencioso santuário do coração ou do Eu, onde nenhum pensamento e nenhuma emoção ousam penetrar.

Não é mais necessário esforço, conforme afirmou o Mestre em seus ensinamentos, e nenhum exercício é feito, como acontecia em outros

tempos.

Basicamente as experiências internas — descritas através de todo este livro —, não são de modo algum destituídas de sentido. Apenas perderam o caráter espontâneo. Não há necessidade de aprofundar aqui este assunto; porque ele será perfeitamente incompreensível para qualquer pessoa que ainda não tenha vivido aquilo que acabamos de descrever.

O processo do amadurecimento é antes algo automático, e todo o "planejamento" e cálculos concernentes ao "futuro", bem como todas as esperanças» temores e preocupações, pertencem ao passado morto.

Diz *Sri* Maharshi: "*Aquele que recebeu a graça do Guru será indubitavelmente salvo e jamais desamparado, justamente como a presa que caiu nas fauces do tigre nunca mais escapará*".

Com outras palavras: Uma vez encontrado o caminho, não poderá ser perdido — não importa quantas existências estejam ainda diante de nós.

Quanto mais se desgasta o meu invólucro físico com o correr dos anos — que tão depressa passam e demandam o seu fim natural —, tanto mais firme se torna a realidade interna (que palavras não podem exprimir), dirigindo todo o meu ser, criando uma espécie de consciência ininterrupta, que se torna cada vez mais ampla e mais profunda.

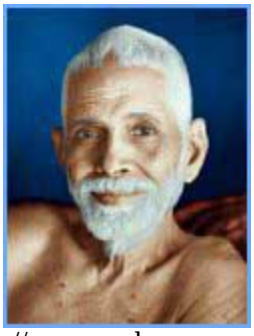
Vem-me à mente um tópico do Evangelho de São João: ''O que nasce da carne é carne e o que nasce do espirito e espírito".

Imaginação, visões, e outros produtos da atividade mental não existem ao caminho direto. A Realidade exclui todas as ilusões. Em vez disto acompanha-nos no caminho somente aquilo que poderia ser chamado de *beatitude ilimitada*, realização das nossas mais profundas e mais puras esperanças e anseios espirituais.

Tenho firme convicção de que existem — atualmente, neste mundo — muitas pessoas capazes de entrar neste caminho sublime, a única estrada direta que conduz ao Absoluto.

E é para essas pessoas — somente para elas que este livro foi escrito.

A elas estendo minha mão.



Sri Ramanha Maharashi (http://www.mahayoga.com.br/Va04-0/pt/pt-geral.htm)

Sobre o Autor



Mouni Sadhu é o pseudônimo místico adotado por **Mieczyslaw Demetriusz Sudowski** (1897–1972), ocultista, místico e autor polonês.

Quando jovem, na Europa, mergulhou no hermetismo (Tarot) e pertenceu a ordem Rosacruz; lutou nas duas Guerras mundiais na Europa; perdeu sua esposa (1939) na invasão da Polônia e não teve filhos; prisioneiro na 2ª Guerra Mundial, foi libertado em 1945 e se radicou na França onde iniciou seu estudo da filosofia de Maharshi. Morou no Brasil (1946) onde escreveu seu primeiro livro, e em 1948 emigrou para a Austrália.

Em 1949, ficou com *Sri* Ramana Maharshi (1879-1950), na Índia; como discípulo, decidiu adotar esse nome místico que em sânscrito significa *silêncio* (**mouni**) e *homem santo errante, asceta* (**sadhu**).

De sua obra, poucos livros foram traduzidos para português:

- Dias de grande paz
- Concentração
- Samadhi: a supraconsciência do futuro
- Meditação: princípios gerais para sua prática

Fontes (acesso janeiro/fevereiro 2019):

mounisadhu.com
wikipedia
ramanamaharshi-arunachala-shiva.blogspot.com

{1} *Shri*: tratamento respeitoso, como *Sri*, e equivale a “Senhor” no Brasil (**N.R.**)

{2} *Sri*: tratamento respeitoso, como “Senhor” no Brasil (**N.R.**)

{3} *Bhagavan*: do sânscrito, ***Bhagavān***, designa uma divindade, deiade, fonte do divino. A palavra é também muito utilizada como título honorífico identificando um líder espiritual que é considerado plenamente iluminado (**N.R.**)

{4} *Egoidade*: do inglês *egoity* literalmente: essência do ego ou da personalidade (**N.R.**)

{5} *Samsara*: do sânscrito, significa fluxo incessante de renascimentos dos seres, o que costuma ser visto como condição a se superar, se vencida a ignorância (**N.R.**)

{6} *Sri*: tratamento respeitoso, como “Senhor” no Brasil (**N.R.**)

{7} *Ashram*: Local onde fica o guru em conexão com a natureza e ministra ensinamentos a seus discípulos, pode também designar comunidade destinada à evolução espiritual de seus integrantes (**N.R.**)

{8} As palavras “yogue”, “yogi” ou “yoga” são estrangeirismo pelo Acordo Ortográfico (VOLP da Academia Brasileira de Letras) e são grafadas com “i”, salvo quando integrarem nome próprio (**N.R.**)

{9} Grafia atual da palavra “yoga” pelo novo Acordo Ortográfico (VOLP da Academia Brasileira de Letras) da língua portuguesa (**N.R.**)

{10} *Sri*: tratamento respeitoso, como “Senhor” no Brasil (**N.R.**)

{11} *Ríshi*: do sânscrito significa Sábio ou Santo na tradição pós-védica. Nos Vedas indicava poetas que os escreveram, inspirados pelos deuses hindus (**N.R.**).

{12} *Samadhi*: do sânscrito *Samādhi* ou *samádi*, significa *contemplação correta* ou *meditação completa* (última etapa na ioga, quando se tem o entendimento e a comunhão com o universo). O Autor indica como uma das formas da superconsciência, que é objeto de estudo em outro livro dele (**N.R.**)

{13} *Confiteor*: em latim, da liturgia católica, significa confissão, sem caráter sacramental (diante do Padre), feita, por exemplo, no início da missa, antes da comunhão, em devoções privadas; é uma oração (“eu me confesso”) onde se reconhece como pecador diante de Deus (**N.R.**)

{14} *Sadhu*: designa um místico, asceta, um praticante de ioga ou um monge hindu (**N.R.**)

{15} *Drávida* (ou dravidiano): etnia do sul do subcontinente indiano que compõe uma das populações mais antigas da Índia, bem como Paquistão, Afeganistão Bangladesh e *Sri* Lanka (**N.R.**)

{16} Sarí ou Sári: traje nacional feminino da Índia, constituído de uma longa peça de tecido, de cerca de 6 metros, que envolve e cobre todo o corpo (**N.R.**)

{17} *Darshan*: do sânscrito, literalmente significa *visão* ou *ter vislumbre* do com guru ou Mestre Realizado, espelhando a presença dele e sendo abençoado (**N.R.**)

{18} *Swami*: provém do sânscrito e significa *livre dos sentidos* ou *quem sabe e domina a si mesmo* sendo empregado àquele que apenas se dedica a seu crescimento espiritual, renunciando a tudo o mais.

{19} **Nota do Autor**: Na contração *maha rishi* pronuncia-se *maharshi*.

{20} **Nota da Editora**: *A Índia Secreta*, Ed. Pensamento

{21} Idiomas da Índia (**N.R.**)

{22} **Nota de Huberto Rohden**:
Nestas palavras Yogananda refere-se a um dos mais tenebrosos mistérios da existência terrestre do homem. Repetidas vezes, em meus livros e nos cursos de Filosofia Cósmica, tenho tentado esclarecer esse assunto — mas não creio que tenha sido compreendido por muitos.
Há uma solidariedade no gênero humano, tanto no bem como no mal. Ninguém é bom só para si, apenas individualmente, como ninguém é mau só para si. Cada um de nós é bom ou mau tanto para si como para os outros, para a Humanidade total. Neste sentido disse Mahatma Gandhi: "*Quando um único homem atinge a plenitude do amor, neutraliza o ódio de muitos milhões*". Poderíamos acrescentar: Quando um único homem desce às profundezas do ódio, faz mal a muitos milhões.
Ninguém pode herdar as maldades alheias — mas cada um pode sofrer males pelas maldades dos outros. A *culpa* é individual — mas a *pena* pode ser universal. Só eu posso ser autor das minhas maldades —, mas posso ser vítima de maldades alheias, sofrendo em mim próprio pelo débito dos outros.
Todo indivíduo humano é como uma célula no grande organismo da Humanidade; quando uma ou um grupo de células age contra as leis da vida, todas as outras células sofrem conjuntamente as consequências. Se as células do meu paladar ingerem veneno mortífero, sucumbem não somente elas, mas tandem as células dos meus pés, das minhas mãos, de todo o meu organismo, embora essas outras células não tenham "pecado" contra as leis da vida.
O homem profano comete maldades e sofre por suas próprias maldades.
O homem *místico* não comete maldades, mas sofre males pelas maldades dos profanos.
Somente o homem *cósmico* (crístico) está liberto tanto de maldades como de males compulsórios: não sofre por suas próprias maldades, porque não as tem, nem sofre compulsoriamente pelas maldades alheias, porque está plenamente liberto de maldades voluntárias e de males compulsórios.
Entretanto, o homem cósmico pode sofrer livremente pelas maldades alheias, a fim de pagar uma parte do debito {carma) coletivo da Humanidade, tornando-se assim um redentor do gênero humano. Sofre, não pelo doloroso determinismo do *dever*, mas pela gloriosa autodeterminação do *querer*, de um *amor* gloriosamente liberto de qualquer compulsão.
Nas páginas do Evangelho, os que ainda sofrem compulsoriamente — seja por maldades próprias (os profanos), seta por maldades alheias (os místicos) — são os chamados "filhos de mulher"; somente o que sofre livremente, por amor, é chamado "filho do homem"; nada menos de 82 vezes ocorre esta expressão ‘‘filho do homem", sempre e exclusivamente aplicada ao Cristo, na pessoa de Jesus. O próprio João Batista, embora altamente espiritual e místico, ainda é chamado "filho de mulher".
O profano é um *non-nato*, ou nasciturno.
O místico é um *semi-nato*, ainda preso ao cordão umbilical da Humanidade, essa mãe universal.
O homem cósmico é um pleni-nato, totalmente liberto de qualquer cordão umbilical, tanto da maldade livremente cometida, como também das males compulsória mente sofridos.
Somente o homem cósmico, crístico, e um *pleni-nato*, o verdadeiro "filho do homem". Parece que, até hoje, esse homem *pleni-nato, pleni-liberto*, esse "filho do homem", apareceu uma única vez na face da Terra.
Semi-redentor é todo o místico — *pleni-redentor* é somente o homem cósmico, o "filho do homem", porque, não tendo débito próprio, nem sofrimento alheio obrigatório, pode, em plena liberdade, pagar pelos débitos alheios.
Huberto Rohden

{23} *Vichara*: termo sânscrito que designa o processo, popularizado por Maharshi, de investigação da nossa verdadeira natureza, de quem somos realmente, através de prática de meditação, com a questão: *Quem sou eu?* (**N.R.**)

{24} *Mantram* ou *Mantra*: é um instrumento de pensamento, composto por silaba ou por frases em sânscrito, que, pronunciadas repetidamente induzem relaxamento, visando alterar o estado de consciência. Não deixa de ser um tipo de encantamento ou de oração, cuja origem é o livro dos Vedas (**N.R.**)

{25} *Shri*: tratamento respeitoso, como *Sri*, e equivale a "Senhor" no Brasil (**N.R.**)

{26} *Mantram Gayatry* é um louvor à divindade, onde cada sílaba em sânscrito possui significado místico de muito poder, de acordo com os crentes; encontramos uma tradução dele para português: "*Ó Deus da vida que traz felicidade // Dá-nos tua luz que destrói pecados // Que a tua divindade nos penetre // E possa inspirar nossa mente*" Fonte: site eusemfronteiras.com.br (https://bit.ly/2Bg0ueQ) acesso em fevereiro/2019 (**N.R.**)

{27} ***Maya*** (do sânscrito, māyā) possui vários significados, mas em geral, refere-se ao conceito filosófico de que a ilusão constituiria a natureza do universo e seria o principal obstáculo ao desapego necessário à conquista iluminação pelo indivíduo (**N.R.**)

{28} *Prana*: do sânscrito *Prāna*, sopro de vida; segundo o hinduísmo é a energia vital universal que permeia o cosmo, absorvida pelos seres vivos através do ar que respiram dando-lhe sustentação. Este conceito, dessa energia, também existe na China (Qi) e no Japão (Ki: Rei-ki, Reiki) e pode ser derivado do hinduísmo (**N.R.**)

{29} *Hatha Yoga*: Um dos tipos de Ioga (o caminho da iluminação e do autoconhecimento) que é associado à prática de posturas e exercícios de respiração e se apresenta dividido em vários ramos (clássica, aṣṭanga, iyengar, etc.) (**N.R.**)

{30} *Atman* ou *Atma* significa alma ou sopro vital (**N.R.**)

{31} *Sine qua non*: expressão em latim que significa: "sem a qual não" ocorre um determinado resultado ou efeito (**N.R.**)

{32} *Sannyasin*: palavra originada de *Sannyasi;* é quem renuncia a todos bens materiais, prazeres, vida familiar, personalidade e vida social para se dedicar apenas à libertação mental (**N.R.**)

{33} **Nota de Huberto Rohden**
O que o autor entende com a "graça do Mestre*', a que se refere frequentemente, é a aura ou irradiação espiritual do seu ser, do seu Eu divino altamente potencializado.
É este um dos fenômenos mais sutis do mundo espiritual. O que, em última análise, atua sobre os homens, o que os predispõe diretamente para a conversão final — sem violentar o seu livre arbítrio —; é esse invisível magnetismo metafísico, essa poderosa vibração do seu Cristo interno, que vem da fonte divina do mestre e flui através de seus canais humanos.
O que atua decisivamente sobre os outros nunca é aquilo que dizemos, fazemos ou pensamos na dimensão do nosso ego, mas sim aquilo que somos realmente nas profundem do nosso ser verdadeiro, do nosso Eu real.
Para que o discípulo seja beneficiado por essa graça ou irradiação do mestre, deve ter atingido elevado grau de receptividade. "*Quando o discípulo está pronto — então o mestre aparece*".
Um pedaço de lenha só pega fogo pelo contato com uma chama acesa, quando está perfeitamente seco; se está molhado, a chama não lhe pode transmitir o seu fogo.
Tudo depende do grau de receptividade do homem para que a graça divina possa atuar sobre ele.
Entretanto, persiste o mistério: por que deve a graça divina estar individualizada em algum ser humano, para que outro homem seja afetado por ela?
Aqui é que estamos diante do mistério máximo da "encarnação do Verbo". É também esta a razão por que o Cristo diz: "*Ninguém pode vir ao Pai a não ser por mim*". Quando o Verbo encarnado, o Cristo humanado, está intensamente presente em alguém, então acontecem coisas estupendas…
Huberto Rohden

{34} Vásanas (Vāsanā em sânscrito) é uma tendência comportamental ou impressão passada (ou formada), ou a consciência (ou vida) presente de percepções passadas que influencia o comportamento atual de uma pessoa. Pode-se dizer anseio por algo, inclinação, tendência latente ou subsconsciente nas pessoas (**N.R.**)

{35} Bombay (*Bombaim* em português) oficialmente *Mumbai* desde 1995, é o maior centro comercial e econômico da Índia; tem mais de 20 milhões de habitantes na sua região metropolitana (**N.R.**)

{36} Texto em latim conforme o original fotografado e revisado, assim como a respectiva tradução, imediatamente após (onde encontramos discrepâncias).
Hissope: instrumento utilizado para aspergir água benta, usual no catolicismo (**N.R.**)

{37} Conforme o original. Refere-se ao capítulo ***XXII. A "Corrente-EU"*** (**N.R.**)

{38} NOTA: Tradução por Mohini M. Chaterji, de um compêndio de Filosofia Raja Ioga, compreendendo os tratados principais de Shrimat Shankaracharya e outros autores de renome, por Tookaram Tatya (Bombaim, 1888).

{39} **Nota de Huberto Rohden**
A palavra bíblica "justiça" (*dikaiosyne* em grego, *justitia* em latim em latim) significa ajustamento ou harmonia entre o homem e Deus.
Nada tem a ver com o que hoje entendemos por justiça, no sentido social.

{40} No Brasil é publicado pela Satsang Editora (2ª Edição, 2016) "*Maha Yoga: A Yoga de Sri Ramana Maharshi*" por *K. Lakshmana Sarma* (***Who***). Tradução: Niraj (**N.R.**)

{41} *Brahma-Yugas* é uma das medidas de tempo dos *Vedas* (livros sagrados hinduísmo). Dando noção: um "dia" de Brahma seria algo como bilhões de anos humanos definidos no ocidente (**N.R.**)

{42} Todos os seres citados são deuses hindus (**N.R.**)

{43} *Kalpa* é uma das medidas de tempo (ciclos) dos *Vedas* (livros sagrados hinduísmo); ver esclarecimento em nota de rodapé, acima, sobre Brahma-Yuga (**N.R.**)

{44} *ParaBrahman* ou *Paramatman* significa em sânscrito Princípio Uno, essência de tudo o que forma o cosmo, Eterno, Sem Limites, que permanece Não-Manifestado e escapa à capacidade, compreensão e inteligência humanas segundo os Vedas (**N.R.**)